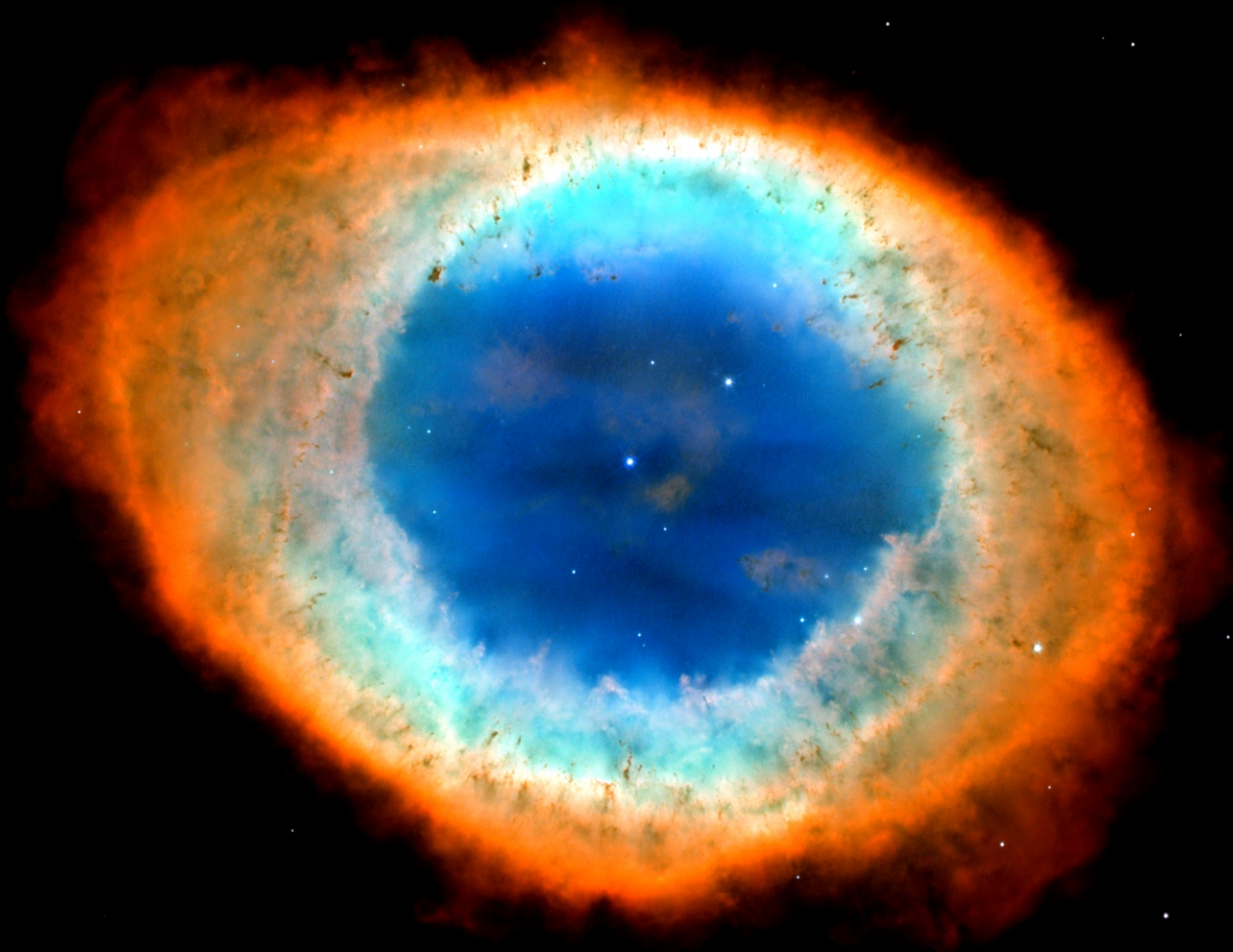


REVISTA COSMOVNI

Publicação do Grupo Ufológico Pato Branco - PATOVNI

ISSN 2675-8466

Ano 2 | Número 2 | Junho 2021



Tasca Editorial



INSTITUTO FILOSÓFICO

ÔMEGA

REVISTA COSMOVNI

**PUBLICAÇÃO DO GRUPO
UFOLOGICO PATO BRANCO | PATOVNI
NÚMERO 2. SEMESTRAL. 2021. ISSN 2675-8466**



**Tasca Editorial
Pato Branco - 2021**

GRUPO UFOLÓGICO PATO BRANCO | PATOVNI

EQUIPE

Coordenador: Flori Antonio Tasca
Diretor cultural: Rudinei Campra
Diretora de eventos: Solange Tasca
Colaboradores: Alana Amaral
Diego Tesser
Jeferson Eduardo Matielo

Revisão: Henrique Luiz Fendrich
Diagramação: Diego Tesser
Capa: Nebulosa do Anel | HubbleSite
Imagem Interna: Nebulosa de Orion (parcial) | HubbleSite

R454

Revista COSMOVNI. / Flori Antonio Tasca (editor). Número 2. Semestral--
Pato Branco: Tasca Editorial, junho de 2021.
201 f. : il.

ISSN: 2675-8466

1. Ufologia. 2. Cosmologia. I. Flori Antonio Tasca, editor. II. Título.

CDD - 501

Ficha Catalográfica elaborada por
Maria Juçara Vieira da Silveira CRB9/1359

REVISTA COSMOVNI
PUBLICAÇÃO DO
GRUPO UFOLOGICO PATO BRANCO
NÚMERO 2. SEMESTRAL. 2021. ISSN 2675-8466

COMPOSIÇÃO

EDITOR

Flori Antonio Tasca

CONSELHO

Douglas Albrecht

Fernando Manuel Araújo Moreira

Fred (Frederico) Guilherme Vega Morsch

Lallá Barretto (Maria Luiza Barretto)

Marco Antonio Petit

Marco Aurélio Leal

Monica Silvia Borine

Pedro Barbosa

Ricardo Varela Correa

Roger (Rogério) Rumor

Toni Inajar (Inajar Antonio Kurowski)

Van Ted (Vania Segura Tedesco)



Tasca Editorial
Pato Branco - 2021

SUMÁRIO

EDITORIAL.....01

**OFICIALIZAÇÃO DA VIDA EXTRATERRESTRE
MARCO ANTONIO PETIT.....05**

**EXOANTROPOLOGIA: A BUSCA POR OUTRAS HUMANIDADES
LALLÁ BARRETTO.....22**

**ASPECTOS EXOPOLÍTICOS DE RELATOS EXCÊNTRICOS
FLORI ANTONIO TASCA.....38**

**COSMOS – MATÉRIA – TEMPO: MAIS PERGUNTAS
QUE RESPOSTAS | DOUGLAS ALBRECHT.....71**

**VISÃO REMOTA: UMA HABILIDADE HUMANA QUE
PODERIA COMPROVAR A VIDA EXTRATERRESTRE?
MARCO AURÉLIO GOMES VEADO.....83**

**OS MENSAGEIROS: CORUJAS, SINCRONICIDADE E ABDUÇÕES
ALIENÍGENAS | CLÁUDIO TSUYOSHI SUENAGA.....96**

**UFOCRIPTOGRAFIA – O *DESIGN* INTELIGENTE
BËN MÄHREN QADËSH.....110**

**ENSINO SOBRE CIVILIZAÇÕES NÃO HUMANAS DO PASSADO:
UMA IMPOSSIBILIDADE POLÍTICA? | RUDINEI CAMPRA.....119**

**COMUNICAÇÃO COM SERES ALIENÍGENAS:
UMA ABORDAGEM EXOSSEMIÓTICA | PEDRO BARBOSA.....135**

EDITORIAL

É fora de dúvida que, tanto para a Cosmologia como para a Ufologia, há uma série de fenômenos misteriosos que ainda não tiveram respostas satisfatórias para explicá-los. Por outro lado, é inegável que, quanto mais nos debruçamos sobre esses enigmas, maior é a chance de chegarmos perto dessas respostas. O Número 2 da Revista Cosmovni oferece a seus leitores nove artigos de pesquisadores que se propuseram a refletir sobre a realidade do Universo e da nossa interação com civilizações de outros planetas, na esperança de que assim a nossa “situação” no Cosmos se torne mais clara.

No primeiro artigo, “Oficialização da vida extraterrestre”, Marco Antonio Petit trata de um evento histórico que parece cada vez mais próximo: o reconhecimento da ciência de que existe vida em Marte, ainda que de forma microbiana. Petit explica que os governos já sabem que existe vida inteligente em outros planetas, mas essa realidade tem sido acobertada ao longo do tempo. Como tem sido cada vez mais difícil desmentir tudo o que a Ufologia tem demonstrado, a revelação da vida em Marte é vista como um passo inicial para informar a humanidade sobre os extraterrestres.

Na sequência, Lallá Barretto aborda em “Exoantropologia: A busca por outras humanidades” o relato de testemunhas oficiais que sustentam ter tido contato direto com uma Entidade Biológica Extraterrestre (EBE) que sofreu um acidente no célebre “Caso Roswell”, em 1947. Valendo-se das descrições feitas principalmente por Philip Corso, a autora reflete sobre as possíveis características biológicas, psíquicas e culturais desses alienígenas, em um verdadeiro exercício de antropologia aplicada à interação com seres de outros planetas, daí resultando a área que chama de “Exoantropologia”.

No artigo seguinte, “Aspectos exopolíticos de relatos excêntricos”, resgato três relatos ufológicos brasileiros dos anos 1950 em que os abduzidos foram literalmente levados ao espaço, sendo que dois deles tiveram inclusive a oportunidade de visitar mundos alienígenas. Relatos como esses fascinam, mas é preciso estar atento às implicações políticas de uma realidade em que seres humanos são levados arbitrariamente a outros planetas. A Exopolítica parece ser a principal estratégia para a humanidade se posicionar em um cenário de múltiplas civilizações cósmicas.

Sob a perspectiva da cosmologia, Douglas Albrecht aborda no artigo “Cosmos – Matéria – Tempo: Mais perguntas que respostas” detalhes de como se acredita que tenha ocorrido o “Big Bang”, evento tradicionalmente aceito como o início do nosso Universo. Tendo como base o trabalho dos astrônomos John D. Barrow e Joseph Silk, o autor verifica os detalhes que sustentam a teoria da expansão do Cosmos, até chegar ao resultado atual. Ao mesmo tempo, aproveita-se para analisar em que medida o Big Bang pode trazer respostas às questões fundamentais da humanidade.

Já Marco Aurélio Gomes Veado, em “Visão remota: Uma habilidade humana que poderia comprovar a vida extraterrestre?”, promove reflexão sobre a “visão remota”, ou seja, a capacidade do ser humano em se deslocar no tempo e no espaço só com o uso da mente. Essa habilidade psíquica foi largamente utilizada por Estados Unidos da América e União Soviética durante a Guerra Fria e pode servir também para que a humanidade trave conhecimento com civilizações extraterrestres. As pesquisas de Ingo Swann sugerem que a humanidade está diante de possibilidades fantásticas e revolucionárias.

Cláudio Tsuyoshi Suenaga, por sua vez, destaca uma estranha coincidência, nem sempre percebida por ufólogos: a presença de corujas nos momentos imediatamente anteriores ou posteriores a uma abdução alienígena.

No artigo “Os mensageiros: Corujas, sincronicidade e abduções alienígenas”, o autor trata da figura mística da coruja, relaciona casos ufológicos em que elas estiveram presentes e cogita que os alienígenas podem utilizá-las como forma de não assustar os seres humanos. Por fim, relata a sua experiência em um bar onde as corujas são o centro da atenção.

No próximo artigo, “Ufocriptologia: O *design* inteligente”, Bën Mähren Qadësh (Paulo Sergio Batalini) sustenta que a criação do ser humano por seres alienígenas deixou evidências de manipulação genética na própria Bíblia. O livro sagrado é visto como um código, sendo que algumas de suas mensagens criptografadas somente puderam ser decifradas em nossa era. Traduções defeituosas da Bíblia, porém, esconderam uma realidade: a de que o texto faz referência ao código genético da humanidade. O Gênesis, em suma, comprova a já descoberta assinatura do Criador em nosso DNA.

Outra contribuição é feita por Rudinei Campra, que, no artigo “Ensino sobre civilizações não humanas do passado: Uma impossibilidade política?” questiona os motivos para que o sistema de ensino brasileiro não leve em consideração as consistentes evidências de que a Terra foi visitada em seu passado por outras civilizações inteligentes, superiores à nossa. A hipótese para a indiferença das instituições educacionais é que elas estejam mais preocupadas com a manutenção do controle político da população, propósito para o qual a pesquisa de nossas origens não parece ser relevante.

Por fim, Pedro Barbosa, no artigo “Comunicação com seres alienígenas: Uma abordagem exossemiótica” resgata as tentativas humanas de entrar em contato com civilizações alienígenas e sugere, com base em relatos de abduzidos, que a forma preferencial de comunicação dos extraterrestres é a telepática. A partir disso, surge a necessidade da adoção do conceito de “Exossemiótica” para se referir à nossa comunicação com outras civilizações. O autor analisa quatro casos ufológicos portugueses e verifica os meios utilizados para a interação de humanos e alienígenas.

São, portanto, reflexões das mais valiosas as desta edição, por meio das quais se espera contribuir, por pouco que seja, para que a humanidade forme um panorama mais claro do grande esquema cósmico a que todos nós estamos sujeitos. Muitas perguntas ainda permanecerão, mas então nós já teremos avançado um pouco e estaremos mais aptos para, um dia, ter acesso às respostas que buscamos desde os primórdios da humanidade.

Boa leitura!

Pato Branco, Paraná, junho de 2021.

Prof. Dr. FLORI ANTONIO TASCA – Editor



OFICIALIZAÇÃO DA VIDA EXTRATERRESTRE

MARCO ANTONIO PETIT

RESUMO

A humanidade se aproxima de um momento histórico, quando haverá o anúncio oficial de que foi descoberta vida em Marte, mais especificamente a vida microbiana. Trata-se, ao que tudo indica, de um passo inicial para a progressiva divulgação da realidade alienígena no Universo. A humanidade já teve, ao longo de décadas de exploração espacial e pesquisas ufológicas, evidências bastante expressivas de que não apenas a vida microbiana é uma realidade em planetas como Marte, mas também que há civilizações muito avançadas tecnologicamente que já estão há muito atuando no planeta Terra, onde, inclusive, têm as suas próprias instalações. Do mesmo modo, a Lua e demais satélites e planetas do Sistema Solar já são utilizadas por espécies alienígenas, com propósitos ainda não compreendidos. Toda essa realidade de interação com extraterrestres tem sido ocultada por “gestores do acobertamento”, que repetidas vezes tiveram que desmentir as evidências que já indicavam a existência de vida fora da Terra. Agora, no entanto, vive-se um momento em que já não se pode esconder a realidade, mas, considerando que a revelação de toda a verdade pode ser traumática, tenta-se iniciar pela divulgação da vida microbiana em Marte. Esse evento, contudo, já tem implicações muito significativas para toda a humanidade.

PALAVRAS-CHAVE

Marte. Vida alienígena. Acobertamento. UFOs.



SOBRE O AUTOR

MARCO ANTONIO PETIT, nascido em maio de 1957, começou a investigar o fenômeno UFO em 1975. Em

1979, ao proferir sua primeira conferência, foi premiado no I Encontro Nacional de Teses Ufológicas (Rio de Janeiro-RJ) com trabalho que relacionava os discos voadores à origem da humanidade. Desde então, tem proferido centenas de conferências no Brasil e no exterior, sendo reconhecido nos meios de comunicação nacionais e estrangeiros como um “expert” no tema. Investigou e/ou divulgou os principais casos da Ufologia militar brasileira, como o Caso Trindade, Vôo 169 da Vasp, Operação Prato, A Noite Oficial dos UFOs e o Caso Varginha. Foi coeditor da Revista UFO desde sua criação até dezembro de 2018, tendo sido o articulista que mais publicou artigos na história do periódico. Como membro da Comissão Brasileira de Ufólogos, foi cocriador da campanha “UFOs – Liberdade de Informação, Já”, que resultou na liberação de documentos secretos sobre a presença dos UFOs no Brasil. Autor de 12 livros de cunho ufológico, é hoje o principal investigador brasileiro de imagens que estão sendo liberadas pela NASA, com identificação da presença alienígena em vários pontos do sistema solar. É Conselheiro do PATOVNI.

Contato: marcoantoniopetit@gmail.com

MOMENTO HISTÓRICO

Estamos vivendo, sem dúvida, um momento histórico rumo ao encontro de nosso verdadeiro lugar no universo. Poucos dias atrás, fiz uma busca usando "palavras-chave" no Google de informações e notícias na mídia para ver até que ponto poderia encontrar, nas últimas décadas, uma espécie de antevisão do que está acontecendo agora, relacionado diretamente à oficialização iminente da descoberta de vida em Marte. Não encontrei, como na verdade já tinha conhecimento, muita coisa, mas na verdade existem algumas matérias que já indicavam, mesmo de forma tímida, essa realidade, por mais que os leitores, nas épocas que esse material foi publicado, não tivessem essa percepção.

Já faz muitos anos que fiz a previsão sobre a escolha de Marte para a admissão inicial da existência de vida extraterrestre, o que em breve se tornará realidade. Além de tudo que já apresentei em minhas conferências, seminários, em meu livro “Marte – A Verdade Encoberta” e agora no “Projeto Marte Revelado”, que diz respeito diretamente a tudo que já foi descoberto no Planeta Vermelho, existem outros motivos dentro de todo o processo que envolveu o acobertamento mundial em relação ao assunto e eu não poderia deixar de abordar esses aspectos nesse momento crucial de nossa história.

GOVERNO OCULTO

Desde que aconteceu a queda do UFO em Roswell no Novo México no ano de 1947, com o início progressivo do acobertamento mundial da questão extraterrestre, foi sendo constituída uma espécie de poder paralelo, ou “governo oculto”, que passou a gerir o sigilo em relação a tudo relacionado à presença de outras civilizações cósmicas no planeta.

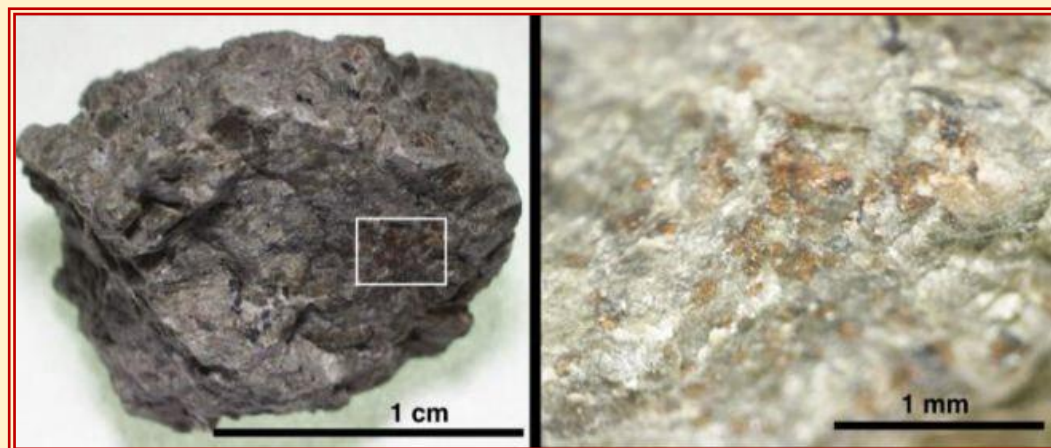
O acobertamento em escala mundial, independentemente de ser controlado nacionalmente por instituições militares e governamentais dentro da área da Inteligência, envolvendo as Forças Armadas, mesmo nos EUA, está sob influência e controle final dessa espécie de poder paralelo, que envolve personalidades das mais diferentes áreas (sistema financeiro internacional, indústria armamentista, setor energético, etc.). Essa realidade ou “governo oculto” está acima das próprias administrações democrática e legalmente constituídas, inclusive dos EUA. Em algumas situações nesse país, ou momentos, seus representantes chegaram ao cargo maior da nação, mas isso nunca foi necessário para que as diretrizes estabelecidas por esse “grupo” fossem implementadas nas mais variadas ocasiões e áreas de atuação, que envolvem, na verdade, tudo de mais importante que acontece na Terra.

As agências espaciais, as Forças Armadas e os órgãos de Inteligência de vários países possuem uma espécie de autonomia, mas, quando se trata de fatos com implicações em escala planetária, de uma forma ou outra, mediante as infiltrações, contatos e influência dos membros dessa “sociedade secreta” dentro das administrações legalmente estabelecidas, esse poder paralelo acaba exercendo seu mando para condução da política a ser seguida.

VIDA EM MARTE

É por conta disso que, no passado, quando a própria agência espacial norte-americana (NASA) divulgou a existência de vida em Marte (1996), mediante a descoberta no meteorito ALH84001, um fragmento da superfície marciana jogado ao espaço pelo impacto de um grande bólido ou asteroide (encontrado na Antártida) com sinais de atividade biológica microscópica em estado fossilizado, mesmo com o envolvimento e apoio direto do próprio presidente norte-americano na época (Bill Clinton), o fato acabou caindo no “descrédito” e foi para o esquecimento.

Não havia o “patrocínio” necessário daqueles que realmente detêm o poder em escala planetária. O mais surpreendente nesse tipo de “jogo de poder” é que a maioria manipulada não percebe que a própria ciência vem sendo controlada em um amplo sentido. São eles que dizem, inclusive por meio da mídia, o que é a verdade, em que você deve acreditar ou não.

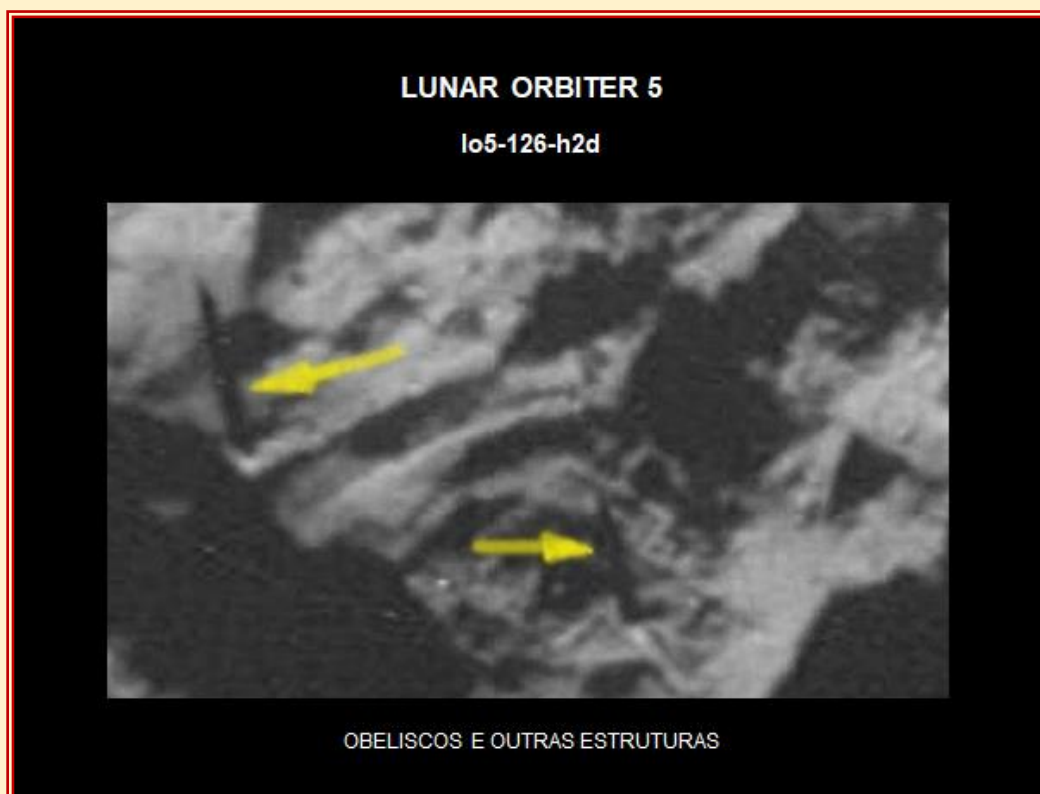


Fragmento do ALH84001 (e uma ampliação à direita) encontrado em 1984 na Antártida. O meteorito continua sendo estudado ainda hoje causando polêmica sobre a possível presença de “assinaturas de vida”. Um novo estudo evidenciou a presença de moléculas orgânicas (Fotos: Mizuho Koike).

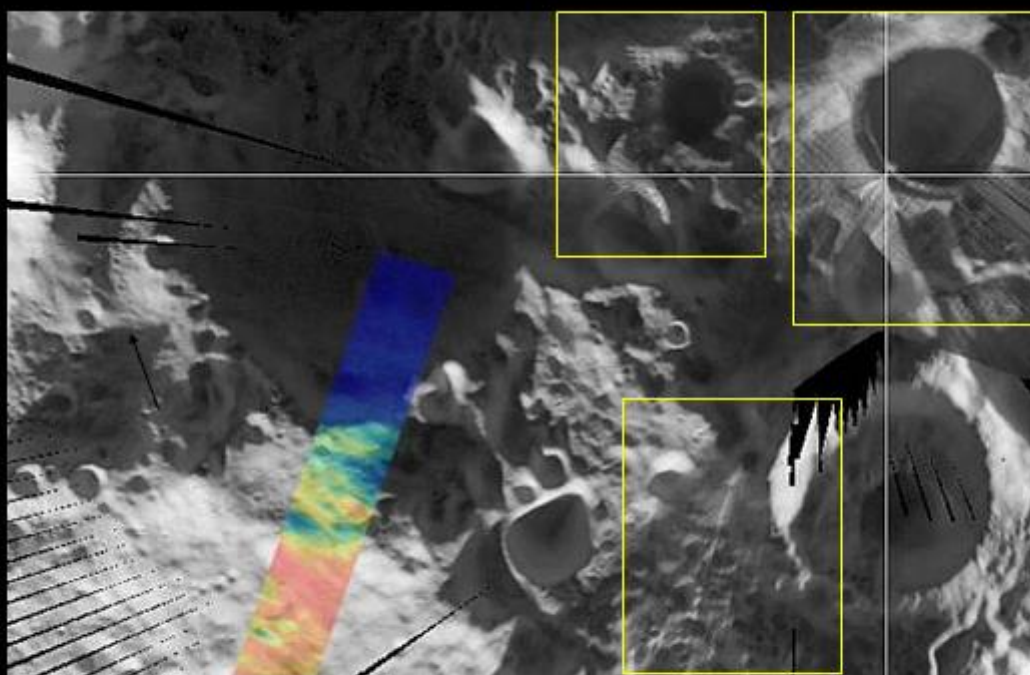
Ao longo de décadas, esse grupo, mediante seus tentáculos, conseguiu simplesmente fazer com que a quase totalidade da humanidade deixasse literalmente de pensar, e agora, por mais incrível que possa parecer, eles vão “ensinar” a humanidade que existe vida no Planeta Vermelho. Por quê? Foi feita ao longo de décadas toda uma preparação para que expressiva parcela de nossa sociedade planetária não desse a menor importância ao fato e não percebesse as reais implicações do que vai ser anunciado, mas os gestores maiores do acobertamento sabem que chegou esse momento histórico. Mas não é só isso...

Décadas de investigações ufológicas na área militar por todo o planeta (Terra) e o próprio programa espacial “Além de Marte” revelaram uma realidade que mesmo esse “poder paralelo” não imaginava ter que enfrentar e chegamos ao momento de começar a oficializar a verdade que nos envolve. O Planeta Vermelho foi o escolhido para o início desse processo, pois não há preparação e possibilidade que permita aos gestores do acobertamento, neste momento, a oficialização de tudo que nos envolve com a questão alienígena.

Desde o início, as investigações ufológicas militares e governamentais revelaram que o espaço aéreo do planeta vinha sendo violado por naves detedoras de uma tecnologia anos-luz à nossa frente, que parecia magia. Mas isso foi apenas o ponto de partida para uma realidade de implicações ainda maiores.



Complexo de estruturas alienígenas na Lua, fotografado em 1967 pela espaçonave norte-americana não tripulada Lunar Orbiter 5 (NASA / Arquivo Petit).



http://www.nasa.gov/images/content/393052main_lcros_impact_site.jpg

SOLO ALTERADO E SINAIS DE ESTRUTURAS ARTIFICIAIS

Imagem obtida pela espaçonave da agência espacial norte-americana Lunar Reconnaissance Orbiter, que entrou na órbita lunar no ano de 2009 e participou com a Lunar Crater Observation and Sensing Satellite da missão que evidenciou a presença de água no polo sul do satélite da Terra. Dentro dos retângulos pode ser vista uma série de estruturas artificiais gigantescas, com destaque para as associadas à cratera no canto superior direito (Shackleton), que possui um diâmetro de 19 km (NASA / Arquivo Petit).

INVESTIGAÇÃO CIVIL

Progressivamente, como a própria investigação civil passou também a perceber, havia uma “invasão” muito mais aprofundada em curso, com diversas raças atuando em conjunto dentro do que parecia, e se confirmou posteriormente, ser um plano único de atuação em meio a humanidade, mediante o processo de abdução, usado para um trabalho e atuação de base genética envolvendo o nosso DNA.

Houve ainda a constatação, e nesse caso inicialmente foram os civis que saíram na frente, de que o fenômeno UFO na atualidade parecia intimamente relacionado ao passado misterioso de nossa humanidade e à própria presença alienígena ao longo de toda a história do planeta, com uma potencial interação com a origem da vida e do ser humano na Terra. Se essas questões já tornavam para os gestores do acobertamento mundial impraticável uma divulgação da verdade, algo ainda “pior” seria descoberto com o passar dos anos.

Não estávamos lidando simplesmente com “visitações” e contatos com alguém de fora do planeta ou de nosso sistema solar, mas com seres que estavam mais do que já estabelecidos em “nosso” planeta na forma de instalações gigantescas surgidas não se sabe desde quando dentro da sua estrutura geológica, sendo que as entradas das principais instalações estão em regiões inacessíveis nas profundezas submarinas. Outras dessas bases subterrâneas foram estabelecidas na área continental e estão localizadas em vários países. As naves simplesmente se materializam acima dessas estruturas, já no espaço aéreo, por meio de uma manipulação do padrão vibratório dos UFOs e o mesmo processo se verifica em sentido inverso para o retorno às instalações. Algo que só poderia ser uma ficção, mas que é uma realidade mais do que documentada em várias das chamadas “áreas de incidência”, estudadas não só pelos militares como pela pesquisa ufológica de base civil.

INTERVENÇÃO ALIENÍGENA

Além desses aspectos potencialmente problemáticos que passaram a envolver a questão extraterrestre, os gestores do acobertamento, por meio das áreas militares das duas superpotências (EUA e URSS), já tinham tido uma amostra das intenções do grupo majoritário dentro do fenômeno UFO na época da Guerra Fria.

Foi quando as naves alienígenas simplesmente surgiram, em ocasiões, sobre as bases de lançamento de mísseis balísticos de ambos os lados e desligaram todos os sistemas, tornando inoperantes as possibilidades de utilização das armas nucleares, numa clara demonstração de seus interesses pela paz mundial, mas, ao mesmo tempo, demonstrando, de forma inequívoca, um poder superior.

Independentemente dessa atuação do que qualifiquei de grupo majoritário, responsável por expressiva parcela das manifestações ufológicas em escala planetária, não estamos livres, é claro, de contatos com seres sem qualquer ligação com nossa história e passado e que podem estar chegando ao planeta (Terra) apenas agora e por motivações diferenciadas, as quais não necessariamente seriam positivas para a nossa humanidade.

Essa síntese que acabei de apresentar da realidade que nos envolve aqui na Terra, e que mostra o quanto são ilusórias nossas pretensões de propriedade, inclusive em relação ao planeta, atingiu fundo, progressivamente, os gestores do acobertamento, que tiveram que passar a lidar ainda com um aspecto mais amplo da questão extraplanetária: a própria presença alienígena por todo o sistema solar, que de “nosso”, evidentemente, só tem a nossa pretensão.

Desde os primeiros momentos de nosso programa espacial, tivemos que começar a lidar com o acompanhamento de toda e qualquer missão por parte dos extraplanetários e isso ficou ainda mais evidente quando os astronautas chegaram ao espaço e passaram a ser testemunhas diretas das aproximações dos UFOs.

Esse processo envolveu todo o programa tripulado de ambas as superpotências ao longo de toda a década de 60 e teve seguimento nas décadas seguintes, e na verdade mesmo antes da chegada à Lua com nossos astronautas, a partir de 1969, já havia um nível de documentação impressionante sobre a presença alienígena em larga no satélite natural da Terra.

As descobertas e acontecimentos verificados tanto pela exploração não tripulada da Lua como durante o projeto Apollo, que envolveu seis pousos tripulados em diferentes locais da face voltada para Terra, acabaram por provocar, com o findar do projeto, em dezembro de 1972, o abandono pelos programas espaciais, tanto dos EUA como da extinta URSS, de qualquer projeto exploratório.

MISSÃO MILITAR

As descobertas da amplitude da presença alienígena na Lua e o impacto que ela causou nos gestores do acobertamento mundial foi tão grande que, após o fim das missões tripuladas à Lua, no final do ano de 1972, os norte-americanos só voltariam ao satélite da Terra no ano de 1994, e com uma espaçonave militar, a *Clementine*. O "consórcio" responsável pelas várias fases da missão envolveu o *Naval Research Laboratory*, *Lawrence Livermore National Laboratory*, *Ballistic Missile Defense Organization* e a própria NASA, além da Força Aérea, cuja participação esteve restrita ao lançamento. Era mais do que evidente, apesar de isso não ter sido percebido pela mídia, que a missão, independentemente de seus objetivos científicos, tinha uma prioridade claramente militar. Havia um interesse de verificar uma série de aspectos relacionados à presença alienígena na superfície lunar, e agora com uma tecnologia superior, que envolvia câmeras trabalhando em diferentes faixas do espectro eletromagnético, capazes de revelar, inclusive, o que poderia ser “apenas” uma ruína de uma antiga instalação, ou uma base operacional na atualidade.

Foram tomadas, nos dois meses da missão, cerca de 1,6 milhão de fotografias, mas apenas 10% delas foram disponibilizados publicamente. A maior parte foi mantida longe de nossos olhos. Mesmo assim, o material liberado é mais do que suficiente para atestar que a documentação conseguida da superfície lunar, com destaque para algumas imagens da chamada “face oculta”, apresentam partes de seus quadros com “defeitos” sugestivos, que parecem claramente relacionados ao bloqueio de parte do que foi fotografado, relacionado diretamente a estruturas gigantescas. Pelo menos em uma das imagens liberadas, os gestores do programa *Clementine* permitiram que uma dessas estruturas artificiais fosse observada parcialmente, como que para confirmar o processo de acobertamento e bloqueio de parte do que havia sido documentado.



Nessa imagem obtida pela espaçonave não tripulada *Clementine*, no ano de 1994, pode ser observada a cratera Aristarchus, de 40 km de diâmetro, apresentando uma cobertura luminosa (Naval Research Laboratory / NASA / Arquivo Petit).

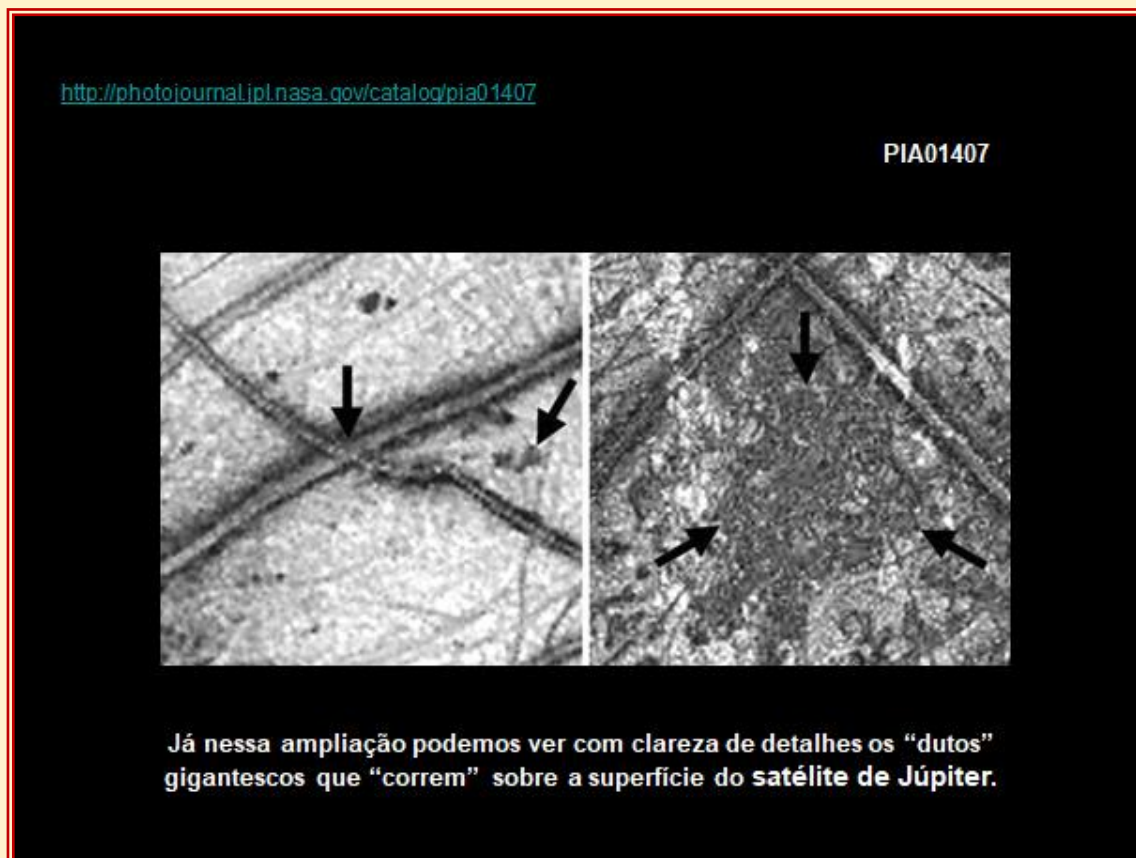
A verdade é que a missão *Clementine*, como a NASA já vinha fazendo antes na órbita terrestre, por meio tanto de missões não tripuladas à Lua como durante o projeto Apollo, apresentou para os gestores do acobertamento mundial da questão extraterrestre uma realidade mais do que contundente sobre o nível da presença alienígena. A Lua passava a ser o palco de um dos maiores segredos da história da humanidade e assim continuaria pelas décadas seguintes, quando outras missões não tripuladas da NASA e de outros países passariam a voltar à órbita do satélite da Terra, revelando estruturas gigantescas em outros pontos de sua superfície, como na região polar sul, onde, inclusive, foi confirmada pela espaçonave *Lunar Crater Observation and Sensing Satellite (LCROSS)* a presença de grandes mananciais de água congelada no fundo da cratera Cabeus, que possui um diâmetro de 98 km.

OCEANO EM EUROPA

Outro ponto do sistema solar que não posso deixar de ressaltar, dentro dessa perspectiva de mostrar os aspectos mais problemáticos que foram encontrados e que acabaram interagindo para a escolha do planeta Marte para o início das revelações sobre vida extraterrestre, é a lua Europa, uma das 4 maiores do planeta Júpiter, descobertas por Galileu no ano de 1610. Europa parece ser uma espécie de santuário para a vida dentro possivelmente de um programa dos povos que ocupam o “nosso” sistema solar de forma ampla e irrestrita.

O satélite de Júpiter, com 3130 km de diâmetro, é coberto em sua totalidade por um oceano que chega em alguns pontos a mais de 100 km de profundidade. Vários cientistas envolvidos com o programa da NASA de exploração do maior planeta do sistema solar e de suas luas defendem a existência em Europa de formas de vida, inclusive algo semelhante aos peixes de nossos oceanos.

O mais surpreendente, entretanto, é o que a espaçonave Galileu, que entrou em órbita de Júpiter no dia 7 de dezembro de 1995, descobriu: um arranjo de estruturas na forma de dutos gigantesco, que chegam a ter centenas de metros de largura e cobrem boa parte da superfície congelada do oceano (a superfície da lua).



Uma das fotos da rede de dutos descobertos nas imagens da espaçonave Galileu. A seta à esquerda na parte inferior assinala em destaque como essas estruturas passam sobre outras de uma forma totalmente impossível de ser explicada por qualquer teoria natural. Já na segunda ilustração, outras fotos liberadas pela agência espacial no mesmo Photojournal. Nesse caso, as setas são de responsabilidade da própria agência espacial (NASA / JPL / Arquivo Petit).

Esses dutos, considerados de início sem explicação pela agência espacial, foram logo reconhecidos por alguns investigadores como estruturas artificiais, o que fez com que a agência desenvolvesse uma tese alternativa, dentro da qual passaram a ser simplesmente o resultado do choque de camadas de gelo da superfície, uma ideia absurda e sem qualquer sentido.

Várias dessas estruturas correm paralelamente, além de se cruzarem em determinados pontos em ângulo reto, passando, na verdade, por cima ou por baixo de outros. Ou seja, um intrincado sistema de estruturas artificiais que em outros pontos parecem deixar a superfície “mergulhando” na camada de gelo para, aparentemente, conectarem-se com o próprio oceano, já em estado líquido, abaixo da superfície.

O Laboratório de Propulsão a Jato da NASA em Pasadena, na Califórnia, responsável pela missão da *Galileu*, ainda buscava entender o significado daquelas estruturas quando o físico russo Boris Ustinovich rompeu o silêncio da comunidade científica e afirmou que as dificuldades em encontrar uma explicação eram devidas à insistência de se buscar uma teoria de base natural. Segundo Boris, estávamos diante de um claro sinal da presença de uma cultura alienígena. Foi diante da ideia do cientista russo que a agência espacial resolveu “bater o martelo” e defender a ideia dos choques entre camadas de gelo.

Observei e analisei pessoalmente dezenas das imagens da espaçonave *Galileu* e não parece existir a menor dúvida sobre o fato de estarmos realmente diante de uma intrincada rede de estruturas artificiais construídas para algum tipo de projeto cujos sentidos maiores podemos apenas especular.

Eu poderia ficar aqui e escrever na verdade um livro sobre as evidências da presença alienígena dentro do “nosso” sistema solar, mas não é esse o nosso objetivo. Minha pretensão foi revelar os motivos, além dos existentes diretamente no Planeta Vermelho, para que o início da revelação sobre a existência de vida extraterrestre começasse mediante a revelação de vida microbiana em Marte.

Isto porque seria totalmente impraticável, na visão dos gestores do acobertamento, revelar, por exemplo, que os extraplanetários já estão estabelecidos na Terra, que a Lua é uma gigantesca base alienígena, ou que os extraplanetários estão por todo o sistema solar. O que aconteceria se isso fosse hoje oficializado e passado à mídia para uma informação mundial?

MISTÉRIO EM SATURNO

Mas, antes de encerrar, não há como não citar o que acontece em Saturno e em relação a várias de suas luas. Desde que a espaçonave Cassini entrou em sua órbita no ano de 2004, foram feitas descobertas impressionantes, não só em seus satélites (alguns parecem moldadas por “alguém”) como em relação ao que foi fotografado entre os anéis e as já mencionadas luas até o ano de 2017, quando a espaçonave também foi dirigida para ser destruída, incinerada contra as camadas superiores do planeta.



Dois UFOs de grande porte fotografados pela espaçonave da agência espacial norte-americana Cassini, que operou na órbita de Saturno entre os anos de 2004 e 2017 (NASA / JPL / Arquivo Petit).

Se o UFO com mais de dez quilômetros de extensão fotografado pela espaçonave Phobos 2 nas proximidades da lua do mesmo nome, na órbita marciana, já tinha sido capaz de ajudar a definir uma série de políticas, que acabaram por salvar a humanidade de uma guerra de extermínio, com o fim da corrida nuclear e um acordo histórico entre os EUA e a antiga URSS, o que teria acontecido quando a agência espacial norte-americana tomou conhecimento, pelas imagens da espaçonave Cassini, do que vinha acontecendo em torno do segundo maior planeta do sistema solar? Foram documentadas estruturas artificiais gigantescas em várias de suas luas e fotografadas naves entre os anéis e satélites do planeta em diversas ocasiões. Uma história além de qualquer filme de ficção passou a correr em frente ao sistema de imagens da Cassini, que obteve mais de 450 mil fotos, algumas realmente impressionantes.

AVIZINHA-SE O MOMENTO

Para encerrar essa síntese de vários aspectos que interagiram para escolha do Planeta Vermelho como o ponto de partida para oficialização, pela NASA, da existência de vida, é importante ressaltar, de forma objetiva, que nenhuma das áreas de atuação da presença alienígena na Terra e no sistema solar apresenta as condições de Marte para esse momento histórico que estamos prestes a viver.

A NASA, o governo dos EUA, “patrocinado” e com o aval dos verdadeiros gestores do acobertamento mundial, não poderiam dar o primeiro passo para a progressiva divulgação da realidade falando do que existe já documentado em Saturno. Seria começar pelo final da história e isso vale também para Marte em relação ao que vai acontecer.

Dependendo da divulgação e da forma apresentada, poderia, sim, haver um estado de perplexidade se a verdade, em um sentido amplo, fosse apresentada e isso inclui referências diretas ao que já sabemos que acontece de fato na Terra, como na Lua.

A vida microbiana marciana será a base de tudo e essa oficialização, apesar da maioria não ter a percepção, envolve aspectos de importância transcendente, conforme já revelei. Agora é ficarmos atentos e acompanhar o desenrolar dos acontecimentos...

REFERÊNCIAS

PETIT, Marco Antonio. **Marte: a verdade encoberta**. Limeira: Editora do Conhecimento, 2013.

_____. **Presença alienígena na Lua**. Limeira: Editora do Conhecimento, 2016.

EXOANTROPOLOGIA: A BUSCA POR OUTRAS HUMANIDADES

LALLÁ BARRETTO

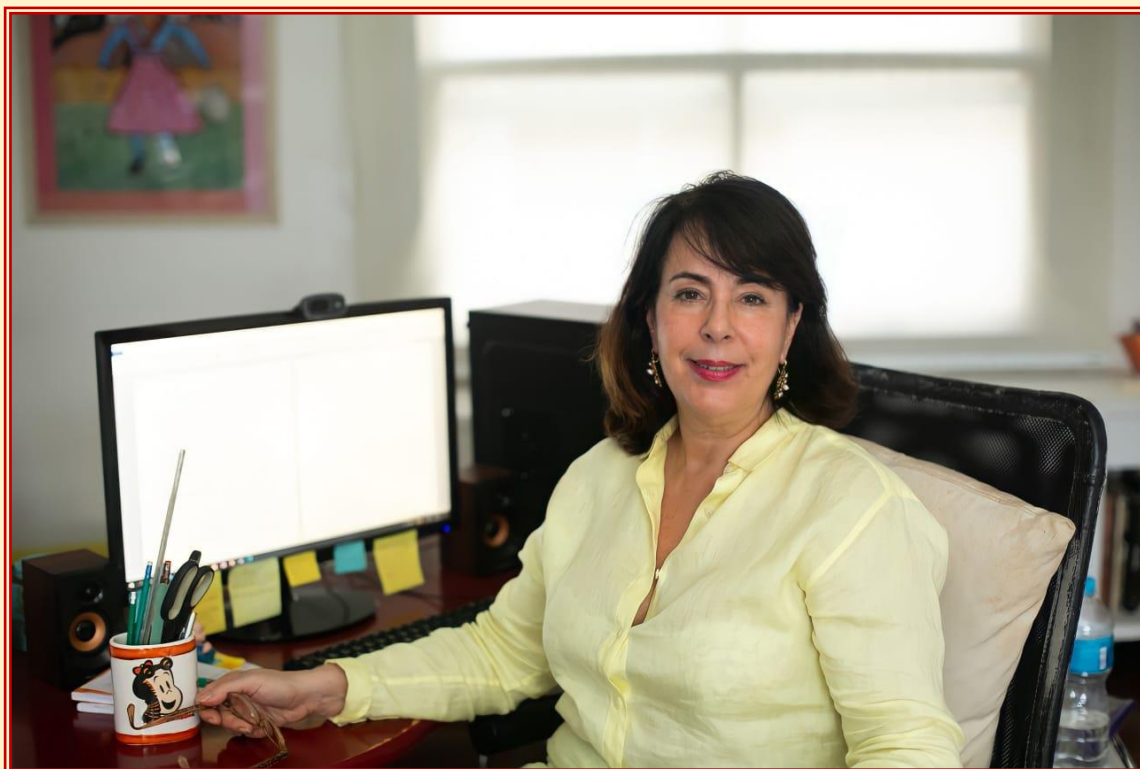
RESUMO

O testemunho de atores governamentais sobre a existência de outras civilizações inteligentes é de especial importância para a comprovação da realidade extraterrestre, pois essas pessoas teriam acompanhado de perto eventos de interação com alienígenas que, contudo, ainda são acobertados oficialmente. Entre esses testemunhos, sobressai-se o de Philip Corso, ex-membro do Conselho de Segurança Nacional do presidente Eisenhower que relata ter visto uma Entidade Biológica Extraterrestre (EBE) acidentada no célebre “Caso Roswell”, que deu início à Ufologia moderna. Os detalhes que Corso oferece em seu livro sobre o assunto são particularmente úteis para se pensar na aplicação de uma “Exoantropologia”, a antropologia que é voltada à interação de humanos com seres extraterrestres, pois por meio de tais relatos é possível formar uma imagem mais precisa de como esses seres funcionam do ponto de vista biológico, psíquico e cultural. A partir dos relatos de pessoas que tiveram contato direto com uma EBE no caso Roswell, emerge a imagem de que ela seria um robô biológico, desprovido de aparelho digestivo, mas, curiosamente, programado para ter e transmitir sentimentos, condição capaz de suscitar muitos debates antropológicos.

PALAVRAS-CHAVE

Exoantropologia. Alienígenas. Caso Roswell.

SOBRE A AUTORA



LALLÁ BARRETTO (Maria Luiza Barretto) é ufóloga, antropóloga, psicanalista e escritora. Doutora em Antropologia Psicanalítica pela Universidade Paris 7. Numa vida anterior, bacharelou-se em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ) e pós-graduou-se em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

Conselheira do PATOVNI.

Mídias e contato:

↗ BLOG: lallabarretto.com

↗ Facebook e YouTube: Lallá Barretto Pesquisas Ufológicas

↗ E-mail: pesquisadoralallabarretto@gmail.com

PROTAGONISMO OFICIAL

Dentre as evidências da presença de civilizações extraterrestres em nosso planeta, estão as informações dos protagonistas oficiais da longa história de contato dessas inteligências com órgãos governamentais da Terra. São testemunhos de pessoas que estiveram, em maior ou menor grau, envolvidas em programas oficiosos ou ultrassecretos de contato com alienígenas e que vêm a público revelar a realidade extraterrestre. Por estarrecedoras que sejam, essas declarações trazem o selo da credibilidade



<https://www.imdb.com/name/nm164809>

Philip James Corso (1915-1998)

dos protagonistas, na maioria das vezes dirigentes políticos, funcionários de alto escalão, oficiais de alta patente ou reconhecidos cientistas que nada teriam a ganhar com a exposição de fatos que, no exercício de suas funções, foram levados a testemunhar e concordaram em acobertar.

Esse é o caso de Philip Corso, que foi membro do Conselho de Segurança Nacional do presidente Eisenhower e diretor da Divisão de Pesquisa e Desenvolvimento das Forças Armadas dos EUA. Foi diretamente, e de maneira privilegiada, receptor de informações ultrassecretas, com a incumbência de compreender o que eram as naves, os artefatos e os seres encontrados nos diferentes locais do acidente alienígena em Roswell.

Esse esforço de compreensão tinha o objetivo maior de avaliar o grau de ameaça representado e a apropriação da tecnologia recuperada nos destroços, visando ao avanço tecnológico e militar dos EUA.



<https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/internet/incidente-com-ovni-em-roswell-e-relembrado-em-doodle-do->

Roswell, 1947

Em seu livro, *The Day after Roswell*, ou “O dia seguinte de Roswell” (consultamos a edição francesa, “Au lendemain de Roswell (2017) e todas as citações referem-se a essa edição, traduzida por nós), Corso conta como, durante a Guerra Fria, a presença extraterrestre foi o fiel da balança entre EUA e URSS e determinou os rumos da engenharia reversa dos artefatos e dispositivos encontrados em Roswell, levando a um salto tecnológico com os microchips em circuitos integrados, as fibras óticas e os lasers, além de relatar longamente sobre as EBEs (Entidades Biológicas Extraterrestres), os seres representantes da civilização cujas naves se espatifaram no Novo México.

A estarrecedora aventura que Philip Corso conta em seu livro deve ser situada no seu contexto histórico. Estamos no momento da Guerra Fria – subsequente à Segunda Guerra Mundial e que opôs dois blocos políticos hegemônicos no planeta, os EUA e a URSS – e da dobra espacial que, segundo os Ummitas (www.ummociencia.com), permitiu a visita de diferentes civilizações à Terra, entre 1943 e 1978. A ameaça de tecnologias muito avançadas e a competição pelo domínio do planeta levaram à corrida espacial, num contexto de acobertamento e espionagem, cada bloco procurando absorver essas novas tecnologias em detrimento do outro. Podemos ver de relance o trabalho de loucos geniais, reunidos em departamentos do governo americano, hora em acordo tácito com a URSS contra um eventual ataque de uma civilização extraterrestre, ora cada bloco cuidando da sua cozinha de destruição da civilização humana.

EXOANTROPOLOGIA

A Antropologia é a ciência de nossa formação que mais convocamos para estudar Ufologia. Ela conduz nosso interesse para a investigação de outras humanidades, na busca de conhecimento objetivo sobre os seres e civilizações que visitam desde tempos imemoriais o planeta Terra. Quem são esses seres? De quê são feitos? Como nascem, vivem e morrem? Como pensam? O que pensam? Como é a sua civilização? Precisamos nos preparar para lidar com as enormes diferenças biológicas, culturais e psíquicas que intervirão no contato com outra espécie humana extraterrestre.

Uma das maneiras de estudar essa “Exoantropologia” é abordando as criações da ficção científica, explorando assim nossa capacidade humana de projetar, pelo imaginário, realidades que vão muito além de nós mesmos.

Se o contato é com seres humanos, essas projeções poderão corresponder a realidades de contato futuro, confirmando a máxima do poeta romano, Públio Terêncio, “nada do que é humano me é estranho”.

Sabemos o quanto a ficção científica tem sido profética em muito do que inventa em termos de futuro da ciência. Está aí o exemplo clássico de Júlio Verne, cuja obra projetou o homem nas viagens espaciais, na televisão, no cinema falado, no helicóptero, etc., numa época em que essas coisas eram impensáveis e consideradas impossíveis de serem realizadas.

Outra maneira de abordar a antropologia extraterrestre, e a que aplicamos neste artigo, é privilegiar os relatos e descrições de testemunhas que, de alguma maneira, estiveram em contato direto com seres dessas humanidades alienígenas e que tenham alto índice de credibilidade e de consistência na construção do caso. Consideramos que esses relatos de alta credibilidade são fontes muito interessantes, na medida em que tratariam de uma realidade objetiva, de seres alegadamente reais. No caso de não serem reais, de serem simples invenções das inúmeras testemunhas de alta credibilidade, recairíamos no campo da ficção científica.

A credibilidade pública de Philip Corso, dono de uma brilhante e inatacável carreira militar, confirma Roswell como um dos maiores casos da Ufologia mundial, sustentado pelo conjunto de fatos abrangendo grande número de testemunhas, pela recuperação inédita de seres vivos e mortos, pelos vestígios materiais, pelas consequências da engenharia reversa para o nosso próprio avanço tecnológico e ainda pelo enorme aparato de acobertamento colocado há décadas em ação. A credibilidade do autor e a consistência do caso Roswell fazem de *O dia depois de Roswell* uma fonte valiosa para descobrirmos quem é essa outra humanidade, quem são essas pessoas (?) que vieram perder a vida num planeta distante.

Essa é uma questão fundamental para que a humanidade obtenha o conhecimento necessário para estabelecer contato com outra espécie humana, conhecimento de suas particularidades, de suas diferenças e também da sua semelhança conosco.

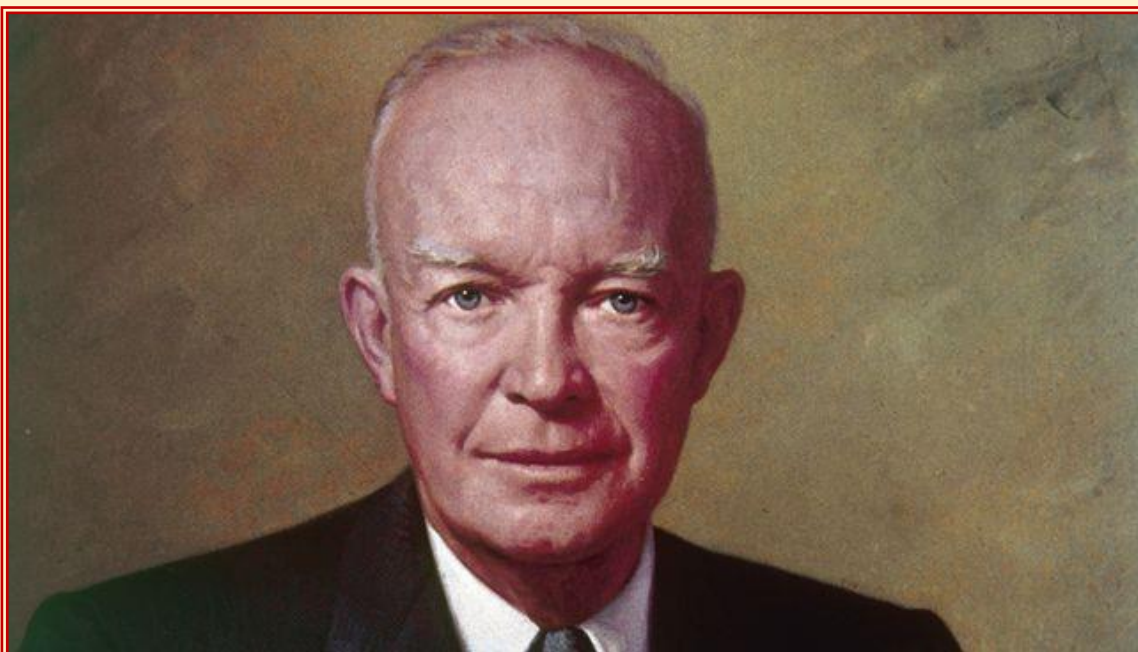
AS EBEs RECUPERADAS NO LOCAL DO ACIDENTE (ROSWELL, 1947)

Philip Corso tece no seu livro estarrecedor uma inconcebível trama de testemunhos e relatórios secretos que compõem um retrato da humanidade extraterrestre encontrada em Roswell. Para restituir todo o contexto de um evento inédito, Corso levantou depoimentos de terceiros presentes na cena do acidente e na Base Aérea 509, para onde foram levados os seres recuperados no local.

Steve Arnold esteve no deserto do Novo México junto com a equipe de recuperação da Base 509. Lá, encontrou um pequeno ser ainda vivo e que se debatia no chão: “Arnold se precipitou na sua direção e o viu tremer e dar um grito, que não ressoou no ar, mas no seu cérebro. Não ouviu nada pelos ouvidos, mas sentiu uma grande tristeza enquanto o pequeno personagem convulsionava no chão, sua cabeça oval desmesurada se movendo para direita e para esquerda, como se tentasse alcançar alguma coisa para respirar” (CORSO, 2017, p. 14). Conseguiu ainda assim levantar-se para talvez tentar fugir. Foi então que Arnold ouviu uma sentinela gritar: “Alto! (...) Uma salva de tiros foi atirada pelos soldados nervosos, e o pequeno personagem tentou ficar em pé, mas caiu de novo ao pé da colina, como uma boneca de pano” (id, p. 14-15)

O bombeiro Dan Dwyer, também presente na cena do acidente, informou a Corso que observou as características da EBE: “Esse ser tinha o tamanho de uma criança, mas não era.

Nenhuma criança tem uma cabeça tão desmesurada e em forma de balão. Nem tinha a aparência de um humano, apesar de possuir algumas características. Tinha grandes olhos escuros separados por uma fenda descendente. Seu nariz e sua boca eram particularmente finos, quase simples fendas, e suas orelhas eram apenas entalhes nos lados de sua enorme cabeça. Sob os projetores, Dwyer podia ver que a criatura era de um marrom acinzentado, e inteiramente desprovida de pelos, mas que ela o olhava como um animal impotente preso numa armadilha. Não produziu nenhum som, mas Dwyer compreendeu que ela sabia que estava morrendo. Continuou a olhá-la com espanto, enquanto foi colocada no caminhão por dois soldados (...)” (ibid, p. 14-15).



<https://www.bbc.com/portuguese/geral-40515664>

Dwight David "Ike" Eisenhower (1890-1969)

O ser foi ainda observado por Roy Danzer quando o comboio retornou à Base: “Olhou os soldados que passavam diante dele e viu então um ser estranho amarrado a uma maca transportada por dois soldados. Seus olhares se encontraram. Roy compreendeu instantaneamente que não se tratava de um ser humano. Uma criatura vinda de outro lugar.

A expressão suplicante desse rosto, que ocupava apenas uma pequena parte de uma cabeça enorme, assim como o sofrimento percebido interiormente por Roy ao ver esse ser, o fez compreender que este vivia seus últimos momentos. Ele não falava e quase não se movia, mas Roy viu, ou acreditou ver, uma expressão atravessar o pequeno rosto. No instante seguinte, a criatura tinha desaparecido, transportada para o interior do hospital pelos enfermeiros, que lançaram de passagem um olhar hostil ao bombeiro” (CORSO, 2017, p. 20).

O primeiro fato interessante desses relatos é a recuperação de um ser extraterrestre ainda vivo, testemunhado por diferentes pessoas. Nesses três relatos, temos a descrição precisa da morfologia da EBE, mas, sobretudo, temos a descrição de sua humanidade, que se comunica pela identidade de sentimentos, comunicáveis entre espécies. Esses sentimentos, que a EBE transmitiu por telepatia, ecoaram na mente das testemunhas por serem bem conhecidos de nós, como o medo, a vulnerabilidade, o desespero, a tristeza, a consciência da morte, despertando a compaixão nos observadores terráqueos. A EBE recuperada viva, com a aparência de uma criança disforme, tem conosco no mínimo essa afinidade emocional.

PHILIP CORSO E AS EBEs

Passamos agora para o relato em primeira mão do próprio Philip Corso, que alega não apenas ter visto pessoalmente uma das EBEs, recuperada morta, como ter analisado os relatórios da autópsia dos corpos encontrados, tornando mais complexas as informações sobre as características físicas e psíquicas das Entidades Biológicas Extraterrestres.

No dia 6 de julho de 1947, durante uma verificação de rotina no serviço veterinário da Base Militar de Fort Riley, Corso foi instado por um subordinado a olhar algo ultrassecreto e aterrador: “Abaixei então a lâmpada e olhei no interior. O que vi me enjoou literalmente, a ponto de quase vomitar na hora. Tratava-se efetivamente de um caixão, mas de um modelo inabitual. Seu conteúdo, fechado num grande recipiente de vidro grosso, estava submerso num líquido espesso azul claro, quase tão pesado quanto uma solução de gel de gasóleo. De fato, o objeto flutuava, ou melhor, estava em suspensão, ao invés de repousar no fundo, e era liso e brilhante como a barriga de um peixe” (id, p. 35-36). À primeira vista, pensou também ser o cadáver de uma criança, verificando em seguida tratar-se de um personagem de forma humana, com um metro de comprimento, possuindo braços e estranhas mãos de seis dedos, sem o polegar, as pernas finas e uma “cabeça desmesurada e incandescente, em forma de lâmpada elétrica, que parecia flutuar acima do queixo, como um balão na sua cesta. Apesar de toda minha reticência, tive o impulso de levantar a tampa do recipiente e de tocar a pele cinza pálida da criatura que ali se encontrava. Não teria sabido dizer se se tratava mesmo de pele, porque também parecia ser um tecido muito fino e de uma única peça, cobrindo da cabeça aos pés o corpo dessa criatura”. Corso não observou nem pupilas, nem íris e nem nada parecido com olhos humanos, pensando então que os globos oculares da criatura teriam rolado para dentro da cabeça: “As próprias órbitas eram de tamanho desmesurado e em forma de amêndoas, cujas pontas eram dirigidas para um nariz minúsculo, que não era exatamente proeminente, como o de uma criança cujo nariz não tivesse se desenvolvido. Eram praticamente narinas” (ibid, p. 36). O tamanho da cabeça era desmesurado “a ponto de todas as características faciais só ocuparem um pequeno círculo na parte inferior da cabeça.

Sem orelhas proeminentes, como nos humanos, bochechas não definidas, sem sobrancelhas, nem qualquer pelo no rosto. A boca, completamente fechada, era apenas uma fenda fina e parecia mais com uma dobra ou com um recuo entre o nariz e a parte baixa do rosto sem queixo do que com um orifício perfeitamente funcional” (CORSO, 2017, p. 36). O corpo parecia intacto. Não observou laceração na pele ou tecido acinzentado (id, p. 36-37).

Mais informações surpreendentes foram compiladas por Corso no relatório que fez para o Pentágono a partir dos laudos das autópsias da EBE. Podemos ler que “os órgãos, os ossos e a composição da epiderme desse ser difere dos nossos. O coração e os pulmões são maiores que os de um humano. Os ossos são mais finos, mas parecem mais fortes, como se os átomos fossem organizados de maneira diferente para criar uma força de tração maior. A pele revela também um alinhamento atômico diferente, como se devesse proteger os órgãos vitais dos raios cósmicos, das ondas ou das forças gravitacionais que ainda nos são desconhecidas” (ibid, p. 102). Segundo Corso, os médicos legistas ficaram mais impressionados pela semelhança do que pelas diferenças com os humanos da Terra.

Com a rápida deterioração dos órgãos da criatura, os legistas não puderam compreender completamente a estrutura do coração, mas estabeleceram que não funcionava como um coração humano, porque tinha tanto a função de reserva quanto de bombeamento do sangue, com músculos internos aparentados ao diafragma, sugerindo que o coração trabalhava com muito menos intensidade e gasto de energia, uma adaptação para a sobrevivência de criaturas vivendo num campo gravitacional reduzido.

Corso compara os pulmões da EBE às corcundas dos camelos, pois tinham a função de estocar toda a atmosfera que respirava, liberando-a muito lentamente no sistema respiratório. O funcionamento combinado do coração e dos pulmões implica um metabolismo muito lento, sugerindo que o corpo da EBE talvez fosse o resultado de engenharia genética, concebida para viagens de grandes distâncias.

A análise dos ossos vai também na direção dessa hipótese. Os ossos eram fibrosos, mais finos, maleáveis e resistentes do que ossos humanos, sugerindo que teriam a função de amortecedores para viajantes sujeitos a traumas físicos de grande intensidade em viagens de muito longa distância.

A análise da nave feita em Wright Field não conseguiu esclarecer como essas criaturas se sustentavam em suas viagens de longa distância. Nenhum lugar para estocar ou preparar comida foi encontrado, bem como nada relativo ao tratamento de dejetos.

Os lecionistas não conseguiram compreender o funcionamento químico da EBE, mas ficou claro que não continha nenhum elemento químico desconhecido, apresentando, porém diferentes combinações de compostos orgânicos interessantes de serem estudados.

O sangue apresentava-se como uma espécie de fluido, servindo igualmente para regular as funções corporais, a exemplo das secreções glandulares nos humanos: “Nessas entidades biológicas, os sistemas sanguíneo e linfático parecem combinados. Além disso, produzia-se uma troca de nutrientes ou de dejetos no interior desses sistemas, e essa troca só podia acontecer através da epiderme dessas criaturas ou seu revestimento de proteção exterior, porque não possuíam nem sistema digestivo, nem sistema de evacuação dos dejetos” (CORSO, 2017, p. 110).

O relatório dos legistas revelava que o corpo da entidade era completamente coberto por uma capa protetora, apresentando alinhamentos atômicos parecidos com os das teias de aranha. A flexibilidade e resistência do estranho envelope sugerem proteção contra o bombardeio de partículas subatômicas dentro da nave.

A pele da entidade fascinou os legistas, parecendo-se com uma “fina camada de um tecido adiposo” (id, p. 111) desconhecido, totalmente permeável, creditando a troca química entre o sistema sanguíneo e o sistema linfático.

As características das EBEs levaram à hipótese de que seriam robôs biológicos concebidos para viagens de muito longa distância. A ausência de instalações de preparo e estocagem de comida, além do tratamento dos dejetos, sugeriu que esses dispositivos não eram necessários na nave recuperada, que seria um objeto de patrulhamento e observação e que voltaria regularmente para uma nave mãe.

Os legistas deram grande importância ao tamanho, natureza e anatomia do cérebro das EBEs, intrigados pelas faculdades telepáticas relatadas pelas testemunhas. O cérebro já tinha começado a se deteriorar quando foi examinado, e a ausência de tomografias e ecografias, em 1947, impediu a avaliação da natureza dos lóbulos cranianos: “Assim, apesar de todas as especulações sobre a natureza do cérebro dessas criaturas – projeção de pensamento, poderes psicokinésicos –, não havia nenhuma prova de nada disso e os relatórios eram bem pobres de verdadeiros dados científicos” (ibid, p. 112).

Conseguimos fazer aqui um esboço bem geral das características das EBEs recuperadas em Roswell. Evidentemente, esse esboço deve levar diretamente à leitura do interessantíssimo livro *O Dia depois de Roswell*, onde muito mais detalhes interessantes sobre essa outra espécie humana são inferidos da análise dos dispositivos tecnológicos encontrados.

QUESTÕES SOBRE AS EBEs RECUPERADAS EM ROSWELL

No livro de Philip Corso, a reconstituição da EBE foi feita a partir do cenário mórbido do acidente no Novo México, com corpos que se decompunham rapidamente, dificultando as análises e uma compreensão conclusiva do que seriam exatamente os seres recuperados. Junto com legistas e engenheiros que examinaram seres e vestígios materiais, Corso emite a hipótese de que a EBE seria um robô biológico, concebido para

longas viagens espaciais, pelo metabolismo muito lento revelado em suas características físicas. A análise da nave e dos dispositivos nela encontrados levou também à hipótese de que os seres seriam parte do sistema de propulsão da nave, comandada por suas ondas cerebrais.



<https://br.pinterest.com/pin/696580267355502388/>

EBE – Entidade Biológica Extraterrestre

A principal questão de Exoantropologia que se coloca é: qual o estatuto da humanidade de sentimentos transmitidos telepaticamente aos observadores? Por que um robô biológico, desprovido de aparelho digestivo, seria programado para ter e transmitir sentimentos?

As declarações de Philip Corso, apesar de serem as mais confiáveis dentre os testemunhos de altos funcionários do governo dos EUA, não são as únicas sobre as EBEs acidentadas em Roswell.

Também um grupo de ex-funcionários do DIA (Departamento de Inteligência Americano), criou em 2005 um site (<<http://www.serpo.com>>) para publicar as consequências do acidente de Roswell a partir do contato com a criatura encontrada viva.



<https://www.space.com/what-is-the-truth-behind-the-roswell-ufo-incident>

Roswell, 1947 - Representação

Podemos supor que esta seria a criatura sobrevivente, chamada de Entidade Biológica Extraterrestre 1 (EBE 1), cuja aventura na Terra podemos ler em nosso artigo *O Contato de longa duração, ou Eles já estão entre nós*, publicado no número 1 desta já prestigiosa Revista Cosmovni. Analisamos as informações sobre as EBEs contidas em www.serpo.com, onde aparecem bem vivas e em interação com os humanos em seu próprio planeta de origem. As EBEs encontradas mortas nas naves acidentadas seriam robôs biológicos dos seres que encontramos vivos em [serpo.com](http://www.serpo.com)?

Riqueza inesgotável da Ufologia, ainda tudo resta a aprender!

REFERÊNCIAS

BARRETTO, Lallá. O contato de longa duração, ou Eles já estão entre nós.

Revista Cosmovni, Pato Branco, v. 1, n. 1, 2020.

CORSO, Philip J. *Au lendemain de Roswell*. Paris: Ariane, 2017.

ASPECTOS EXOPOLÍTICOS DE RELATOS EXCÊNTRICOS

FLORI ANTONIO TASCA

RESUMO

Em meio aos vários relatos de pessoas que alegam ter tido contato com seres de outros planetas, sobressaem-se aqueles em que o contatado não apenas foi abduzido para o interior de uma espaçonave, mas, inclusive, fez uma viagem a bordo dela e até mesmo visitou o planeta de origem dos seus ocupantes. A ufologia brasileira teve, ainda nos anos 1950, três casos que se encaixam nessas características: o de Antonio Rossi, em 1954, o de João de Freitas Guimarães, em 1956, e o Artur Berlet, em 1958. Os três alegam ter viajado em “discos-voadores” e dois deles chegaram a descer no mundo dos alienígenas. Ao retornar, contaram tudo o que viram a respeito de como cada sociedade alienígena se organiza. Apesar de empolgantes, esses relatos evidenciam uma preocupação para os seres humanos, pois, por meio deles, tem-se ciência de que os alienígenas não apenas circulam livremente pela Terra como podem levar seres humanos para os seus planetas, com a possibilidade de nunca mais trazê-los de volta. Civilizações interplanetárias menos éticas teriam assim facilidade para realizar na Terra obras que, aos olhos humanos, configurariam abusos de direitos. Os três casos são úteis para que a humanidade reflita sobre a necessidade de desenvolvimento da Exopolítica e do Exodireito, áreas que ditarão o nosso comportamento quando houver um contato aberto com civilizações de outros planetas.

PALAVRAS-CHAVE

Exopolítica. Exodireito. Abduções. Contatos. Viagens interplanetárias.



SOBRE O AUTOR

FLORI ANTONIO TASCA, gaúcho radicado no Paraná, é graduado em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2018), mestre em Direito Privado (1997) e doutor em Direito das Relações Sociais (2001) pela Universidade Federal do Paraná. No campo profissional, é advogado (1993-) especialista em recursos, com forte atuação nos tribunais brasileiros, além de empresário (2000-) no ramo cultural, titular de Tasca Editorial (projetos especiais), Instituto Flamma (educação corporativa) e Instituto Filosófico Ômega (cultura geral). Exerceu a função de Juiz Leigo Voluntário (2009-2014) para o Tribunal de Justiça do Paraná. Foi professor universitário durante duas décadas, atuando como docente, pesquisador, consultor e gestor educacional em Instituições de Ensino Superior, públicas e privadas. É membro benemérito do Grande Oriente do Brasil (2018), sócio efetivo do Centro de Letras do Paraná (2006), membro do Instituto dos Advogados do Paraná (2010), integra a Academia de Cultura de Curitiba (2000). É membro honorário da Força Aérea Brasileira (2009). Especialista em Exociências Sociais, participou de várias entidades de cunho ufológico, proferindo conferências e seminários em eventos de abrangência nacional (2015-). Fundou e coordena o PATOVNI – Grupo Ufológico Pato Branco (2015-), entidade dedicada a estudar e a divulgar temas sobre Cosmologia e Ufologia. É editor da Revista COSMOVNI.

Contato: fa.tasca@tascaadvogados.adv.br

A EXOPOLÍTICA E OS RELATOS DE VIAGENS A OUTROS PLANETAS

Entre os muitos relatos de experiências com alienígenas que são de conhecimento da humanidade, talvez os que mais atijam a curiosidade e a imaginação das pessoas sejam aqueles que envolvem viagens de seres humanos a outros planetas. Isso porque ainda se sabe pouco a respeito do modo de vida de outras civilizações planetárias. Tem-se como certo que os extraterrestres que visitam a Terra possuem uma tecnologia avançadíssima, se comparada à nossa, mas é difícil para nós imaginar de que maneira eles organizam a sua sociedade. Existem, no entanto, pessoas que alegam ter tido a extraordinária experiência de visitar outros planetas e por meio delas é possível ter ao menos vislumbres da vida levada nesses lugares.



<https://tecnoblog.net/meiobit/431783/artigo-exoplanetas-superhabitaveis/>

Exoplaneta - Representação

Relatos com essas características são encontrados também no Brasil, que teve, ainda na década de 1950, alguns casos ufológicos notáveis. Aqui, foram selecionados três das experiências mais expressivas ocorridas nesse período.

Duas envolvem exatamente a ida de humanos a outros planetas, ao passo que outra trata “apenas” de um passeio pelo espaço a bordo de um disco voador. São relatos dos mais interessantes que não foram desmentidos de nenhuma maneira e que, inclusive, contam com indícios que sugerem a veracidade das experiências.

Contudo, à parte do entusiasmo que possamos ter com histórias de viagens em discos voadores e visitas a outros planetas, é preciso também que a humanidade reflita sobre as implicações de um cenário em que seres vindos do espaço podem aterrissar na Terra e levar humanos para passeios e visitas que bem entenderem. Há indícios de que existam civilizações por todo o Cosmos e a humanidade precisa tomar consciência dessa realidade para melhor entender o seu papel e os seus direitos na ordem universal.

Aparentemente, a Terra está às vésperas de ingressar em uma realidade cósmica, com civilizações interplanetárias que interagem entre elas, fato esse que certamente irá mudar os rumos da humanidade. Diante da relevância desse assunto, pesquisas têm sido empreendidas em diversas áreas para estudar os efeitos do contato aberto com alienígenas, assim como para preparar a humanidade para tal cenário. E uma das áreas mais importantes nesse processo é a da Exopolítica, ou seja, a política voltada às civilizações externas à Terra. Afinal, qualquer posicionamento que a Terra manifeste em relação aos extraterrestres será necessariamente político.

Os três casos emblemáticos de “viagens pelo espaço” protagonizadas por brasileiros na década de 1950 fornecem detalhes úteis para se refletir sobre os aspectos políticos da humanidade em um contexto estelar.

A EXPERIÊNCIA DE ANTONIO ROSSI

Antonio Rossi era um metalúrgico que residia em São Paulo. No ano de 1954, quando tinha 35 anos de idade, ele viajou com alguns amigos para Paraibuna, no interior do estado, onde pretendiam pescar às margens do rio de mesmo nome. Rossi estava pescando um lugar afastado dos seus outros amigos quando, subitamente, viu duas criaturas estranhas a cerca de 30 metros de distância e que vinham na sua direção. A reação do pescador foi de pavor. Contudo, ele se acalmou à medida que percebeu que os seres se aproximavam de forma bondosa. Os dois eram altos, atléticos e pareciam estar nus. Seus olhos eram grandes e suas cabeças tinham um formato oval.

Quando as duas criaturas chegaram perto do pescador, ele perguntou se desejavam alguma coisa, mas não houve resposta – pelo menos não do modo tradicional. Um dos seres levantou o braço e apontou para os seus próprios olhos. Então Rossi percebeu que estava ouvindo alguns sons na sua cabeça: o ser estava se comunicando com ele por telepatia. Disse que eles vinham em paz e que queriam convidá-lo a visitar o seu planeta. O ser garantiu que levaria apenas algumas horas e que o trariam de volta como o haviam encontrado. Também foi dito que ele poderia relatar tudo o que viu e aprendeu com eles. O pescador hesitou bastante, mas decidiu confiar no que diziam os seres e aceitou o convite que lhe fizeram (MAUSO, 2011).

Em seguida, foi levado a um disco voador de cor cinza, com cerca de 9 metros de altura até a cúpula, que pairava no ar. Entrou por uma porta e lá avistou outro ser parecido com os anteriores. Deram a ele uma bebida sob a justificativa de que seria imprescindível para fazer a viagem. Mesmo temendo que fosse algum veneno, tomou o líquido. Observou ao redor e viu muita luz dentro do disco voador, sem identificar a origem. Havia um painel sem fios, tomadas ou ligações, além de dispositivos desconhecidos.

A viagem teve início e, enquanto ela acontecia, os seres conversavam mentalmente com o pescador, falando sobre características do seu planeta, como a sua alimentação saudável e a prática de esportes. Quando a nave se aproximou do seu destino, Rossi vislumbrou uma cidade em forma oval e que parecia feita de vidro. Havia uma verdadeira comitiva para recebê-los. E então ele teve a oportunidade de conhecer a estrutura da sociedade que vivia naquele planeta, onde todos os serviços eram coletivos e gratuitos e não havia dinheiro ou guerras. Havia ali “volitores coletivos”, veículos que circulavam a 1500 Km/h, além de casas redondas e transparentes, com jardins floridos e sem janelas. Os mais diversos aspectos do planeta foram apresentados a ele por meio de um guia identificado como Doutor Jânsle.

Interessante a constatação de que, mesmo sendo um povo pacífico, os habitantes daquele planeta dispunham de uma arma poderosíssima, um raio laser luminoso e potente capaz de desintegrar a Terra em 20 minutos, como revelou o guia de Rossi. Também foi mostrado um “projektor mental” que permitia visualizar o conteúdo mentalizado. O Doutor Jânsle também fez algumas “profecias” sobre a Terra, sugerindo que em 2030 haverá uma verdadeira metamorfose moral e física no planeta, com mudanças radicais em todos os setores da sociedade humana. A própria expectativa de vida do ser humano aumentaria em cerca de 40 anos e haveria recursos naturais em quantidade suficiente para alimentar um total de 16 bilhões de habitantes (MAUSO, 2011). O guia também alertou sobre a necessidade de proteção da fauna e da flora da Terra – na época, isso ainda não era tão valorizado.

Depois de muito ver e aprender sobre aquele lugar, Rossi foi levado de volta à Terra, em viagem similar à ida. Ele foi deixado no mesmo lugar onde o encontraram. Seu tempo total de “sumiço” da Terra foi de aproximadamente de 17 horas.

Haviam pedido a ele que não contasse nada sobre o que viveu por oito dias. Depois desse período, ele contou o caso aos seus amigos pescadores, mas eles não acreditaram na história.

Três anos depois, em 1957, Rossi publicaria o livro “Num disco voador visitei outro planeta”, que teve pouca repercussão à época. Já no ano de 1987, Rossi relata um novo encontro com o Doutor Jânsle. Naquela ocasião, ele acordou durante a noite e seu cérebro recebeu uma espécie de clarão. Formaram-se em sua mente imagens de um local que ele conhecia e ele se dirigiu para lá, onde encontrou o alienígena. O Doutor Jânsle deu a entender que estavam de passagem pela região e que podiam conversar por duas horas, o que foi feito. Despediram-se afetuosamente, com a promessa

do alienígena de que se veriam quando se despojassem da matéria.

Trata-se, como se vê, de um caso singularíssimo, pois, mais do que avistar nos céus um UFO, e mais até do que ser abduzido por um deles, Rossi teria experimentado uma verdadeira viagem a outro planeta, algo que a nossa atual ciência apenas pode projetar, sem ter ainda capacidade técnica para semelhante feito.



<https://sebodomesias.com.br/livro/esoterismo/num-disco-voador-visitei-outro-planeta-2.aspx>

Capa do livro de Antônio Rossi

Se o relato do metalúrgico paulista é realmente procedente, há implicações das mais diversas para a nossa sociedade.

Inicialmente, a experiência de Rossi confirmaria a existência de vida inteligente em outros pontos do Universo. Mesmo sendo cética em relação aos relatos ufológicos, a ciência, de modo geral, considera praticamente uma inevitabilidade matemática que a vida inteligente tenha emergido em outros planetas além da Terra. O relato de Rossi comprovaria essa teoria.

Ao mesmo tempo, o relato demonstraria que a hipótese alienígena é realmente a explicação correta para o contínuo avistamento de UFOs por pessoas do mundo inteiro. Afinal, foi por meio de um UFO que os seres do outro planeta chegaram à Terra e foi para dentro de um veículo associado facilmente a um disco voador que eles conduziram Rossi, transportando-o em seguida para o seu mundo de origem. Viagens como essa poderiam ser eventualmente “flagradas” por seres humanos olhando para o céu. Assim, os UFOs, quando legítimos, revelariam a presença alienígena na Terra.

Mas, mais do que oferecer respostas para algumas questões que há muito intrigam a humanidade, a experiência de Rossi tem consequências para a própria organização da nossa sociedade, pois o conhecimento de que existem alienígenas e que eles interagem com o nosso planeta exige que adotemos uma postura política correspondente a essa nova realidade.

A Exopolítica é justamente a área do conhecimento que está voltada ao estudo da interação entre o ser humano e possíveis civilizações de outros planetas. Um dos postulados de Alfred Webre (2012), considerado um dos pais da Exopolítica, é justamente o de que existem múltiplas civilizações cósmicas, uma verdadeira rede interplanetária da qual a humanidade estaria tomando conhecimento apenas agora. Com suas pesquisas, Webre favorece a ideia de que devemos buscar meios de ingressar nesse contexto estelar.

Embora o relato de Rossi referencie apenas uma civilização extraterrena, subentende-se que não há razão para que ela seja a única no Universo. O próprio fato de aquela civilização contar com uma arma poderosíssima é capaz de sugerir a existência de várias outras civilizações, afinal, não se imagina que tal armamento tenha sido construído simplesmente para fazer frente a nós, moradores da Terra, que certamente não temos condições de enfrentar uma civilização tão avançada tecnologicamente como a deles. As ameaças que justificaram a criação dessa arma, muito provavelmente, têm origem em outras civilizações, em patamar evolutivo semelhante.

Embora tenham a capacidade até de destruir planetas, nota-se que os habitantes da civilização visitada por Rossi não o farão senão em situações extremas e motivados pela necessidade de autopreservação. Ou seja, ao que parece eles jamais empregariam as suas tecnologias avançadas para obter o domínio de outras civilizações. Trata-se, afinal, de uma sociedade pacífica, em que, como foi informado a Rossi, não existem guerras, de modo que não se justificaria também nenhum projeto de dominação do Cosmos. Os habitantes do planeta visitado seguem determinada conduta moral e o modo como eles se comportam favorece outra das teses sustentadas por Webre.

Isso porque ele acredita que a miríade de civilizações existentes pelo Cosmos, por mais distintas que pareçam entre si, obedece a determinados princípios, normas e direitos comuns a todas elas. Apenas dessa maneira, com uma orientação moral única, é que se pode reivindicar, como Webre faz, a existência de um “governo universal”, ao qual todas as civilizações cósmicas estariam sujeitas. As civilizações seguiriam caminhos mais ou menos semelhantes de evolução e se orientariam por uma espécie de lei natural, idêntica para todos os povos, aprendida por meio da razão e que emanaria de um poder divino.

Trata-se de uma concepção próxima ao que, no Direito, é entendido como “jusnaturalismo” ou “Direito Natural”, (GUIMARÃES, 1991), mas aplicada em um contexto cósmico.

O que favorece essa tese de Webre, no caso da experiência ufológica de Rossi, é que existe correspondência entre os valores praticados pelos habitantes do planeta que ele visitou e aqueles cultivados aqui na Terra. É evidente que a humanidade ainda não chegou ao ponto em que as guerras tenham sido eliminadas, mas, por outro lado, já prevalece o entendimento de que o ideal é alcançar uma realidade em que as guerras tenham cessado. Nesse sentido, a busca do ser humano por um mundo de paz seria a mesma dos habitantes do planeta visitado por Rossi, com a única diferença de que eles estão à nossa frente e já conseguiram um patamar que ainda buscamos.

Webre mesmo não chega a esmiuçar quais seriam exatamente os princípios e as normas seguidos universalmente, apenas sugerindo que eles se aproximam do amor e da luz gerados pela fonte criadora, que para ele é o próprio Deus. De todo modo, relatos como o de Rossi podem ser úteis para verificar aspectos dessa possível “lei universal”, conforme sejam encontradas coincidências entre o que humanos e extraterrestres valorizam.

Além da questão da paz, nota-se que a civilização visitada por Rossi possui um senso de coletividade muito mais forte, o que indica que eles já teriam, também, conseguido ultrapassar a necessidade de competição que, aqui na Terra, ainda marca boa parte das nossas relações. Idealmente, o ser humano tende a concordar com a justiça das medidas e dos serviços feitos de maneira coletiva, de modo que, também nesse aspecto, o funcionamento daquela sociedade alienígena poderia espelhar um princípio universal.

A inexistência de dinheiro naquele planeta, se bem que seja uma característica muito difícil de imaginar na Terra atualmente, atende a um propósito que é comum também aos seres humanos, ou seja, a igualdade entre todas as pessoas, suprimidos os privilégios de classes, e o livre acesso aos bens, produtos e conquistas coletivas da sociedade. Ao mesmo tempo, se há a necessidade de se defender com armamentos tão poderosos que são capazes até de desintegrar um planeta, subentende-se que não são todos os povos do espaço que agem conforme essa lei universal que prima pela paz, pelo amor e pela coletividade. Talvez alguns até a conheçam, mas não a respeitem. Esse poderia ser o caso da própria Terra, se alcançasse um grau elevado de domínio tecnológico antes de atingir suficiente evolução moral.

Se acreditamos que essa civilização visitada por Rossi está realmente em um nível superior ao nosso e que segue princípios justos e aplicáveis em todo o Universo, inclusive aqui na Terra, então certamente convém à humanidade prestar atenção ao modo como aquela sociedade se organiza para que também entre nós sejam dados os necessários passos políticos e sejam concentrados esforços para conseguir resultados semelhantes. Bem se vê a importância da Exopolítica, que orientará a interação com outras espécies e com isso pode acelerar o nosso processo de desenvolvimento.

Webre acredita que, durante muito tempo, a Terra esteve em um processo de “quarentena”, motivo pelo qual estaria isolada da comunidade cósmica, mas que tem havido um processo de “aclimatização”, visando a um eventual retorno do nosso planeta à sociedade interestelar. Com isso, estariam justificadas as milhares de ocorrências ufológicas testemunhadas pela humanidade nas últimas décadas, sobretudo após a década de 1940.

A abdução de Rossi se inseriria nesse contexto em que civilizações de outros planetas começam a preparar a humanidade para o momento em que ela se dará conta de que não está sozinha no Universo, onde é apenas mais uma entre muitas outras civilizações, e sequer é das mais avançadas.

A conduta dos extraterrestres, no entanto, não se limitaria a anunciar algo como “estamos aqui”, pois no caso de Rossi, como em muitos outros que a Ufologia já registrou, eles também deixam mensagens para a humanidade, alertando-a sobre o risco de condutas que estão sendo tomadas na Terra. Novamente, se acreditamos na superioridade de tais civilizações, conviria que a humanidade adotasse políticas que considerasse os seus conselhos.

Embora se reconheça as potencialidades benéficas da interação com civilizações de outras planetas, também se deve admitir que determinadas atitudes de alienígenas talvez não atendam aos interesses da humanidade e à sua própria integridade. Salla (2012), também considerado um dos pais da Exopolítica, é um dos expoentes de um lado um pouco mais sombrio da interação da Terra com múltiplas civilizações interplanetárias. As pesquisas dele sugerem que a humanidade já travou conhecimento formal com os alienígenas há muito tempo, mas que isso se deu às ocultas, envolvendo apenas autoridades dos Estados Unidos da América (EUA), reconhecidos como a nação mais poderosa da Terra. Grupos alienígenas, sobretudo a partir da década de 1950, teriam se apresentado a governantes dos EUA e proposto “acordos” com a humanidade.

Apesar de não serem conhecidos os termos de tais acordos, acredita-se que permitissem aos alienígenas a pesquisa e o estudo de humanos, inclusive por meio de abduções. Em contrapartida, eles ofereceriam apoio ao desenvolvimento tecnológico dos EUA. Por mais poderosos que sejam, os EUA não poderiam fazer frente aos extraterrestres, que teriam inclusive explorado o medo de que a humanidade descobrisse a realidade sobre as muitas civilizações existentes no Universo.

Então, quando se analisa um caso de abdução, qualquer que seja ele, é interessante ter em mente também essa outra perspectiva, a de que talvez já existam acordos envolvendo humanos e alienígenas e eles podem não ser muito favoráveis a nós. Ao mesmo tempo, ainda que tais acordos não existam, a conduta dos alienígenas não necessariamente estará conforme com o que a humanidade espera. Se não quisermos ter direitos violados por civilizações externas, é fundamental que a humanidade se organize e passe a adotar uma postura política adequada ao lidar com seres vindos de outros planetas, preservando os valores que considerarmos inegociáveis. Nesse contexto, é fora de dúvida o papel relevante reservado à Exopolítica.

Ao se analisar o caso específico de Rossi, porém, a impressão é a de que os extraterrestres que o buscaram para um passeio em seu planeta não eram de uma civilização especialmente danosa à Terra. A favor dessa tese está o fato de que Rossi não foi abduzido, contra a sua própria vontade, e sim convidado a entrar na nave e visitar o seu planeta. Ou seja, subentende-se que, teoricamente, se ele não quisesse ir, os alienígenas também não o forçariam. Essa civilização tratou Rossi de maneira respeitosa, sendo que a sua consideração pelos habitantes da Terra pôde ser verificada, também, quando deu conselhos e profetizou tempos melhores para a humanidade.

Assim, imagina-se que esses alienígenas não estariam entre os que mantêm acordos secretos com o governo norte-americano, ou, ao menos, ela não mantém um acordo que seja essencialmente prejudicial à Terra. Ao contrário, o relato de Rossi permite vislumbrar uma civilização virtuosa e com a qual a humanidade pode contar. Salla (2012) defende justamente que a humanidade seja capaz de diferenciar as civilizações extraterrestres que agem de forma ética das que não agem, pois deve haver muitas diferenças entre elas. Tal distinção orientaria o nosso próprio posicionamento político em um Universo que se acredita densamente habitado por vida inteligente.

Embora se reconheça que a civilização visitada por Rossi deveria ser incluída entre as éticas, é interessante observar ainda a história sob outra perspectiva. O relato sugere que os “discos voadores” circulam com muita naturalidade no espaço aéreo da Terra, sendo que, na maioria dos casos, não parecem deixar rastros em radares. De algum modo, os alienígenas conseguiriam driblar o monitoramento feito por seres humanos e entrar em territórios pertencentes a governos específicos, sem demonstrar qualquer preocupação em contar a eles sobre as suas pretensões. Simplesmente, eles viajariam à Terra, pousariam em determinado lugar, conversariam e mesmo levariam pessoas sem se preocupar com questões de soberania ou Direito.

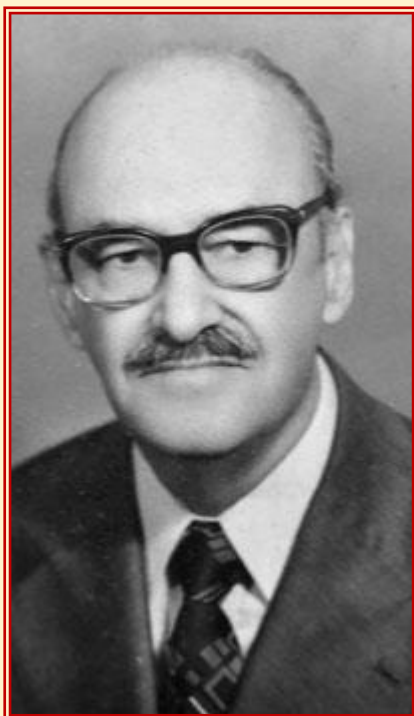
Se uma civilização ética é capaz de agir desse modo, com muito mais razão se deve imaginar que agem assim as não éticas, as quais, talvez, não demonstrem o mesmo respeito pelos seres humanos que encontram. Então o cenário revelado pela viagem de Rossi deve ser motivo de alerta para a humanidade, pois sugere que seres humanos já possam estar sendo vítimas de abusos cometidos por outras civilizações que visitam a Terra sem deixar marcas visíveis. Deve-se concentrar esforços em aprender mais sobre como “funciona” o relacionamento entre as civilizações interplanetárias para que a Terra possa tomar consciência do seu papel e fazer valer os seus direitos. Com isso se percebe toda a emergência das pesquisas sobre a Exopolítica.

A EXPERIÊNCIA DE JOÃO DE FREITAS GUIMARÃES

A década de 1950 no Brasil foi especialmente pródiga em eventos ufológicos. Dois anos depois do caso Rossi, em julho de 1956, aconteceria um novo caso, igualmente intrigante, embora, dessa vez, não tenha havido uma viagem de alguém da Terra a outro planeta, mas “apenas” um passeio em um disco voador. O episódio aconteceu com o advogado paulista João de Freitas Guimarães, então com 47 anos de idade.

No dia 16.07.1958, ele se deslocou de carro de Santos a São Sebastião, no litoral norte de São Paulo, onde iria resolver questões de trabalho. Como chegou já ao anoitecer em São Sebastião, decidiu que iria se hospedar em um hotel próximo à praia e deixar para resolver as questões do trabalho no dia seguinte.

Depois de jantar no hotel, Guimarães saiu para andar à beira-mar. Em determinada altura, decidiu se sentar na areia da praia. Foi quando ele avistou alguma coisa emergindo do canal à sua frente. A princípio, pensou



que pudesse ser uma baleia. Entretanto, conforme o objeto se aproximava da praia, o advogado percebeu que era algum tipo de embarcação, parecida com um submarino. O tamanho estimado da embarcação era de 20 metros de comprimento e 6 de altura. Além de tudo, tinha um cheiro desagradável.

Do interior desse veículo, saíram dois seres altos, de cabelos lisos e louros até os ombros. Eles vestiam um macacão verde e tinha um aspecto jovial.

ihgs.com.br/cadeiras/patronos/joaofreitasguimaraes.html

Contatado João de Freitas Guimarães

Ao vê-los, Guimarães buscou conversar com eles, perguntando se o veículo havia tido alguma pane e se precisavam de alguma ajuda. Como os seres pareciam estrangeiros, ele se arriscou a perguntar em outros idiomas também, mas sem obter resposta.

Então um dos seres se comunicou com ele por telepatia, convidando-o a fazer um passeio celeste naquilo que até então parecia uma embarcação.

Guimarães aceitou, também por telepatia, e na sequência foi conduzido até a máquina (EQUIPE UFO, 2011).

Lá dentro, viu muitos aparelhos e instrumentos cujo funcionamento ele não podia compreender, mas mais tarde iria descobrir que um deles era equivalente aos nossos radares. Havia ao menos cinco tripulantes. Quando a porta da nave se fechou, Guimarães pensou se não havia cometido uma imprudência ao aceitar o convite dos seres. Contudo, essa sensação iria desaparecer à medida que ele se maravilhava com o que enxergava lá fora. A luz do sol batia sobre as nuvens e fazia um espetáculo digno de ser visto. Embora estivesse rápida, parecia que a nave estava parada e as nuvens é que se moviam. Houve então um trepidar que assustou o advogado, mas lhe informaram que haviam deixado a atmosfera da Terra, entrando assim em outro regime de navegabilidade. Lá fora, astros brilhavam com ainda mais intensidade. Havia alternâncias de claro e escuro, dia e noite, luz e sombra, e tudo oferecia cenas belíssimas que muito maravilharam o passageiro.

Depois de cerca de 40 minutos, ele foi levado de volta ao mesmo local onde os alienígenas o haviam encontrado. Um novo encontro entre eles foi agendado para agosto do ano seguinte. Entretanto, tal encontro não aconteceria. Pouco antes da data marcada, Guimarães havia contado a um amigo a respeito do encontro e inclusive o convidando a ir junto com ele. Acontece que esse “amigo” resolveu contar a história à imprensa, agregando inverdades. Em seguida, Guimarães passou a ser procurado por dezenas de jornalistas e não faltou quem visse no episódio algum tipo de armação para que ele se candidatasse a algo ou vendesse algum livro. Havendo um alerta de que espaçonaves alienígenas entrariam no espaço brasileiro dali a alguns dias, o próprio serviço de Defesa foi mobilizado e recomendou ao advogado que não fosse ao encontro marcado, porque eles tinham recebido ordem de botar abaixo qualquer aparelho suspeito que fosse avistado.

De fato, uma esquadrilha de aviões e caças já havia sido mobilizada (EQUIPE UFO, 2011). Assim, o segundo encontro com os extraterrestres não tinha como acontecer. Guimarães não compareceu e, ao que parece, nem os seres de outro planeta – pelo menos, nada de estranho foi detectado naquele dia.

Como motivação para o inusitado encontro que teve, o advogado acredita que estava relacionada aos problemas e ameaças pelas quais a Terra passava. Viviam-se o constante medo de que bombas atômicas fossem detonadas outra vez, precipitando uma guerra que talvez fosse definitiva para a humanidade. A ação dos seres humanos estaria ameaçando a própria ordem planetária, de maneira que a intenção dos alienígenas poderia ser a de chamar a atenção da Terra para outros aspectos da nossa realidade. A vida não se limitaria ao que se passa no nosso planeta e mesmo as ações que aqui tomamos precisariam levar em consideração o contexto estelar.

O relato de Guimarães guarda certas semelhanças com o de Rossi, não apenas pelas suas peculiaridades, mas, também, pelo que representa à humanidade. Afinal, também esse caso serve para, de início, demonstrar a possibilidade de existirem múltiplas civilizações cósmicas, como preconiza Webre (2012). Se ambos os relatos são verdadeiros – e durante mais de seis décadas não foi possível descartá-los –, então significa que há mais de uma civilização alienígena entrando em contato com seres humanos, sugerindo, do mesmo modo, que sejam várias outras existentes por todo o Universo.

Também esse relato reforça que a hipótese alienígena é legítima para o avistamento de UFOs (OVNIs), mas vai além, pois também sugere que alienígenas estejam realmente por trás do fenômeno USO (OSNI), que se refere aos objetos submarinos não identificados – afinal, o veículo surgiu na água e pareceu a Guimarães um submarino quando o avistou mais de perto.

Isso sugere, então, que não apenas o espaço aéreo já esteja ocupado por seres de outros planetas, mas também o espaço submarino, sem que quase nenhum vestígio seja deixado às autoridades da Terra que cuidam de tais áreas. Uma tecnologia muito avançada seria a responsável por se ocultar dos humanos, o que pode ser especialmente perigoso no caso de civilizações não éticas.

Ao que tudo indica, contudo, também a civilização que se mostrou a Guimarães seria incluída entre as éticas, conforme a distinção sugerida por Salla (2012). Assim como no caso de Rossi, não se tratou de uma abdução compulsória, mas de um convite para que ele entrasse no veículo e fosse com aqueles seres para um passeio pelo espaço. Nota-se, portanto, que há uma consideração pelo livre arbítrio do ser humano. Ao mesmo tempo, não há muita preocupação com o que possam determinar as leis dos governos da Terra, pois, aparentemente, os alienígenas não esperam autorizações para ocupar os espaços necessários à realização de suas missões no planeta.

Como Guimarães não chegou a visitar o planeta daquela civilização, não se sabe exatamente como está estruturada aquela sociedade, o que seria interessante para verificar de que maneira ela pode espelhar ou não valores praticados na Terra e a possível moral universal que é sugerida por Webre (2012). Mas é verdade também que, em todo o relato, não há nada capaz de contradizer a moral desses extraterrestres específicos em relação aos que se apresentaram a Rossi, existindo a possibilidade de que tenham valores similares e que reflitam a mesma origem, comum a todas as civilizações.

A conclusão de Guimarães a respeito das motivações possíveis para o seu passeio está perfeitamente alinhada com aquilo que foi dito a Rossi sobre o futuro e os desafios a serem enfrentados pela Terra. Vivia-se uma época particularmente tensa nas relações políticas em nosso planeta e as intervenções ufológicas desse período parecem apontar precisamente para os perigos da autodestruição.

Em ambos os relatos, seria uma estratégia de chamar a atenção da humanidade para a realidade da existência de vida em outros planetas e, ao mesmo tempo, um apelo para cuidarmos do nosso.

Seja porque já havíamos alcançado determinado grau de evolução tecnológica, seja porque essa mesma tecnologia parecia colocar em risco o equilíbrio do nosso próprio sistema solar, a aparição de alienígenas em nosso meio significaria que está em curso um processo de aclimatização a essa realidade, depois de, possivelmente, milênios de “quarentena”, como a Exopolítica acredita que a Terra esteve. Haveria agora um movimento da parte “deles” buscando a reaproximação da nossa civilização ao contexto cósmico que, talvez, possa ter sido a nossa própria origem.

O novo encontro que Guimarães alega ter marcado com os seres de outro planeta não aconteceu e, por meio desse episódio, pode-se vislumbrar quais não devem ser as reações políticas da humanidade diante do cenário em que extraterrestres estariam circulando pela Terra. Nota-se que houve uma “espetacularização” do encontro, com o relato de Guimarães sendo aumentado ou mesmo desvirtuado, simplesmente para chamar a atenção do público em geral. Não havia uma preocupação em informar ou esclarecer a respeito do que foi vivido pelo advogado e muito disso, aparentemente, era consequência de as pessoas ainda saberem pouco sobre alienígenas. Uma lição que se tira é que é preciso se ater às informações verídicas e que qualquer abordagem sobre o tema deve oferecer uma visão equilibrada a respeito da vida extraterrestre, livre de qualquer tipo de sensacionalismo.

Certamente, nesse processo é necessário que a humanidade estude e se aprofunde cada vez mais na busca por conhecimento sobre o que existe no Universo, pois assim estaremos mais conscientes e dificilmente iremos agir com a histeria que se observou no caso Guimarães.

A Exopolítica é um desses caminhos para aumentar a consciência da humanidade sobre o tema, além de evitar as reações totalmente desproporcionais e disparatadas, como foi o envio de caças para abater qualquer UFO avistado no céu. Não é essa a resposta política adequada, sobretudo quando se trata uma espécie que não havia dado qualquer motivo para questionar suas boas intenções. É duvidoso que fosse uma civilização com acordos secretos com americanos.

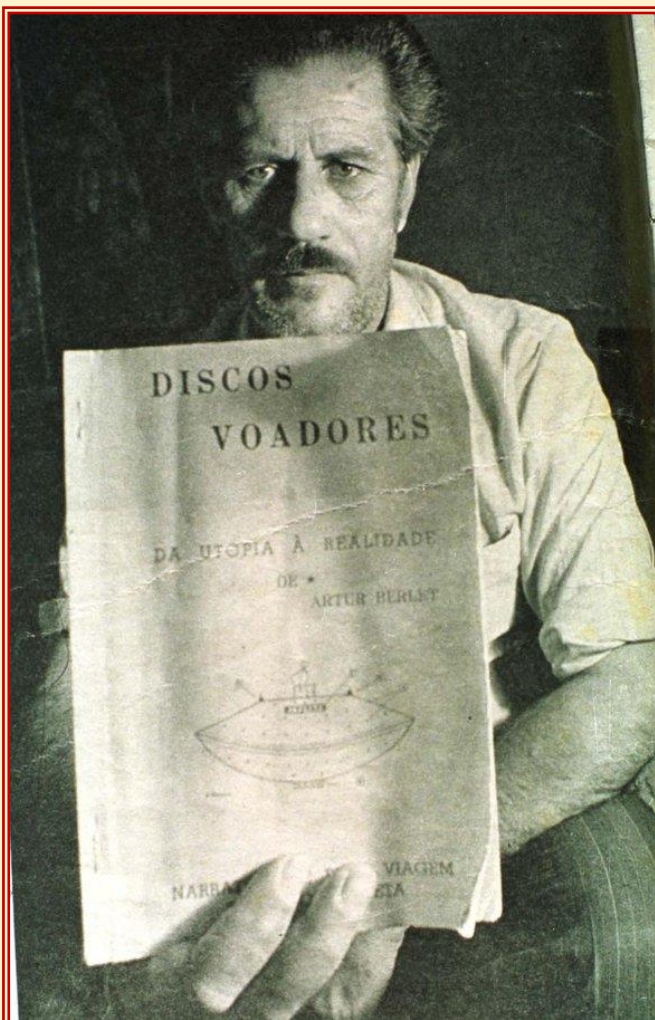
Além do mais, é pouco provável que a humanidade tenha condições de fazer frente a qualquer civilização tão avançada a ponto de poder enviar espaçonaves e “submarinos” ao nosso planeta e mal deixar rastros. Em um contexto multifacetado como deve ser o Cosmos, parece recomendável que se busque aliados entre aquelas civilizações aparentemente éticas, a fim de que seja possível resistir àquelas que eventualmente não o forem. Como os alienígenas em geral parecem ser muito discretos durante as investidas em nosso planeta, provavelmente os seres que convidaram o advogado não voltaram a aparecer quando viram o “comitê de recepção” que os esperava. E talvez a humanidade tenha perdido com isso algumas oportunidades.

A EXPERIÊNCIA DE ARTUR BERLET

Mas aquela década de 1950 foi realmente muito marcante em relatos de “viajantes do espaço” no Brasil e, menos de dois anos depois, ocorreu outro caso extraordinário. Trata-se da experiência de Artur Berlet, que aconteceu em Sarandi/RS aos 14.05.1958. Berlet, que trabalhava como tratorista, voltava para casa a pé e, quando passava ao lado de uma fazenda, viu a cerca de 200 metros uma luz forte e brilhante pairando no ar. Aproximou-se e viu que a luz vinha de um objeto de cerca de 30 metros de diâmetro e com o formato de dois pratos sobrepostos.

Nem percebeu que estava sendo observado por indivíduos que usavam um objeto similar a uma lanterna, o qual emitia um feixe de luz que o fez desmaiar.

Acordou em um leito parecido como o de hospital. Havia pessoas ao seu redor, mas não conseguia se comunicar com elas. Foi conduzido para fora da sala e então percebeu que estava em uma estranha cidade, repleta de prédios muitos altos e tão resplandecentes que pareciam cegá-lo. Então ele foi levado a uma espécie de assembleia com vários seres estranhos. Tentou novamente se comunicar com eles, experimentando idiomas diversos, até que um dos seres entendeu quando ele falou em alemão.



gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2018/09/o-ufologo-arrependido-conheca-o-museu-de-itaara-suas-historias-de-ovnis-e-ets-e-os-dilemas-de-seu-fundador-cjmb1bwko04u301mnqicp2zbg.html

Artur Berlet - 1958

Foi levado então a um ser que dominava o alemão e todas as conversas que teve no planeta se deram nesse idioma. Berlet havia aprendido o idioma com seus pais, de ascendência alemã, ao passo que o ser havia escolhido aprender esse entre os idiomas da Terra.

Soube então que estava em um planeta chamado Acart. O ser, que atendia pelo nome de Acorc, tratou de tranquilizá-lo afirmando que não corria qualquer perigo e que seria bem recebido no planeta. Berlet soube então que a sua “captura” havia sido acidental. Os seres estavam colhendo mostras de trigo da Terra para verificar a possibilidade de plantá-lo em seu planeta quando Berlet apareceu e o capitão da nave alienígena tomou-o por um agricultor que poderia ajudá-los com o plantio do trigo e então decidiu trazê-lo a bordo. Entretanto, a atitude do capitão violava regras que o povo de Acart havia estabelecido para o tratamento com outras civilizações e por isso o oficial seria punido (BERLET, 2010). Fato é que Berlet havia sido levado a outro planeta e agora os acartianos precisavam lidar com ele.

Acorc passou a explicar várias características do planeta a Berlet. Em Acart também não havia dinheiro, como não havia países e nem partidos políticos. Ao mesmo tempo, Berlet via aparatos tecnológicos notáveis, a exemplo de um possível *smartphone*. O alienígena revelou que eles acompanhavam há muito tempo o desenvolvimento da Terra, inclusive captando seus programas de rádio e televisão. Contou que eles tinham uma espécie de “neutralizador de visão” com o qual podiam agir na Terra sem serem percebidos pelos habitantes locais. Mas Acorc parou de dar detalhes tão específicos depois que recebeu uma ligação. É que um conselho iria avaliar a situação de Berlet para saber se podiam enviá-lo de volta à Terra ou se representava um perigo para Acart e por isso teria que permanecer naquele nesse mundo alienígena para sempre. O receio era de que Berlet repassasse um conhecimento para o qual a Terra não estava preparada.

Berlet, contudo, logrou convencer esse conselho de que era homem simples e de pouca cultura, motivo pelo qual, aqui na Terra, dificilmente lhe dariam crédito por qualquer coisa extravagante que viesse a contar.

O presidente daquele planeta, conhecido como “Filho do Sol”, curiosamente, recomenda que Berlet escreva a respeito do que viu, mesmo que somente no futuro o relato fosse compreendido pela humanidade. E então Acorc tem a missão de continuar mostrando a Berlet as características daquele planeta.

O gaúcho tomou conhecimento de que Acart enfrenta um problema de superpopulação e escassez de alimentos e que a própria Terra é vista como uma das possíveis saídas para os habitantes do planeta. Isso porque os acartianos acreditam que, em algum momento, acontecerá uma guerra nuclear na Terra que deixará poucos sobreviventes. Nessa oportunidade, os habitantes de Acart pretendem ocupar e reconstruir a Terra. O que eles não podem fazer é invadir a Terra abertamente, mas foi explicado a Berlet que, no caso de uma destruição provocada pelos humanos, nada impediria que eles viessem e ocupassem o nosso planeta (BERLET, 2010).

Se quisessem, os acartianos poderiam acabar rapidamente com a vida na Terra, pois Berlet também foi informado de que possuem como arma um “neutralizador de raios solares”, o qual torna sem vida tudo o que estiver a uma distância de cinco mil quilômetros. Porém, como acreditam em um Deus e em certos princípios universais, os acartianos jamais se valeriam de tal arma para provocar uma destruição na Terra. Ao mesmo tempo, também ficou claro que não intervirão contra uma “autodestruição” dos humanos.



wallpaperaccess.com/futuristic-city-night

Cidade futurista - Representação

Berlet passou alguns dias vendo e aprendendo sobre o modo de vida dos acartianos até que foi levado de volta à Terra. O seu retorno apresenta uma característica especialmente marcante, porque, quando a nave já se aproximava do nosso planeta, Berlet pôde visualizar a Terra do espaço e observou que ela era azul. Tal conclusão seria a mesma do astronauta russo Yuri Gagarin quando viajou ao espaço em uma missão soviética, mas isso só aconteceria em abril de 1961. De modo que Artur Berlet descobriu qual era a cor da Terra vista do espaço com quase três anos de antecedência em relação à comunidade científica, o que dá ainda mais crédito ao seu relato.

Ao chegar à Terra, Berlet teve que voltar a pé para casa, a fim de que o seu organismo se recuperasse gradualmente da diferença de gravidade. Em casa, começou a escrever o que se transformaria no livro “Os discos voadores – Da utopia à realidade”, em que conta o que viu e, assim, atende também à sugestão feita pelo próprio Filho do Sol, presidente de Acart. No total, consta que Artur Berlet ficou “desaparecido” por 11 dias terrestres.

Esse relato surpreendente fornece farto material para se pensar nas relações existentes entre humanos e extraterrestres. Os acartianos são outra civilização a interagir com humanos, presumivelmente distinta daquelas que entraram em contato com Rossi e Guimarães, o que reforça a tese de que vivemos em um universo superpovoado, e mais, que a própria Terra é objeto de visita de várias delas. No relato de Berlet, porém, é possível ter uma visão mais detalhada sobre a atuação dos alienígenas na Terra.

Foi revelado a Berlet que os habitantes de Acart acompanhavam há muito tempo o que se passava na Terra, inclusive captando sinais de rádio e televisão. Em meio às explorações que faziam pela Terra, os acartianos se valiam de um aparelho que os tornava invisível aos olhos dos humanos, de maneira que podiam agir sem ser perturbados.

Mesmo assim, preferiam lugares mais protegidos e agiam à noite. Acorc confessou que por vezes quase foram descobertos, mas conseguiram sair sem problemas.

As implicações desse relato são muito sérias, pois significa que já há muito tempo temos extraterrestres circulando livremente entre nós e usando recursos tecnológicos para não serem percebidos. Embora se possa alegar que o motivo de agirem às ocultas seja o de não precipitar uma revelação à qual a humanidade talvez não esteja preparada, é legítimo cogitar que outra razão seja o fato de fazerem coisas com as quais nós não concordaríamos. Aparentemente, essa civilização não é uma das que Salla (2012) afirma ter acordos celebrados com autoridades norte-americanas, pois, se assim fosse, teriam a sua atuação favorecida na Terra, mas, de todo modo, verifica-se que a humanidade pode estar exposta, sem saber, à exploração alienígena.

Embora não se tenha muitos detalhes sobre o tipo de estudo feito pelos nativos de Acart aqui na Terra, depreende-se do próprio episódio da abdução de Berlet que eles podem colher mostras do solo e sementes para posterior plantio em seu próprio planeta. Sob a perspectiva humana, o ato desses alienígenas poderia significar uma invasão de propriedade e furto de produção. Não se sabe quais outras mostras podem ter sido colhidas por toda a Terra, mas, por menores que tenham sido, um produtor rural estaria no seu direito se reclamasse aquilo que lhe foi tomado. O que não se sabe é a quem poderia fazer uma queixa contra alienígenas. Nota-se que, junto com a Exopolítica, emerge a necessidade de um Exodireito, a regular as interações entre a nossa civilização e a de outros planetas (TASCA, 2016).

A civilização de Acart está longe de parecer má, mas o seu modo de agir revela que as civilizações menos éticas teriam facilidade em vir à Terra e aqui conseguir o que desejam, sem que a humanidade soubesse de coisa alguma.

E mesmo civilizações éticas podem cometer erros passíveis de correção. A captura de Berlet, como se viu, foi considerada uma atitude equivocada do capitão da espaçonave, que queria levar para o seu planeta um produtor que entendesse do cultivo de trigo. Isso feriu as normas de conduta do planeta, que não admite a abdução de seres humanos, motivo pelo qual o capitão foi condenado em Acart. Se o próprio planeta extraterrestre reconheceu que foi um equívoco que merecia punição, a própria Terra poderia reivindicar uma reparação, pois, afinal, em termos práticos, o que houve foi o “sequestro” de um ser humano, que teve assim vários dos seus direitos violados. Mas, como se sabe, a Terra ainda não se organizou politicamente para que tenha voz em negociações interplanetárias. Talvez seja hora de pensarmos nisso.

Afinal, é preciso ter em mente que, não fosse a constatação de que Berlet tinha baixa instrução, ele seria forçado a ficar em Acart para sempre, ou seja, os alienígenas teriam tomado um ser humano e o apartado da sua vida e das pessoas com que convivia aqui na Terra. Só temos notícias dos casos de abdução em que houve o retorno da pessoa transportada, mas é de se imaginar quantos houve que ficaram para sempre nos planetas para os quais foram levados, talvez contra a vontade, pois Berlet também não tinha vontade de ficar e, no entanto, poderia ter sido forçado a ficar. Se isso acontecia na década de 1950, presume-se que continua acontecendo, o que demonstra a necessidade de a Terra agir politicamente o quanto antes.

Chama a atenção também que os acartianos tenham interesse direto na própria ocupação da Terra, mas apenas depois que a humanidade tenha praticamente se autodestruído. Mesmo sofrendo com a superpopulação e com a escassez de alimentos, problemas que poderiam ser resolvidos na Terra, os habitantes de Acart não consideram a possibilidade de invadir o nosso planeta, pois isso parece contrariar o seu código de conduta.

Seria até fácil para eles conquistar a Terra, já que, como foi relevado a Berlet, os acartianos possuem um neutralizador de raios solares capaz de acabar com a vida de um planeta rapidamente. Mas nem mesmo a necessidade é vista como justificativa para ocupar um planeta habitado, o que sugere que há certos princípios universais respeitados exemplarmente pelas raças éticas.

Infelizmente para nós, porém, outro desses princípios parece ser o de não interferência mesmo se a humanidade buscar a sua própria destruição. Contrariamente à civilização que se apresentou a Rossi, a de Acart não deu conselhos e nem fez alertas sobre os rumos tomados pela humanidade. Eles, em verdade, parecem dar como certo que, cedo ou tarde, os seres humanos provocarão o seu próprio fim, quando então aproveitarão o planeta deixado por nós. Nota-se, portanto, que a conduta de Acart revela neutralidade, pois, se é verdade que não agirão para tomar conta da Terra, também é verdade que não impedirão que o ser humano se autodestrua.

É interessante observar que, quando indagado por Berlet a respeito da sua crença em Deus, Acorc se mostrou ofendido, aparentemente não aceitando que alguém colocasse em dúvida coisa tão óbvia como o fato de existir um Deus. De fato, os acartianos acreditam em Deus e é com base na sua crença que não cometem atos como a ocupação de outros planetas, pois entendem que isso constituiria uma ofensa ao Criador. A crença em Deus é também mencionada no relato de Rossi, o qual visitou uma civilização em que há igrejas e se acredita na eternidade da vida e em sua origem divina.

Como também entre nós, aqui na Terra, a crença em Deus e o seu uso para orientar condutas morais é largamente difundida, a impressão que se tem é que se trata de um princípio universal, daqueles que Webre (2012) sustenta existir de modo natural em todas as civilizações do Cosmos.

Deus seria então a fonte criadora do senso de moral que acompanha a vida inteligente por todo o Universo e que norteia as normas e as regras de uma organização de alcance cósmico. A Terra estaria em um grau inferior de compreensão dessa realidade, mas os humanos já carregariam dentro de si a consciência dos valores que seriam cultivados em um contexto universal.

A organização da sociedade de Acart apresenta similaridades com a do planeta visitado por Rossi. Também o mundo acartiano, afinal, preza pela igualdade entre os seus habitantes e todos podem desfrutar livremente de todos os serviços e produtos existentes no planeta, pois não há dinheiro ali. Tal método de organização da sociedade, se bem que distante ainda da nossa realidade, pode significar um caminho natural a todas as civilizações. Uma organização interplanetária como a prevista por Webre se pautaria, em tese, por esses mesmos critérios de igualdade e acessibilidade geral.

Curiosamente, o “Filho do Sol”, governante do planeta Acart, sugere que Berlet escreva sobre o que viu no planeta, pois está convencido de que as gerações futuras saberão aproveitar um conteúdo que, naquela década de 1950, pareceria absurdo à maioria dos habitantes da Terra. Essa sugestão dá a entender que a consciência sobre as múltiplas civilizações existentes no Universo é também um caminho natural às espécies inteligentes. A partir de determinado grau de evolução moral e tecnológica, uma civilização seria capaz de descobrir que não está sozinha no Cosmos e então interagiria com outras civilizações. Conforme essa realidade se aproxima, os alienígenas dariam sinais da sua presença, em um processo previsto pela Exopolítica.

O ideal, contudo, é que a Terra evolua o suficiente para evitar a sua própria autodestruição, ainda que isso frustre os planos de Acart a respeito do nosso planeta. O desenvolvimento da Exopolítica e do Exodireito, nessa perspectiva, pode ser vital para a própria sobrevivência da espécie humana.

PREPARANDO-SE PARA A NOVA REALIDADE

As três experiências notáveis que tiveram esses três brasileiros na década de 1950, conquanto tenham as suas particularidades, favorecem a tese de que existem múltiplas civilizações no Cosmos, o que é um pressuposto da Exopolítica. Do mesmo modo, sugere-se que a hipótese alienígena é verdadeira em muitos casos de avistamentos de UFOs, como a Ufologia tem sustentado há muito tempo, uma vez que todos os casos envolveram a viagem de seres humanos em artefatos de origem extraterrestre.



<https://www.istockphoto.com/br/search/2/image?phrase=real+alien+images>

Disco voador - Representação

O fato de as experiências ufológicas não se limitarem mais a avistamentos no céu, passando a abranger inclusive viagens em “discos voadores” e visitas a outros planetas, é indício de um possível processo de aclimatização da humanidade ao contexto cósmico. A Terra, nesse sentido, estaria aos poucos deixando o seu período de “quarentena”, como se refere Webre (2012) ao nosso isolamento de outras civilizações do Universo.

Essa reaproximação parece consequência da capacidade tecnológica de uma civilização, mas as intervenções verificadas nos relatos de Rossi e Guimarães evidenciam que o nosso planeta ainda não conseguiu o grau de maturidade necessário para lidar com os seus problemas internos. Afinal, foram feitas alertas sobre o modo como os humanos estavam conduzindo os seus negócios na Terra, prejudicando a si mesmos e ao planeta, situação tão grave que, como se depreende do relato de Berlet, há seres só esperando que algo aconteça para que possam se instalar oficialmente aqui.

O fato de serem vislumbradas várias civilizações espaciais sugere que exista entre elas algum tipo de organização, como também sustenta a Exopolítica. De fato, se alienígenas interagem com a Terra, certamente também interagem entre eles e, como possuem interesses variados, é de se imaginar que tenham criado alguma forma de regular as suas atividades sem que nenhuma civilização saia prejudicada. É possível que já exista uma estrutura organizacional interplanetária à qual a Terra irá integrar, na medida em que tome conhecimento do seu papel no esquema do Universo.

Essa reunião de diferentes civilizações planetárias só é possível se pensarmos que existem valores em comum entre todas elas. Os relatos aqui mencionados fazem crer que há uma tendência moral convergente entre os povos do Cosmos. Todas elas pregam a paz, por exemplo, e ao menos duas das civilizações citadas praticam a igualdade entre todos os seus habitantes. São valores comuns também à Terra, a qual apenas não teria alcançado ainda o grau de evolução necessário para vivenciar esses ideais na prática. De todo modo, as experiências relatadas favorecem a tese de Webre (2012) de que existem valores universais que as civilizações aprendem pela razão.

Ao mesmo tempo, a existência de civilizações com armamentos dos mais poderosos evidencia que nem todos os extraterrestres estão dispostos a seguir aquilo que, em tese, ditaria a moral universal.

Mais do que nunca, mostra-se fundamental seguir a orientação de Salla (2012) para distinguir as civilizações éticas das não éticas, pois os dois tipos poderiam interagir com a humanidade, mas um deles nos traria resultados danosos. A distinção sugerida só será possível com o estudo contínuo e sistemático de tudo o que diga respeito a possíveis civilizações de outros planetas. Evidentemente, isso deve ser feito de forma aberta, não em conchavos de líderes mundiais.

Nenhuma das civilizações que se apresentaram aos três brasileiros parece estar envolvida em algum dos misteriosos acordos com autoridades dos EUA, mas a própria liberdade que demonstraram ao agir no nosso planeta revela que não seria muito difícil a alguma espécie alienígena entrar em nosso planeta e fazer experiências prejudiciais e violadoras de direitos humanos, como se imagina que são aquelas feitas sob a chancela de lideranças norte-americanas. Urge, portanto, que o tema seja tratado de forma aberta por toda a humanidade e que se comece a pensar em estratégias de organização política para essa nova realidade.

Certamente, a resposta bélica não é a mais indicada. De nada adianta enviar caças para tentar derrubar discos voadores se os alienígenas têm uma tecnologia tão avançada que podem bloquear os raios solares e assim acabar com todo rastro de vida na Terra. A humanidade está realmente em uma condição desfavorável em relação a essas civilizações, mas não parece estar desamparada, pois há raças que demonstram preocupação com o nosso destino. Qualquer resposta que a humanidade possa dar aos extraterrestres passa pela nossa organização, a qual só será possível se nos debruçarmos atentamente sobre todas as evidências que já pudemos colher.

Mostra-se fundamental que arquivos sejam abertos e que governos exponham tudo aquilo que já é sabido a respeito da vida alienígena, pois esse é o passo inicial para que a humanidade passe a tomar conhecimento da realidade universal e comece a pensar em estratégias para se posicionar nesse novo contexto. Esse esforço tende a beneficiar toda a humanidade, pois não apenas estaremos em melhores condições no relacionamento entre os planetas como poderemos aprender com civilizações mais avançadas e assim nos aproximarmos do cenário de bem-estar que elas já vivenciam.

Algumas palavras merecem ser ditas ainda a respeito da telepatia. As civilizações que se apresentaram a Rossi e a Guimarães dominavam essa forma de comunicação, mas não a que se apresentou a Berlet. De fato, foi preciso que Berlet e Acorc se comunicassem em alemão, do contrário não teriam se compreendido. Isso talvez sugira que Acart ainda não estivesse no grau máximo da sua evolução, não obstante já fosse capaz de enviar espaçonaves a outros planetas. A comunicação via pensamento representa uma revolução a qualquer sociedade que a desenvolve, mudando de forma completa a forma como as pessoas se relacionam. Se essa também é uma potencialidade de todas as civilizações do Universo, convém que também a humanidade considere essa possibilidade e os seus possíveis efeitos.

Certamente, é um mundo muito diferente que nos aguarda a partir do momento que a Terra esteja inserida em um contexto estelar maior. Os relatos desses três brasileiros abduzidos na década de 1950 oferecem vislumbres do que a humanidade poderá ter pela frente. É chegada a hora de dar passos decisivos na direção dessa nova realidade, sendo que o avanço de novas áreas como a Exopolítica e o Exodireito podem permitir que essa transição ocorra da forma mais propícia e segura para os interesses da humanidade.

REFERÊNCIAS

BERLET, Artur. **Os discos voadores**: Da utopia à realidade. Rede Regional de Jornais, Sarandi, 2010.

EQUIPE UFO. Uma viagem no disco voador. **Revista UFO**, São Paulo, Ed. 175, mar. 2011. Disponível em: <https://ufo.com.br/artigos/uma-viagem-no-disco-voador>. Acesso em: 06 mai. 2021.

GUIMARÃES, Ylves José de Miranda. **Direito natural**: visão metafísica e antropológica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

MAUSO, Pablo Villarrubia. Antonio Rossi: “Num disco voador visitei outro planeta”. **Respostas da Luz**, São Paulo, 12 abr. 2011. Disponível em: <<https://respostadaluz.blogspot.com/2011/04/antonio-rossi-num-disco-voador-visitei.html>>. Acesso em: 06 mai. 2021.

SALLA, Michael. **Exposición de las políticas del gobierno USA sobre la vida extraterrestre**: Los retos de la Exopolítica. Hawaii: Instituto de Exopolítica, 2012.

TASCA, Flori Antonio. Da Exopolítica ao Exodireito. **Revista ExoCiência**, Instituto Mukharajj, Rio de Janeiro, Ano 2, v. 2, jun. 2016.

WEBRE, Alfred Lambremont. **Exopolítica**: La política, el gobierno y la ley en el Universo. Málaga: Ediciones Vessica, 2012.

**COSMOS – MATÉRIA – TEMPO:
MAIS PERGUNTAS QUE RESPOSTAS**

DOUGLAS ALBRECHT

RESUMO

A humanidade sempre procurou respostas para explicar a origem do Cosmos e de tudo o que existe. Partindo das respostas míticas que ditavam as explicações na Antiguidade, pouco a pouco a humanidade foi inserindo tecnologias que permitiram se aproximar um pouco mais das respostas para tais questões, agora sob o domínio das pesquisas científicas. Mesmo então, diversas foram as teorias para explicar a origem do Universo, mas a mais aceita na atualidade é a do “Big Bang”, a qual sustenta que em determinado momento do passado toda a matéria esteve reunida em um único ponto, de densidade infinita, o qual, a certa altura, “explodiu”, dando início ao processo de expansão do Cosmos até alcançar o resultado que vemos hoje. O artigo se propõe a rever alguns detalhes sobre como teria acontecido tal processo de expansão derivado do Big Bang, à luz do trabalho dos astrônomos John D. Barrow e Joseph Silk (1988), ao mesmo tempo em que se verifica em que medida é possível, por meio do conhecimento já obtido pela ciência moderna, responder as questões fundamentais da humanidade.

PALAVRAS-CHAVE

Cosmologia. Big Bang. Universo. Expansão.



SOBRE O AUTOR

DOUGLAS ALBRECHT,

paulista radicado no Paraná, é graduado em Agronomia pela UDESC (2002) e em Engenharia Civil pela UDC (2014), com especialização em Análise de Estruturas (2018). Morador da cidade maravilhosa de Foz do

Iguaçu, terra das cataratas, hoje se considera um legítimo pé vermelho.

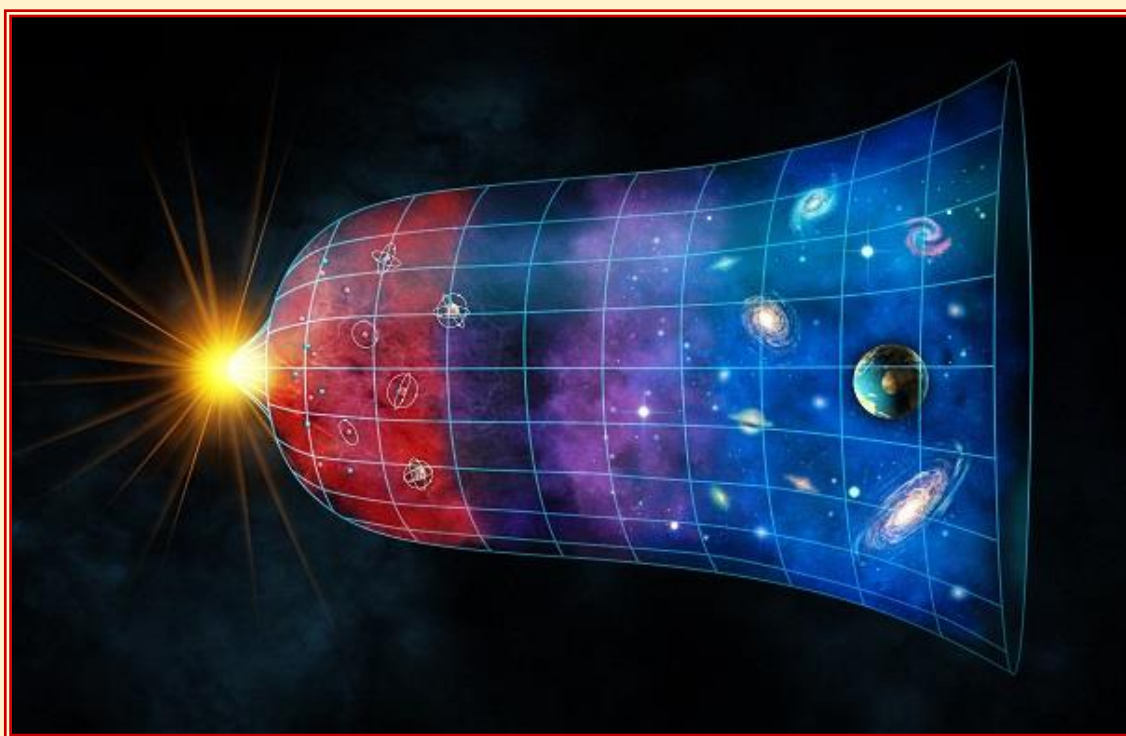
Atuou por 17 anos no Paraguai como engenheiro agrônomo, atendendo a produtores de soja e milho, e hoje atua como engenheiro calculista e estruturalista, prestando serviços a diversas empresas do ramo da construção civil. Durante seus dois períodos acadêmicos, foi bolsista de iniciação científica CNPq, tendo como área de estudo gênese e fertilidade do solo.

Espírita há 10 anos, é colaborador voluntário no CEAE (Centro Espírita Aprendizizes do Evangelho) e também é membro voluntário no IPATI (Instituto de Pesquisas Avançadas em Transcomunicação Instrumental), capitaneado pela Dra. Sônia Rinaldi. Estuda e conhece as obras do Dr. Hernani Guimarães Andrade, eminente cientista espírita que, na década de 60, publicou obra ímpar (“Teoria Corpuscular do Espírito”), a qual jogou luz sobre os conhecimentos sobre o espírito, sua formação e influência na matéria.

Em 2016, participou e realizou trabalho de pesquisa no agrolífo de Prudentópolis, onde coletou amostras de folhas e solo, e empreendeu estudo que gerou informações até então inéditas sobre o fenômeno.

Contato: albrechtengenharia77@outlook.com

Podemos nos questionar sobre as origens do Cosmos? Se sim, podemos conhecer como tudo o que vemos e sentimos começou? Podemos confiar em todos os dados e informações produzidos até hoje sobre a origem do Cosmos? E conhecer isso irá trazer alguma modificação no modo como organizamos as nossas vidas? São perguntas que podem ser até consideradas um tanto clichês, mas escritas de uma forma menos simplória, pois bastaria perguntar: de onde viemos e para onde vamos?



<https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/teoria-big-bang.htm>

Big Bang

Desde a antiguidade, o ser humano se preocupa em buscar respostas para essas perguntas. Inicialmente, essas respostas vinham por meio de mitos da criação do mundo.

Conforme o pensamento científico se desenvolveu e se consolidou, passaram a surgir teorias embasadas nas evidências que cada época tinha à sua disposição.

Aos poucos, foi então se aprimorando o conhecimento da humanidade e houve uma aproximação das respostas a essas antigas perguntas, mas, mesmo em nossos dias, não se pode dizer que existam respostas conclusivas e definitivas para elas.

Na atualidade, a comunidade científica conta com várias hipóteses sobre a origem e o desenvolvimento do Universo, mas é verdade que prevalece amplamente a teoria de que houve um início específico para toda a matéria que podemos observar: é a chamada teoria do “Big Bang”.



guiatoplevel.com/noticias/92-variedades/231-como-o-detetive-espacial-edwin-hubble-mudou-nossa-visao-do-universo

Edwin Powell Hubble (1889-1953)

A teoria do Big Bang emergiu na década de 1920, quando se teve conhecimento, a partir das observações de Edwin Hubble, de que existiam outras galáxias além da Via Láctea e, depois, que elas estavam se afastando de nós, sugerindo, assim, que o Universo estava em expansão como, aliás, já se podia depreender da própria Teoria da Relatividade Geral formulada por Albert Einstein na década anterior (PEREIRA, 2020).

Se as galáxias se afastam umas das outras, significa que um dia elas já estiveram mais próximas, talvez tão próximas que toda a matéria existente se concentrava em um único ponto de densidade infinita (HAWKING, 2015). É a ideia que se transformaria na teoria do Big Bang.

Basicamente, a teoria sustenta que, há cerca de 13,8 bilhões de anos, todo o Universo estava reduzido a um ponto infinitesimal que concentrava toda a energia existente. As quatro forças conhecidas da Natureza (ou seja, gravitação, força eletromagnética, força nuclear forte e força nuclear fraca) estavam reunidas nesse ponto. Houve, contudo, um momento em que o ponto começou a se expandir. É a esse instante preciso que os cientistas se referem como “Big Bang”, aludindo realmente a uma “grande explosão” (curiosamente, o termo foi cunhado por um detrator da teoria, Fred Hoyle, que pretendia desqualificar a ideia de que o Universo teve um início exato).

Com o início da expansão, houve uma queda de temperatura que fez com que as quatro forças da Natureza, aos poucos, se separassem, situação que possibilitou o surgimento do núcleo dos átomos, formado por prótons e nêutrons que gerariam os primeiros átomos de hélio, lítio e deutério. Muito tempo ainda seria necessário até que, a partir das interações entre a matéria existente no Cosmos, surgissem estrelas e os demais elementos químicos, inclusive os mais pesados, gerados no interior das estrelas. As estrelas se agrupariam em galáxias e outras estruturas e aos poucos começaram a surgir planetas a partir dos discos de gás e poeira que rodeavam as estrelas.

Em síntese, é esse o modelo cosmológico padrão que foi adotado a partir da teoria de que o Universo teve origem em um instante específico que acabou conhecido como Big Bang. Tal modelo se mostrou sustentável diante da maior parte das evidências que surgiram ao longo do século XX e do presente século, embora eventuais ajustes tenham sido necessários. De todo modo, é, ainda hoje, é a teoria mais aceita pela comunidade científica.

O que não significa, nem de longe, que o assunto esteja encerrado e que não haja, ainda, muito que discutir a respeito da teoria do Big Bang.

Uma análise detida e minuciosa sobre o que se acredita ter sido a origem e o desenvolvimento do Universo em seus primórdios, com base na ideia de que houve uma expansão inicial, foi oferecida por dois astrônomos de renome internacional, John D. Barrow e Joseph Silk, autores de “A mão esquerda da criação: Origem e evolução do Universo em expansão” (1988). Com base nesse trabalho, importantes reflexões podem ser feitas sobre o que pode ter acontecido nos momentos que definiram o rumo do Universo.

De maneira específica, a história começa um pouco depois do Big Bang. É que o instante de início da expansão do Universo representa uma “singularidade”, evento que não pode ser explicado pelo modelo padrão da Física, sendo até possível que leis físicas distintas das que conhecemos tenham conduzido o processo. O conhecimento da humanidade não pode recuar até o momento exato da singularidade, mas chega muito perto dela.

É possível criar um cenário mais preciso sobre o desenvolvimento do Universo alguns meses após o evento do Big Bang. A temperatura nesse período era da ordem de 1.000.000 K (um milhão de graus Kelvin) ou 999.726,85 °C (novecentos e noventa e nove mil e setecentos e vinte e seis graus Celsius). Na ocasião, já havia partículas de matéria, cuja densidade era suficientemente alta para colocá-las em contato íntimo com um forte campo de radiação, na qual, então, elas permaneciam imersas.

Quando se traduz essa temperatura e essa arquitetura de campo de radiação, pode-se dizer que o estado radiante do universo nesses meses era o de um corpo negro. Um corpo negro é definido como um objeto que não reflete luz, ele simplesmente absorve toda a luz que possa sair dele ou chegar até ele. Todo corpo negro emite apenas radiação térmica com o mesmo espectro.

Isso leva a algumas conclusões: nesse período, o universo era desprovido de luz, pois, se o seu comportamento termodinâmico era o de um corpo negro, significa que toda a radiação era absorvida e apenas a radiação térmica era predominante nesse ambiente.

Tal cenário diz muita coisa e implica que a “grande explosão” não tenha se assemelhado a uma explosão, evento que, a princípio, libera partículas, fótons e energias térmicas e radiantes. Se, termodinamicamente, o Universo, alguns meses após o Big Bang, possuía o comportamento de um corpo negro, então todo o campo de radiação estava ligado intimamente às partículas de matéria existentes na época, ou seja, aos prótons e aos elétrons, o que conferia a essas partículas uma densidade maior que a atual.

O fato de ocorrer somente a liberação da energia térmica explica a temperatura de quase um milhão de graus Celsius nesse ambiente. O universo até então era quente e escuro, ou seja, tratava-se ainda de uma época anterior ao “Fiat Lux”. Nesse ambiente, as partículas apresentavam-se sob o regime termodinâmico do corpo negro, com um equilíbrio preciso entre o ingresso e a saída de energia desse sistema. Na medida em que as partículas surgiam, elas rapidamente decaíam para que outras surgissem, preservando, assim, um equilíbrio cujo saldo seria sempre nulo, isto é, sem aumento e nem diminuição de energia. Era a lei da simetria perfeita, mas a pergunta a se fazer era até quando esse cenário iria persistir.

A quebra dessa simetria só seria possível com alguma variação no equilíbrio, seja de ordem térmica ou radiante, e isso efetivamente ocorreu. Quando a simetria entre as partículas foi quebrada, o Cosmos nascente foi desequilibrado e, em consequência, outro Cosmos surgiu, apresentando agora um desequilíbrio entre as partículas, antes perfeitamente simétricas.

Esse novo Cosmos surgiu de flutuações na densidade energética, que até aquele momento estava em equilíbrio perfeito, como o de um corpo negro. Mas qual sido a causa ou a origem dessas flutuações? Até o momento, sabe-se apenas que, a partir da expansão do Cosmos, a temperatura cai e essa queda da temperatura permite que o equilíbrio térmico se desfaça, fazendo então com que a probabilidade de um desbalanço seja efetivada.

As flutuações ficaram mais evidentes quando, a partir do ponto inicial do Universo, no Big Bang, o Cosmos já havia se expandido 100.000 vezes. Nesse momento, a matéria existente começou a se condensar e a formar pequenas manchas no vasto tecido do Cosmos em expansão.

Aqui é necessário dar mais um salto na expansão do Universo, indo diretamente à formação das galáxias. Sabe-se que a formação de uma galáxia é devida a dois ingredientes básicos, a matéria escura e a presença de hidrogênio. Sobre a matéria escura, na verdade, pouco se sabe, mas o pouco que já sabemos sobre ela diz respeito à sua fraca interação com a matéria barônica (matéria da qual somos constituídos) e da sua forte interação com a gravidade, sendo, por outro lado, inexistente a sua interação com as forças eletromagnéticas e nucleares.

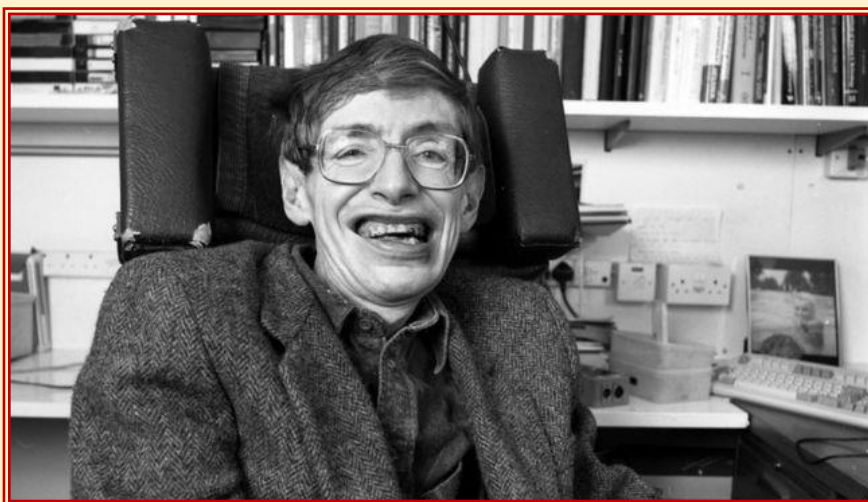
Cerca de 90% da massa total de uma galáxia é constituída por matéria escura. A teoria do Cosmos inflacionário previu a existência dessa matéria escura e um dos grandes candidatos, dentro do modelo padrão de partículas, para representá-la são os neutrinos e, provavelmente, dentro da teoria da simetria, os antineutrinos.

Há três tipos de neutrinos conhecidos atualmente e todos eles praticamente não interatuam com a matéria visível. Eles são tão antigos quanto os elétrons e prótons.

Há outras teorias que atribuem à matéria escura uma constituição exclusiva de partículas de alta densidade e massa, a qual seria equivalente à de um próton. Essas são as chamadas “WIMPS”, sigla em inglês para partículas massivas de interação fraca. Essas partículas foram criadas, em menores quantidades, nos primeiros segundos após o Big Bang e, devido à massa maior, são capazes de interagir com a gravidade.

É este novo Cosmos que possibilita a formação e a condensação de galáxias, cuja influência gravitacional se deve à matéria escura, que, como dito, representa cerca de 90% da sua massa. Os 10% restantes estão com a simetria desequilibrada, fenômeno ocorrido por algum evento que ainda está por ser descoberto.

Imaginar um Universo, em seus primórdios, desprovido de luz, sendo um corpo negro que apenas irradia calor, é um exercício de superação, já que, nessas condições, somente as leis físicas predominam e é necessário imaginar uma abstração, o que para muitos pode ser um tanto penoso.



bbc.com/portuguese/geral-43398809

Stephen Hawking (1942-2018)

Parece fato lógico que o ponto principal para entender como tudo se desenvolveu está justamente em descobrir como e por que ocorreu o momento da quebra da simetria.

O que teria causado essa quebra? Haveria influência da matéria escura nisso? E o tempo? Teria também um papel nessa quebra? São questões que hoje representam desafios cosmológicos.

Segundo Stephen Hawking (2015), a história da presença do tempo na evolução do Cosmos deve ser reavaliada. O eminente físico sustentava que o tempo, durante a expansão do Universo, pode ter tido uma natureza alterada, diferente da atual, o que explicaria cada uma das fases durante o processo expansivo. Isso significaria que o tempo, assim como o Cosmos, também passou por um processo de evolução? É uma questão intrigante que, por certo, dá muito que pensar aos pesquisadores da atualidade.

Por mais teórica que pareça a discussão sobre as origens do Universo a partir do Big Bang, ela se ampara também em evidências observacionais, na medida em que nossos atuais telescópios funcionam como “máquinas do tempo”, expressão usada pelo próprio Joseph Silk (PIRES, 2016) para se referir à possibilidade de enxergar, por meio deles, milhares de anos após o Big Bang (o que, em uma escala cósmica, é um tempo bastante próximo).

A radiação cósmica de fundo também funciona como evidência do Big Bang. Quando a matéria se tornou mais rarefeita e deixou de interagir com a radiação, essa radiação se esfriou e se tornou o que hoje é conhecido como radiação cósmica de fundo, a qual está presente em todo o Universo. A expansão aceleradíssima do Universo em seus instantes iniciais teria sido de tal magnitude que deixaria rastros no fundo cósmico de micro-ondas. E a comprovação desses rastros evidenciaria a ocorrência de uma inflação cósmica, permitindo que nos aproximemos do instante exato do Big Bang. Tais rastros, sutis vibrações do Universo logo após seu início, foram efetivamente detectados pela primeira vez por um telescópio no polo sul, em 2014 (AMOS, 2014), endossando assim não apenas a teoria do Big Bang como também a do modelo inflacionário de expansão do Cosmos.

Há, no entanto, ainda muito que se descobrir sobre o Universo em seus primórdios, pois, quanto mais se aprende sobre ele, mais questões são levantadas e mais lacunas precisam ser preenchidas. A assimetria de bárions, a energia e a matéria escura, entre outras questões ainda demandam muitas pesquisas para que possam ser explicadas na formação do Universo.

A compreensão sobre o Big Bang é, em grande parte, a compreensão sobre o próprio funcionamento do Universo, sendo possível que as novas descobertas tenham não apenas interesse teórico, mas também aplicação prática, como na produção de novas tecnologias. Imagina-se que outras civilizações existentes pelo Cosmos já chegaram a um conhecimento maior sobre a origem e a formação do Universo e disso se beneficiam também no seu cotidiano. Quanto a nós, cabe continuar investigando cada detalhe desse enorme quebra-cabeça que constitui o Universo, na tentativa de, pelo menos, se aproximar cada vez mais das respostas que há muito buscamos.



<https://fotodepapeldeparede.blogspot.com/2019/10/galaxia-universo-galaxia-imagens-4k.html>

Aglomerado de galáxias

REFERÊNCIAS

AMOS, Jonathan. Cientistas acham evidência ‘espetacular’ que reforça teoria do Big Bang. **BBC**, Londres, 17 mar. 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140317_expansao_universo_rb>. Acesso em: 13 mai. 2021.

BARROW, John D.; SILK, Joseph. **A mão esquerda da criação**: Origem e evolução do Universo em expansão. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo**. São Paulo: Intrínseca, 2015.

PEREIRA, Sérgio. A obra e o legado de Edwin Hubble. **Sul Informação**, Faro, Portugal, 27 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.sulinformacao.pt/2020/04/a-obra-e-o-legado-de-edwin-powell-hubble/>>. Acesso em: 12 mai. 2021.

PIRES, Marco Túlio. “Nunca saberemos se o Universo é infinito”. **Revista Veja**, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/ciencia/nunca-saberemos-se-o-universo-e-infinito/>>. Acesso em: 12 mai. 2021.

**VISÃO REMOTA: UMA HABILIDADE HUMANA QUE
PODERIA COMPROVAR A VIDA EXTRATERRESTRE?**

MARCO AURÉLIO GOMES VEADO

RESUMO

A “visão remota” constitui uma habilidade do ser humano em se deslocar até outros lugares ou ambientes apenas com a mente ou a consciência. Por mais improvável que, inicialmente, essa habilidade possa parecer, ela, de fato, tem sido praticada de forma sistemática desde meados do século passado e os seus resultados, muitas vezes, são impressionantes e comprovam que se trata de uma capacidade acessível aos seres humanos. Prova maior disso é o fato de que os governos dos Estados Unidos e da União Soviética fizeram uso da visão remota como estratégia de espionagem durante os anos da Guerra Fria. A partir de Ingo Swann, pioneiro na pesquisa de visão remota, descortinou-se todo um horizonte de possibilidades à humanidade, que, repentinamente, descobriu que podia romper a barreira do tempo e do espaço. Uma questão que se impõe nesse cenário é em que medida a visão remota pode ser útil também para comprovar a existência de vida extraterrestre e fornecer detalhes sobre as civilizações de outros planetas. Aparentemente, são boas as chances de sucesso nessa área e em muitas outras, mas o estabelecimento da visão remota em meio à humanidade exige responsabilidade, pois é certo que o seu mau uso pode ser bastante prejudicial à sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Visão remota. Consciência. Mente. Extraterrestres.

SOBRE O AUTOR



MARCO AURÉLIO GOMES VEADO é escritor, tradutor e membro da Academia de Letras de Formiga/MG. Também é autor dos blogs:

PENSE MAIS VERDE: <https://usegreenco.com.br/blogs/pense-mais-verde>

THINK GREEN: <https://usegreenco.com/blogs/think-green?page=1>

PENSAMENTOS MARCORELIANOS:
<https://pensamentosmarcorelianos.wordpress.com/>

FORMIGA E SEUS CAUSOS: <https://formigaseuscausos.wordpress.com/>

IDENTIFICADO!: <https://identificadoladob.wordpress.com/>

IDENTIFIED!: <https://identifiedsideb.wordpress.com/>

Contato: marcoaurelio@usegreenco.com

Por mais evidências que a Ufologia mundial já tenha juntado sobre a existência de vida extraterrestre, sabe-se que ainda não houve tal comprovação por parte da comunidade científica. Essa situação representa um desafio aos ufólogos, que precisam encontrar meios para que os resultados colhidos por eles possam ser admitidos por toda a sociedade. É possível, contudo, que o ser humano já tenha dentro de si a possibilidade de fazer essa comprovação.

Trata-se de uma habilidade conhecida como “visão remota”, entendida como a forma de acessar lugares distantes sem a necessidade de deslocamento do corpo físico, apenas por meio de uma “visualização” do local que se deseja visitar, a partir de certas coordenadas. Na verdade, o que se desloca na visão remota é a mente ou a consciência do agente. Todo ser humano teria essa habilidade. Será que essa capacidade, absolutamente “surreal”, pode ser uma forma de ter contatos diretos – e verdadeiros – com extraterrestres?

Inicialmente, é preciso reconhecer que, por mais improvável que ela possa parecer, a visão remota já foi usada inclusive por governos mundiais. De fato, não se trata de prática recente, pois a visão remota foi bastante utilizada por agentes treinados da CIA (Estados Unidos) e da KGB (União Soviética), durante a Guerra Fria, quando os dois países disputavam quem seria a maior potência mundial, em termos bélicos e econômicos.

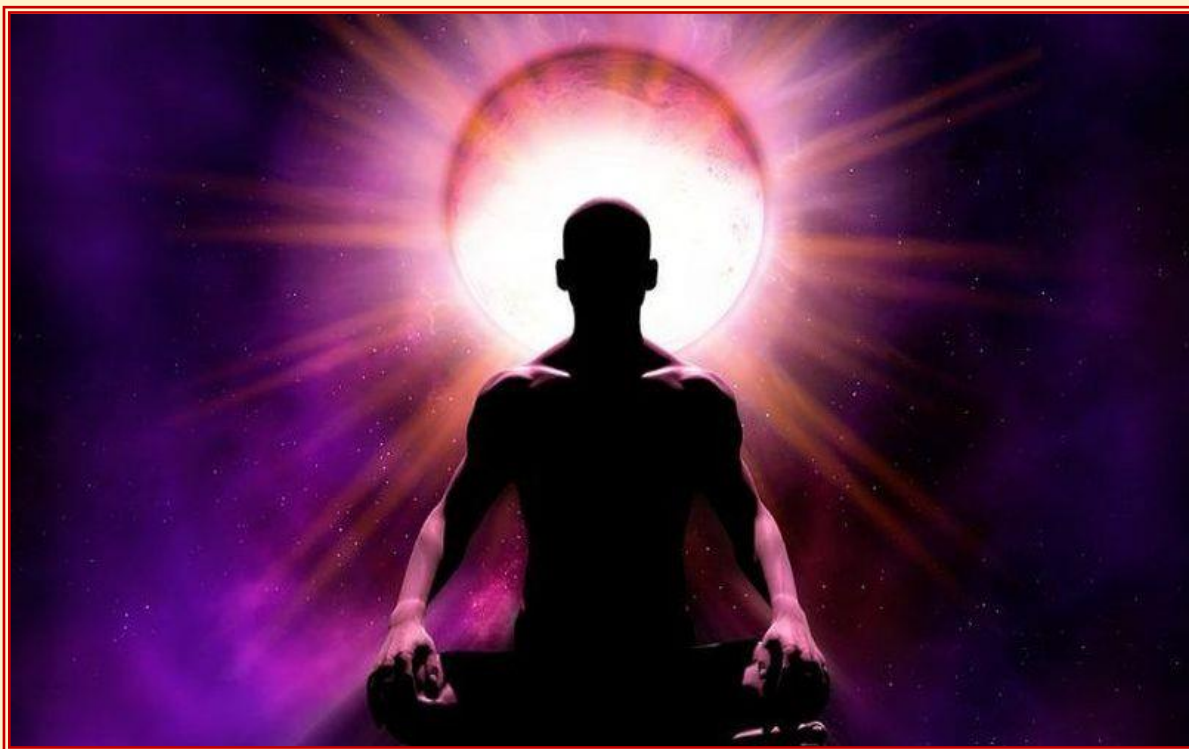
Os americanos iniciaram a experiência em visão remota em 1972, depois que o artista plástico Ingo Swann entrou em contato com o Instituto de Pesquisa de Stanford (SRI) afirmando que era capaz de visualizar detalhes de objetos, lugares e pessoas apenas mentalmente. Swann se saiu bem em testes iniciais e sua habilidade vinha ao encontro do interesse da CIA em financiar um estudo sobre a aplicação de parapsicologia para fins militares, pois sabiam que a União Soviética já fazia isso desde os anos 60 (ROCHEDO, 2016).

A visão remota se tornava interessante porque haviam aumentado os riscos – e os custos – no deslocamento de espiões para cumprir missões mais perigosas.

Entre os feitos notáveis da visão remota a serviço dos americanos está o de Pat Price, que, tendo recebido as coordenadas de uma base militar soviética na Sibéria, visualizou o lugar e desenhou prédios vistos do alto, além de um enorme guindaste, de formato inusitado. Mais tarde, imagens de satélite flagraram tal guindaste, incrivelmente semelhante ao desenhado por Price. Há evidências também de que a visão remota teria sido usada para localizar os funcionários da embaixada americana tomados como reféns no Irã, em 1979, e também durante a Guerra do Golfo, em 1991, entre outras ações.

A popularização do uso da visão remota, contudo, fez com que as agências governamentais americanas abandonassem o projeto por uma questão de segurança nacional. Isto porque as pessoas comuns, dotadas desse tipo de habilidade, poderiam se tornar potencialmente perigosas para o próprio Governo, vazando segredos considerados inexpugnáveis e vitais para o país. Por aí se percebe que, por mais extraordinária que pareça a visão remota, tal habilidade existe e é levada a sério pelas nações mais poderosas do planeta.

No setor privado, o alcance da prática da visão remota deixou de se restringir aos alvos terrestres e se expandiu para os alvos extraterrestres, rompendo as barreiras do espaço e do tempo! De fato, se ainda há limitações técnicas para que a humanidade envie espaçonaves a outros planetas, a visão remota parece ser um meio já ao alcance da humanidade para se ter contato com realidades extraterrestres. Mas primeiro é preciso entender melhor como é o funcionamento da visão remota.



<https://www.univision.com/horoscopos/las-predicciones-de-enero-2020-fotos>

Visão remota: Habilidade permite romper barreiras do espaço e do tempo.

COMO FUNCIONA A VISÃO REMOTA

Qualquer ser vivo, ou mesmo objeto, possui ao seu redor um campo de energia eletromagnética conhecido como “*Electro Magnetic Field*” (EMF) ou, em português, "campo eletromagnético". O campo de visão física do ser humano é limitado, pois só detecta a emissão fotônica, ou seja, 90% da informação que é filtrada no tálamo, para depois ser ajustada no modelo visual-mental padrão, ou seja, a realidade tridimensional.

O campo eletromagnético foi registrado pela primeira vez através das fotografias Kirlian, nome dado ao seu descobridor, o engenheiro elétrico Semyon Kirlian.

Em 1939, na Rússia, ele fotografou um objeto sobre uma placa fotográfica conectada a determinada voltagem.

A imagem revelada apresentava o objeto circundado por gases e vapores que se tratavam, na verdade, do seu campo eletromagnético (EMF). Em outras palavras, a fotografia Kirlian, conhecida também como bioeletrografia ou bioeletrograma, passou a ser a prova material da “aura” de todos os objetos, animados e inanimados. Os religiosos, claro, contestaram esses resultados. Na Física, um processo similar, descoberto em 1777 e desenvolvido depois por Nikola Tesla, tornou-se o que hoje se conhece como “xerografia”.

Por causa desses antecedentes, o cientista Ross Adey conseguiu identificar um atalho pelo qual os campos eletromagnéticos (EMF) poderiam afetar diretamente o cérebro. A informação obtida a partir dos campos biofísicos se tornou a base científica da visão remota. Tal base pode ser demonstrada por meio das equações dos Campos Eletromagnéticos de Maxwell e da Teoria da Relatividade de Einstein. O pleno entendimento do eletromagnetismo contribuiu bastante para o próprio advento da Revolução Tecnológica, iniciada no final do século XIX e que deve culminar na “Singularidade”, conceito criado pelo futurista Ray Kurzweil para se referir a um cenário explosivamente transformador da realidade por meio da tecnologia (RAY, 2010), evento que conduzirá a humanidade à próxima Nova Era.

O fenômeno da visão remota pode ser comparado a outros fenômenos misteriosos que envolvem a consciência humana, como os sonhos lúcidos, as projeções astrais ou até as "Experiências de Quase Morte" (EQMs). Esse conjunto de fenômenos é conhecido como “Reino do Quantum”.

Uma vez que outros "acessos remotos" começaram a ser atingidos, o pioneiro Ingo Swann, aquele que havia oferecido os seus serviços para a CIA, passou a "visitar mentalmente" outros planetas!



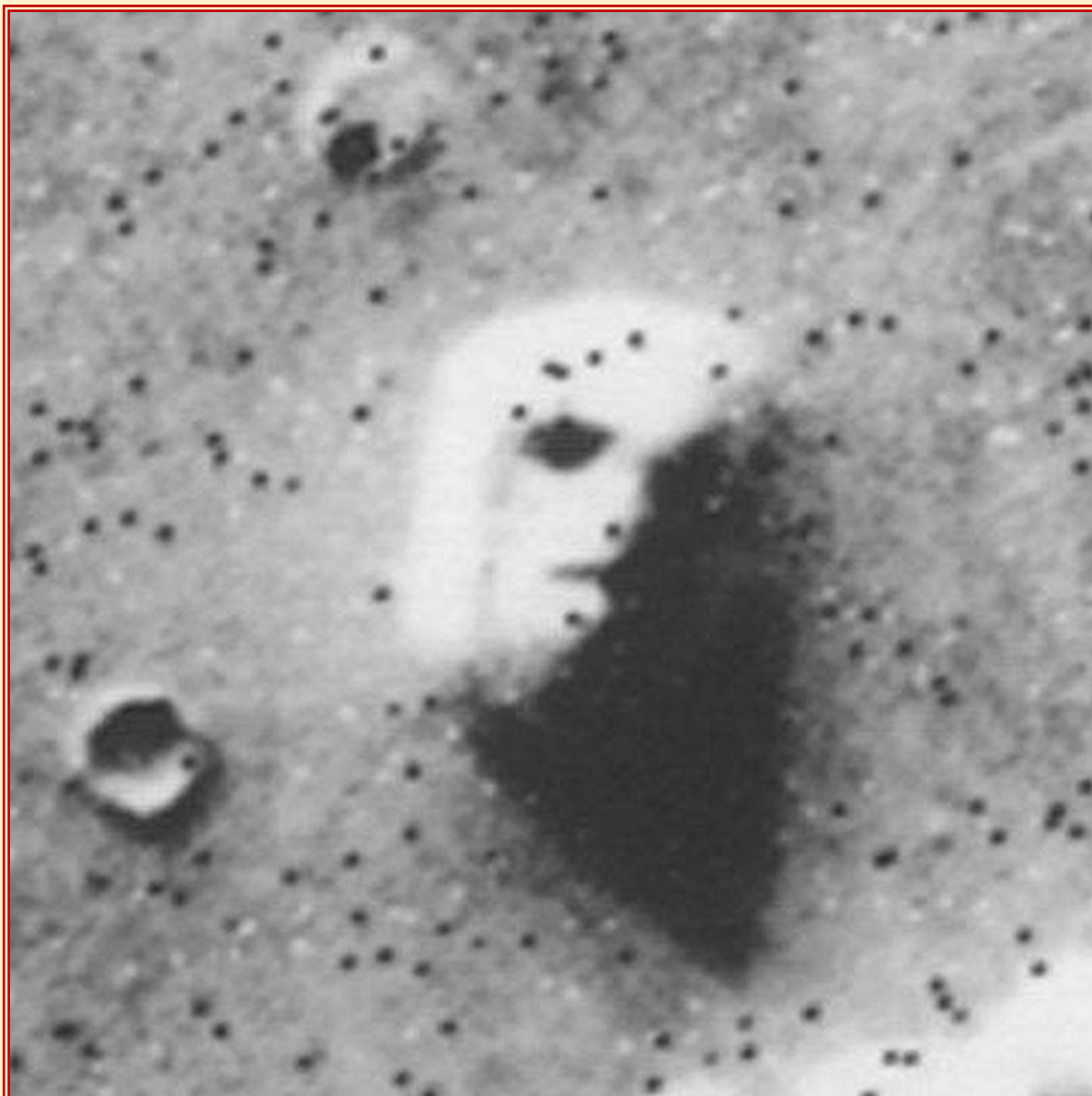
http://hittt-fun.blogspot.com/2016/07/6_66.html

Ingo Swann, precursor da visão remota, teria passado a visitar outros planetas

O DIA EM QUE INGO SWANN FOI A MARTE E “VIU” SERES DE OUTRO TEMPO!

De acordo com um relatório da CIA, após receber as coordenadas geográficas de localização em Marte, Swann observou que estava próximo a uma pirâmide, na região conhecida como *Cydonia Mensae*, localizada no hemisfério norte do planeta. Essa pirâmide é conhecida como "Rosto de Marte".

Ingo Swann descreveu, com minúcias impressionantes, detalhes geológicos do local e os eventos meteorológicos ocorridos no momento. Observou, ainda, nuvens carregadas e uma posterior tempestade muito forte.



cerebrenitza-urano.bandcamp.com/track/foo-fighters

Região do “Rosto de Marte” foi visualizada por Swann em visão remota

De repente, Swann se viu perto de seres altos, muito magros, “parecidos com sombras”.

Esses seres não eram deste tempo, mas de um momento em que Marte era habitado. Os seres pertenciam a uma civilização já extinta.

O incrível evento foi "desclassificado" pela CIA em 22 de maio de 1984, mas os "locais visitados" por Swann foram recentemente comprovados por sondas da NASA, reforçando assim a veracidade do relato produzido por ele daquilo que observou por meio de visão remota. A indicação de que havia outros seres em Marte, habitantes de uma antiga civilização, se bem que ainda não tenha sido comprovada, sugere outra capacidade extraordinária para o ser humano: usar a visão remota para, literalmente, viajar no tempo.

VISÃO REMOTA E AS CATEGORIAS DE EXTRATERRESTRES

A partir das visões remotas de outros planetas e de outras civilizações, foi possível até mesmo elaborar algumas classificações sobre quem são os extraterrestres e como eles se relacionam com a Terra. Lyn Buchanan, sargento reformado do Exército americano, também é um explorador da visão remota, inclusive ministrando cursos até os dias de hoje. A partir daquilo que já se sabia por meio da visão remota, Buchanan ficou encarregado de fazer uma comparação da habilidade psíquica dos extraterrestres com a dos humanos, além de descobrir as intenções dos alienígenas em nosso planeta.

A partir dos dados fornecidos por Buchanan, os Projetos Blue Book e Rancor (ou seja, duas iniciativas oficiais dos Estados Unidos para pesquisas sobre UFOs e fenômenos associados) desenvolveram um postulado, criando quatro categorias de extraterrestres:

1. **Seres amigáveis, menos psíquicos do que humanos:** espécies que vêm à Terra somente para fins comerciais;
2. **Seres hostis, menos psíquicos do que humanos:** espécies que evitam o contato com humanos;
3. **Seres amigáveis, mais psíquicos do que humanos:** espécies que desejam ajudar os humanos a desenvolver suas habilidades psíquicas;
4. **Seres hostis, mais psíquicos do que humanos:** espécies que detestam humanos, esperando que sejam dizimados, porque entendem que o desenvolvimento de suas habilidades psíquicas pode tornar a raça humana uma ameaça para elas.

Nota-se então, mais uma vez, a seriedade que o tema da visão remota merece de autoridades norte-americanas, mesmo que boa parte das iniciativas nessa área ainda aconteça de forma oculta ou ao menos velada. Ao mesmo tempo, percebe-se que há uma aplicação direta dessa habilidade na pesquisa sobre extraterrestres, pois não apenas é possível que seres humanos “viajam” a outros planetas e entrem em contato com outras civilizações como também é possível comparar os relatos desses “viajantes” com as evidências obtidas aqui na Terra, ao longo do tempo, pela Ufologia, a fim de se chegar a resultados mais próximos sobre quem são e o que querem as espécies extraterrestres.

A VISÃO REMOTA E A CURA DO SER HUMANO

Existem outros projetos relacionados à visão remota desenvolvidos por cientistas da NASA e pelo setor privado, na área da nanotecnologia.

Como se já não fosse espetacular poder "viajar" além do corpo físico, os "exploradores remotos" também podem "viajar" dentro do corpo humano. O objetivo é detectar e localizar disfunções celulares para, em seguida, programar nanorrobôs para reparar a “avaria”.

A visão remota, se estabelecida (se o “sistema” deixar, claro), poderá se tornar uma área científica de enorme benefício para a humanidade, porque não apenas será uma ferramenta concreta para explorar outros mundos e outros espaços-tempos, mas também para curar! É de se imaginar que civilizações mais avançadas espalhadas pelo Cosmos já detenham esse conhecimento sobre a visão remota há muito tempo e dela se beneficiem. Com o seu estabelecimento entre humanos, a Terra também dará um espaço nessa direção, mas é preciso, antes, que o tema seja tratado com a devida seriedade.

Afinal, a visão remota é uma prática ao alcance de todos, ou seja, não é uma habilidade psíquica de poucos. Aprendendo os passos para colocá-la em prática, qualquer pessoa poderia acessar remotamente qualquer lugar. E isso, como se pode imaginar, pode representar um risco, com a visão remota sendo usada para fins oportunistas. Mesmo as fraudes são uma ameaça, de maneira que, na medida em que a visão remota for estabelecida como uma habilidade do ser humano, será preciso adotar um código de ética ou leis rígidas para ela.

Conclui-se, portanto, que a visão remota é uma possibilidade útil para se estudar e quem sabe até comprovar a existência de extraterrestres, situação que, de outro modo, com a nossa tecnologia atual, talvez fosse mais difícil. Ela tem sido usada nas últimas décadas por governos de nações poderosas e vários dos seus resultados têm sido surpreendentes.

Os benefícios que a Terra terá com o estabelecimento da visão remota abrangem inclusive o seu bem-estar, de maneira que se trata de uma habilidade útil à humanidade, mas que deve ser acompanhada dos devidos cuidados para não ser mal utilizada.



[https://nwhjournal.org/article/S1751-4851\(18\)30241-1/fulltext](https://nwhjournal.org/article/S1751-4851(18)30241-1/fulltext)

Visão remota pode servir também para a cura em seres humanos

REFERÊNCIAS

RAY Kurweil e o mundo que nos espera. **Revista Piauí**, São Paulo, abr. 2010. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/ray-kurzweil-e-o-mundo-que-nos-espera/>>. Acesso em: 14 mai. 2021.

ROCHEDO, Aline. Espionagem mental. **Superinteressante**, São Paulo, 31 out. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/espionagem-mental/>>. Acesso em: 14 mai. 2021.

SWANN, Ingo. *Insider tales of America's superpsychic spies.*

_____. *Remote viewers on aliens.*

_____. *Remote viewing and its conceptual nomenclatures problems.*

**OS MENSAGEIROS: CORUJAS, SINCRONICIDADE E
ABDUÇÕES ALIENÍGENAS**

CLÁUDIO TSUYOSHI SUENAGA

RESUMO

Por mais inusitado que possa parecer, um número cada vez maior de pessoas abduzidas por alienígenas alega ter avistado algum tipo de coruja nos momentos imediatamente anteriores ou posteriores à sua experiência. As corujas sempre desempenharam um papel místico para a humanidade, sendo frequentemente associadas a sincronicidades, símbolos, arquétipos, sonhos, mitos e experiências xamanísticas. A associação das corujas com as experiências ufológicas sugere a hipótese de que essas aves de rapina noturnas possam ser usadas por alienígenas como projeções, a fim de que o encontro com alienígenas não assuste e nem seja traumático para os seres humanos. O ufólogo Mike Clelland começou a ouvir e a coletar histórias que se relacionam com corujas e descobriu experiências surpreendentes que permitem associar essas aves ao fenômeno UFO. Ao que parece, a coruja estaria no centro de uma jornada de transformação espiritual. O autor visitou um bar no Japão em que é possível ter contato direto com as corujas e, a partir dessa experiência, faz uma série de reflexões sobre como essas aves atuam na Natureza e como se relacionam com os seres humanos.

PALAVRAS-CHAVE

Corujas. Abduções. Sincronicidade.



Foto por Shiina Tikara

SOBRE O AUTOR

CLÁUDIO TSUYOSHI SUENAGA é mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde defendeu em 1999 a primeira dissertação de mestrado no Brasil sobre o Fenômeno OVNI.

Colaborador e consultor de diversos jornais e revistas especializadas no Brasil e no exterior, vem se dedicando há mais de três décadas a investigar sociedades secretas, seitas e movimentos religiosos do tipo gnósticos, messiânicos, milenaristas, apocalípticos, satânicos e ufológicos, bem como fenômenos sobrenaturais, paranormais e milagrosos. Suas maiores paixões, no entanto, sempre foram as pesquisas, aventuras e explorações históricas e arqueológicas em torno de monumentos megalíticos, cidades perdidas, civilizações perdidas, tecnologias antigas avançadas, etc., às quais vem se dedicando com mais afinco nos últimos anos. Em 2007 lançou seu primeiro livro, *Contatados: Emissários das Estrelas, Arautos de uma Nova Era ou a Quinta Coluna da Invasão Extraterrestre?* (Campo Grande, CBPDV), seguido em 2018 de *50 Tons de Greys: Abduções com Relações Sexuais - Experiências Genéticas, Rituais de Fertilidade ou Cultos Satânicos?* (Campo Grande, CBPDV). Desde março de 2016, Suenaga reside, trabalha e realiza pesquisas em Osaka, no Japão.

Site: <https://claudiosuenaga.yolasite.com/>

Facebook (perfil pessoal): <https://www.facebook.com/ctsuenaga>

Facebook (página “Expondo a Matrix”): <https://www.facebook.com/clasuenaga/>

Instagram: <https://www.instagram.com/claudiosuenaga/>

YouTube (canal “Expondo a Matrix”): <https://www.youtube.com/channel/UCz4XieT9uSKdthyWvSmjMxg>

UM MISTÉRIO A DESVENDAR



<https://4archive.org/board/x/232>

Similaridade Coruja - Alien

O sociólogo francês Pierre Lagrange observou certa vez, em uma conversa com seu conterrâneo Jacques Vallée, que nos relatos ufológicos “o único elemento que falta é o familiar – o gato preto ou a coruja usados para acompanhar as bruxas!”.

Faltava. Muitas testemunhas têm alegado que viram corujas antes e depois de terem sido abduzidas, por mais estranho que isso possa parecer. Qual a conexão desse animal, que ocupa um lugar de reverência mística ao longo da história, com as abduções ufológicas? Das lendas de nosso passado antigo aos relatos em primeira mão dos abduzidos por OVNI, as corujas estão desempenhando um papel vital, relacionadas que estão com sincronicidades profundas, símbolos, arquétipos, sonhos, mitos e experiências xamanísticas. O que acontece é uma história de transformação pessoal com a coruja no centro dessa jornada.

Autor do livro *The Messengers: Owls, Synchronicity and the UFO Abductee* (2015), o ilustrador, escritor, aventureiro e ufólogo Mike Clelland, que cresceu nas planícies de Michigan e passou dez anos (como um *yuppie*) na cidade de Nova York e atualmente vive em Adirondacks, tornou-se o primeiro autor a explorar as implicações que vão muito além do que os pesquisadores mais heterodoxos ousariam considerar.

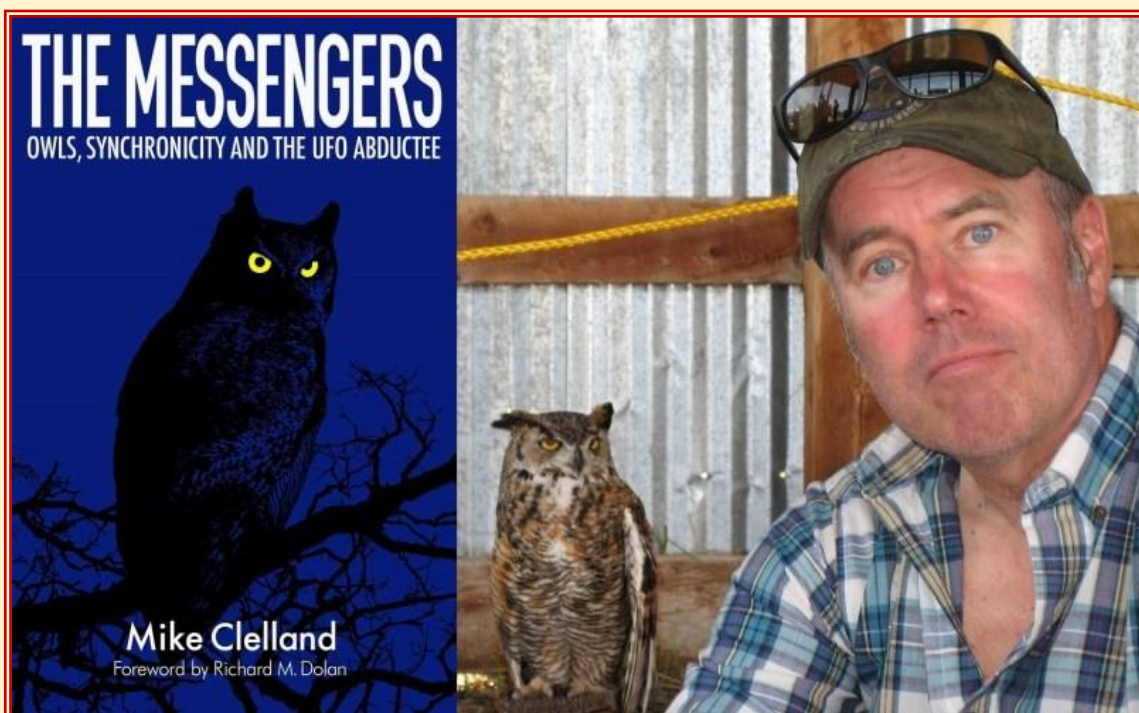


<https://legalise-freedom.com/shows/mike-clelland-owls-synchronicity-and-ufos/>

Sobreposição Coruja - Alien

Clelland ficou obcecado pelo assunto como resultado de uma estranha experiência pessoal de interação com um grupo de corujas. Isso mesmo, corujas. O episódio o levou a criar um *blog* para narrar sua experiência e logo ele ficou impressionado com a quantidade de leitores que passaram a relatar vivências muito semelhantes às dele. Clelland começou então a investigar a questão mais profundamente e a coletar relatos em primeira mão de outras pessoas. As histórias que ele começou a ouvir foram além do bizarro e do estranho.

Um jovem chamado Joe estava levando seus quatro amigos para casa uma noite quando ele e seu amigo Dave, no banco do passageiro, viram uma luz azul brilhante descendo no céu. Joe e Dave ficaram sem palavras até depois que a perderam de vista, além da linha das árvores. Depois que o choque passou, eles disseram às três pessoas nos bancos traseiros o que tinham acabado de ver. Eles estavam viajando a cerca de 80 km/h quando uma coruja branca voou ao lado do carro com a cabeça virada, olhando diretamente para os passageiros. Essa coruja voava ao lado da janela do passageiro, perto o suficiente para que Dave pudesse estender a mão e tocá-la. A coruja pairou lá por cerca de cinco segundos e depois voou. Então, a menos de um quilômetro e meio da estrada, outra coruja branca fez exatamente a mesma coisa – novamente olhando de lado enquanto voava ao lado do carro olhando pela janela de Dave.



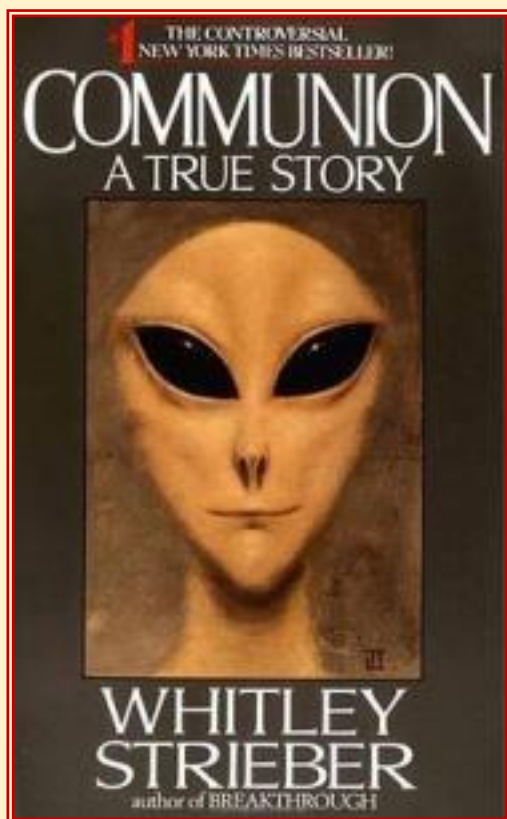
<https://www.goodreads.com/book/show/28098242-the-messengers>

Mike Clelland junto com uma amiga coruja

De repente, todos no carro começaram a gritar, como se todos sentissem o mesmo medo primordial.

Os tipos de experiências relatadas em *The Messengers* variam do mundano ao horripilante. Mas uma coisa é certa: elas eram muito reais para as pessoas que os experimentavam. Algumas delas nem sequer tinham se dado conta da estranheza do incidente até que o recontaram a Clelland.

À medida que Clelland se aprofundava e recolhia mais e mais histórias, outro padrão se tornava fortemente consistente. A de que eles também tiveram algum tipo de avistamento ou contato com OVNI's e extraterrestres. E muitas das histórias se sobrepunham o suficiente para que Clelland chegasse à conclusão de que haveria uma conexão entre elas.



Corina Saebels estava voltando para casa com sua família, dirigindo devagar, e, em uma curva acentuada, os faróis do carro iluminaram o que ela só podia descrever como um típico alienígena cinzento parado na beira da estrada. “Eu pisei no freio no meio da estrada e gritei. As crianças e eu começamos a tremer sem controle, mas, estranhamente, Rob (o marido) apenas se virou calmamente para mim e disse: ‘Com o que vocês estão tão preocupados? Grande coruja!’”.

<https://www.wheredidtheroadgo.com/books/book-reviews/item/14-whitley-strieber-communion-1987>

Livro de Whitley Strieber

A hipótese é que, quando os alienígenas estão interagindo com seres humanos, eles de alguma forma os induzem a ver algo diferente de um ser alienígena assustador, a fim de mantê-los calmos durante a experiência.

Parece que a “projeção” mais comum que as pessoas veem são corujas de um a três metros de altura. O romancista e abduzido Whitley Strieber, que descreveu experiências aterrorizantes em seu *best-seller* *Communion* (*Comunhão*), de 1987, confidenciou que, muito antes de começar a ter experiências de sequestro, “havia uma coruja branca que costumava ficar em nosso quintal e observar as janelas do meu quarto quando eu era criança. Isso deixou meus pais nervosos. Foi nessa época que eles começaram a pregar as telas”.

Para os que as veem, as corujas parecem de fato reais e não meras projeções, até porque interagem com elas. Muitas pessoas contam histórias sobre uma coruja que as seguiram pela cidade por várias semanas e até meses e que ficava no quintal da frente, empoleirada em um poste de luz ou em uma árvore, e depois seguia essas pessoas pela cidade enquanto circulavam, sempre as vigiando.



Acervo do autor

Coruja-Alien - Representação

Clelland investiga todas as teorias e cenários possíveis que possam ajudar a explicar o que está acontecendo, cobrindo tópicos do xamanismo à mitologia, da história do homem das mariposas ao simbolismo da coruja em Bohemian Grove. É uma jornada realmente extensa e está repleta de uma infinidade de histórias incríveis que, na maioria das vezes, parecem bizarras demais para serem inventadas. Recomendo este livro tanto para os crentes como para os céticos e culturalistas inveterados.



Foto por Shiina Tikara

O autor conversando com corujas

INTERAÇÃO DIRETA COM CORUJAS EM UM BAR NO JAPÃO

Desde que fui instigado pelo livro de Mike Clelland, fiquei mais do que nunca predisposto a interagir diretamente com corujas, essas aves de rapina noturnas, misteriosas e míticas, capazes de girar suas cabeças até 270 graus e enxergar tanto no escuro como no claro a grandes distâncias, com seus olhos grandes e redondos.

Até que esse livro de Clelland fosse lançado, pouco me dava conta da profunda ligação das corujas, símbolos de Minerva, a deusa da sabedoria, com casos de abdução, com muitas e cada vez mais numerosas testemunhas alegando terem visto corujas antes e depois de terem sido abduzidas, por mais estranho e estapafúrdio que isso possa parecer.

Que esse animal sempre teve um significado simbólico profundo e desempenha um papel vital, conectado que está com sincronicidades profundas, arquétipos, sonhos, mitos e experiências xamanísticas, e por isso mesmo ocupa um lugar de reverência mística ao longo da história, nenhuma novidade, mas qual seria seu papel nas abduções ufológicas?

A resposta é que a coruja estaria no centro da jornada da transformação espiritual, e foi justamente para experienciar isso que fui ao *Happy Owl Cafe Chouette*, localizado em Higashishinsaibashi, no extremo norte do movimentado e badalado centro comercial de Namba, um bar-café temático diferente e original onde as pessoas que amam corujas (*fukurō* em japonês) se reúnem para interagir e se comunicar com elas, bem como para trocar ideias e adquirir livros e produtos diversos relacionados a corujas.

Além de sua cultura tradicional e moderna, rica e dinâmica, sua miríade de iguarias de dar água na boca e de sua respeitada cidadania, o Japão pode ainda nos oferecer experiências inusitadas e fascinantes. Se você quiser fugir do lugar comum e desfrutar muito mais da Terra do Sol Nascente, lugares como o *Happy Owl Cafe Chouette* são uma excelente pedida. A prevalência de cafés com temas de animais cativantes começou como um jeito de preencher um vazio emocional para aqueles que não podem possuir um animal de estimação e assim aliviar o estresse emocional e mental. Ultimamente, esses cafés têm atraído um número cada vez maior de visitantes, turistas ou simples curiosos interessados em tais novidades. O *Happy Owl Cafe Chouette* é um deles.

Escondido em uma rua da sempre movimentada avenida comercial de Namba, em Osaka, o prédio se destaca pela presença do Café Coruja.

A entrada no *Happy Owl Cafe Chouette* custa ¥ 1.650 (cerca de US\$ 15) por sessão horária, com direito a bebida à vontade. No interior, o café está dividido em duas metades: uma delas é designada como uma zona interativa onde você pode interagir com as corujas, e a outra serve como uma área de descanso onde você pode saborear sua bebida ou comprar *souvenirs*.



Foto por Shiina Tikara

O autor fazendo contato com coruja

Os frequentadores podem se mover livremente entre a área das corujas e a área de bebidas até o tempo acabar. O café não serve comida por razões óbvias: você não gostaria que seus amigos de penas voassem sobre sua cabeça e mordiscasse sua comida, não é?

O *design* e tudo o mais neste café-bar seguem a temática das corujas, como não poderia deixar de ser, com vários produtos relacionados à venda. A jovem e simpática funcionária é uma faz-tudo, atendente, garçonne, cuidadora e instrutora das corujas, andando quase o tempo todo com uma em seu braço ou no seu ombro.

Existem várias regras que os visitantes do café devem seguir. Isso garante o bem-estar das corujas e, ao mesmo tempo, evita que os visitantes sejam prejudicados.

É preciso, antes de tudo, limpar e desinfetar adequadamente as mãos antes de manusear as corujas, certificar-se de que o telefone celular esteja no modo silencioso/discreto e evitar falar muito alto, pois pode acabar assustando as corujas. Nenhuma fotografia com *flash* é permitida dentro das instalações, já que as corujas têm olhos muito aguçados e sensíveis e podem sofrer de cegueira se expostas a luzes brilhantes repentinas produzidas por *flash*, mas você é mais do que encorajado a tirar *selfies* ou fotos com as adoráveis corujas. Também existe uma certa maneira de acariciar as cabeças das corujas – com as costas das mãos. O bico deve ser acariciado suavemente de cima para baixo, enquanto se usa a parte de trás do dedo. Você é encorajado a dar tapinhas e acariciar suavemente as corujas na parte de trás de sua cabeça. Se você quiser que alguma coruja fique pousada em seus ombros ou pulso, fique à vontade para pedir ajuda à equipe. Mas é preciso tomar cuidado para não tocar em suas asas ou no corpo, pois isso pode causar ainda mais estresse às muito tímidas e cautelosas – por natureza – corujas. Recomenda-se ainda que você não force as corujas a brincar com você se elas não estiverem se sentindo dispostas a tal.

As corujas, como é sabido, possuem essa forma extremamente misteriosa de flexibilidade – sua incrível capacidade de girar a cabeça em 270 graus. Ver isso acontecer com essas corujas foi uma visão bastante desconcertante e intrigante. Esta é outra das razões pelas quais você pode ter problemas para tirar a *selfie* perfeita, já que elas costumam girar a cabeça com certa constância.

Assim que entrei na área interativa, a jovem funcionária, que demonstra ter uma especial intimidade e afinidade com as corujas, todas elas chamadas pelos seus respectivos nomes japoneses e devidamente identificadas conforme sua espécie em cartões junto a elas, passou a brincar com a xodó do local.

Uma raríssima, belíssima e branquíssima coruja-das-neves ou coruja-do-ártico, batizada de Arashi, que foi por ela mesma instruída a obedecê-la, por condicionamento, em troca de carne fresca, como se fosse um animal de estimação, conforme vocês podem ver no vídeo que realizei, disponível no YouTube no Canal “Expondo a Matrix”.

As corujas estão presas com cordas pelas garras, aliás muito afiadas, e muitas delas não parecem lá muito felizes, embora estejam em melhores condições do que as que vi no Zoológico de Himeji.

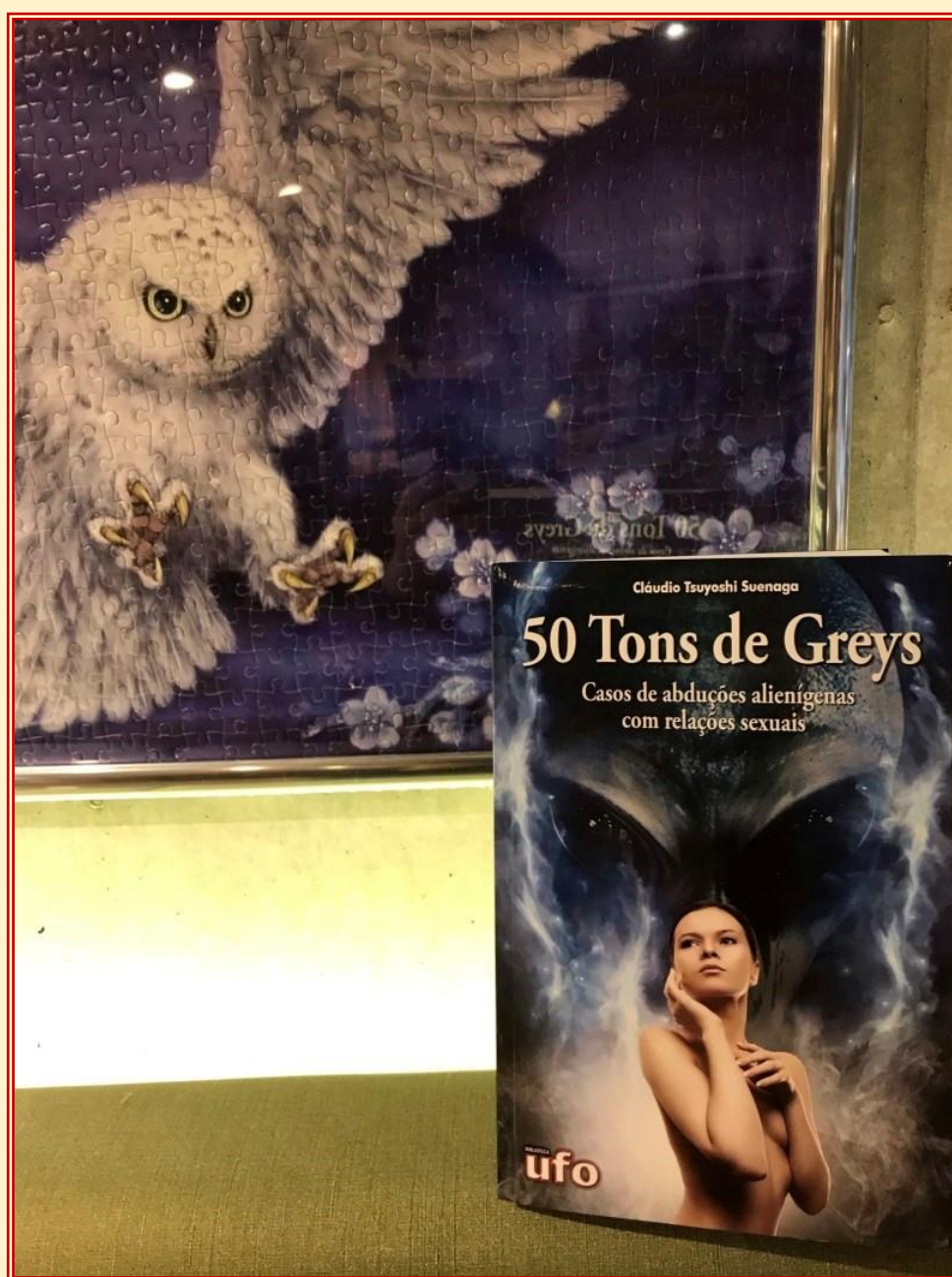


Foto por Shiina Tikara

Livro do autor

Faz sentido, porque as corujas são aves comumente notívagas, silenciosas e solitárias, para não dizer tímidas mesmo, exceto quando caçam suas presas, e no café-bar passam horas sob a luz do sol que entra pelas janelas e da forte claridade das lâmpadas, sem contar terem de aguentar um monte de gente chata e estranha que as fica olhando, tocando e fotografando por horas a fio. Você não ficaria irritado se alguém entrasse em sua casa para tirar fotos com você às 3 da manhã?

Uma vez que o café coruja fica aberto apenas durante o dia, pelas tardes, não é algo natural para elas, muito pelo contrário. Uma sugestão é que deveriam apenas mantê-lo aberto durante a noite, tornar o ambiente mais *dark*, ou seja, com menos iluminação, e rebatizar o local de “*The Night Owl*”. Não sei como ficaria o movimento e os negócios, mas o conceito e o nome me agradam, e penso que as corujas agradeceriam.

Esta foi minha primeira experiência em um café-bar temático no Japão e com corujas. Minha visita de uma hora foi para além de agradável. Estar perto dessas criaturas misteriosas e absolutamente fascinantes e adoráveis foi uma experiência inesquecível e inigualável.

Elas ficaram bem assustadas com minha presença, devido, conforme me foi explicado, ao fato de estar usando uma roupa preta, escura. Ou algo mais, não sei, talvez pela minha figura não muito esteticamente agradável, pouco carismática, meu semblante ainda mais taciturno do que os delas mesmas, ou minha aura um tanto ofuscada/nublada, se é que as corujas podem ver nossas auras. Assim é que, ainda mais por estar ocupado demais as fotografando e filmando, e por um certo receio de ser atacado e mordido, não as acariciei. Por outro lado, mantive o olhar fixo com algumas delas por alguns demorados segundos, e posso dizer que a sensação de profundidade, como se o olhar delas atravessasse a sua alma, é de fato poderosa, uma conexão ancestral, talvez.

Se você é ufólogo, contatado ou abduzido, ou mesmo biólogo, zoólogo ou ornitólogo, não pode deixar de conhecê-las de perto, pois o olhar profundo delas, bem como a aura que as envolve, podem despertar algo em você...

Endereço: 〒542-0083 Osaka, Chuo Ward, Higashishinsaibashi, 1 Chome-9-21 1921 Building 2F. A 400 metros da estação Shinsaibashi – Saída 2/150 metros da estação Nagahoribashi Saída 5A. A 100 metros da Saída Sul 3 de Nagahori Crysta.

Horário de funcionamento: 11h ~ 20h

Site oficial (em inglês): <https://chouette1.jp/english/>

REFERÊNCIAS

CLELLAND, Mike. *The Messengers: Owls, Synchronicity and the UFO Abductee*. Richard Dolan Press: New York, 2015.

STRIEBER, Whitley. *Communion: A true story*. Harper Paperbacks: New York, 2008.

UFOCRIPTOLOGIA: O *DESIGN* INTELIGENTE

**BËN MÄHREN QADËSH
(PAULO SERGIO BATALINI)**

RESUMO

Considerando a hipótese de que o ser humano tenha realmente sido criado por uma inteligência alienígena de alguma longínqua galáxia, uma pergunta que se faz é quais seriam as evidências de que ele seja o resultado de uma manipulação genética. Tais evidências existem e um dos lugares mais insuspeitados onde elas podem ser encontradas é no próprio livro do Gênesis, na Bíblia. A Bíblia pode ser considerado um código e possui várias mensagens criptografadas que só puderam ser decifradas depois do advento do computador. Ao longo dos séculos, contudo, uma tradução defeituosa e de caráter religioso se perpetuou e impediu que a humanidade tivesse o real entendimento de um versículo presente no primeiro livro da Bíblia. Uma análise a partir da sabedoria da Cabalá, do conhecimento de códigos e dos idiomas aramaico e hebraico revela que esse versículo faz referência ao próprio código genético da humanidade. O Gênesis, dessa maneira, comprova a descoberta do Dr. Ishayahu Rubinstein acerca da existência de uma assinatura do Criador em nosso DNA. Com isso, reforça-se a tese de que o ser humano é realmente fruto de um *design* inteligente, e não meramente de processos de seleção natural.

PALAVRAS-CHAVE

Criptografia. Ufologia. Bíblia. *Design* Inteligente.

SOBRE O AUTOR

BËN MÄHREN QADĚSH (PAULO SERGIO BATALINI) é Embaixador Universal da Paz (Diplomado – França/Suíça), Criptoanalista hebreu, Especialista em Ufocriptologia, Consultor da Revista UFO.



Contatos:

fenomenoufo538@gmail.com

Ufologiaqabalistica@gmail.com

www.shaonhourglass.com

“A Essência da Sabedoria Suprema é composta de Terra e de Céus, do Divino e do Humano, do material e do imaterial, assim como o homem (Adão) é composto de corpo e alma. A humanidade é a síntese de todos os Nomes Santos. No homem estão contidos todos os mundos, tanto o Superior quanto o Inferior. O homem contém todos os mistérios, mesmo aqueles que existiram antes da Criação do mundo”.

Zôhar “Revelações sobre Adão”, há 2 mil anos.



<http://crbm5.gov.br/biologia-molecular->

DNA - Representação

A BÍBLIA É UM CÓDIGO

Muito antes das traduções dos textos aramaicos e hebraicos emergirem, enchendo o mundo de confusão e perplexidade, desde que foi outorgada no deserto do Sinai pelo astronauta antigo Chanoch (Enoch), a Bíblia, como hoje é chamada, era conhecida como um Código divino e sagrado contendo informações criptografadas:

“No Sinai, Elohim disse a Moisés que a Torá é um Código e que informações estão escondidas em cada letra hebraica/aramaica”.

Durante milênios, os Cabalistas estudaram esse Código sagrado, desvendando e decodificando informações criptografadas dentro dele, mas havia outros níveis de informações que não podiam ser desvendados, não há milênios, pois foram codificados para serem desvendados apenas com o advento do computador.

O CÓDIGO EMERGE

No início dos anos 1980, um matemático israelense de origem letã, especialista em teoria geométrica de grupos e em estatística, chamado Eliyahu Rips, ouviu falar do Código e resolveu investigá-lo. Ele convidou dois outros especialistas, Yoav Rosenberg e Dorum Witzum, para investigarem o Código com ele. Juntos, desenvolveram um *software* e, depois de carregarem todas as 304.805 letras hebraicas que compõem a Torá, descobriram informações criptografadas mediante SAEs (Saltos Alfabéticos Equidistantes) que reportavam acontecimentos contemporâneos, realizados muito tempo depois de a Torá ter sido outorgada na montanha do Sinai.



<https://alternativecultures.wordpress.com/2014/12/01/unique-meeting->

Professor Eliyahu Rips.

Um exemplo desses acontecimentos foi a palavra computador (em hebraico, “Machshev” ou “מחשב”), codificada dentro do texto hebraico que narra a entrega da Torá no monte Sinai.

(-396) (1)	396 (1)
ו י ע מ ד מ ש ה ב ש ע ר ה מ ח נ ה ו י א מ ר מ י ל י ה ו ה א ל י ו י א ס פ ו א ל	2: 32: 4
מ ח נ י נ א מ ס פ ר ד א ש ר כ ת ב ת ו י א מ ר י ה ו ה א ל מ ש ה מ י א ש ר ח ט א	2: 32: 4
ע ש ה ו ע ג ל מ ס כ ה ו י א מ ר ו א ל ה א ל ה י ד י ש ר א ל א ש ר ה ע ל ו ד מ א	2: 32: 4
ה א פ ד ב ע מ ד א ש ר ה ו צ א ת מ א ר צ מ צ ר י ס ב כ ח ג ד ו ל ו ב י ד ח ז ק ה	2: 32: 4
מ ש ה ק ו ל מ ל ח מ ה ב מ ח נ ה ו י א מ ר א י ק ו ל ע נ ו ת ג ב ו ר ה ו א י ו	2: 32: 4
י צ א ה ע ג ל ה ז ה ו י א מ ש ה א ת ה ע ס כ י פ ר ע ה ו א כ י פ ר ע ה א ה ר ו	2: 32: 4
ט א ה ע ס ה ז ה ח ט א ה ג ד ל ה ו י ע ש ו ל ה ס א ל ה י ז ה ב ו ע ת ה א ס ת ש א	2: 32: 4
נ ז מ י ה ז ה ב א ש ר ב א ז נ י ס ו י ב י א ו א ל א ה ר ו י ק ח מ י ד ס ו י	2: 32: 3
ע ש ה א ו ת ד ל ג ו י ג ד ו ל ו י ח ל מ ש ה א ת פ נ י ה ו ה א ל ה י ו י א מ	2: 32: 4
מ כ ת ב א ל ה י ס ה ו א ח ר ו ת ע ל ה ל ת ו י ש מ ע י ה ו ש ע א ת ק ו ל ה ע ס	2: 32: 4
ל א י ד ע נ ו מ ה ה י ה ו א מ ר ל ה ס ל מ י ז ה ב ת פ ר ק ו ו י ת נ ו ל י	2: 32: 4
ה א ע ל ה א ל י ה ו ה א ל י כ פ ר ה ב ע ד ח ט א ת כ ס ו י ש ב מ ש ה א ל י ה	2: 32: 4
ז ה ב א ש ר ב א ז נ י נ ש י כ ס ב נ י כ ס ו ב נ ת י כ ס ו ה ב י א ו א ל י ו י ת	2: 32: 4
א ת ה ע ס ה ז ה ו ה נ ה ע ס ק ש ע ר ר ה ו א ו ע ת ה נ י ח ה ל י ו י ח ר א פ	2: 32: 2
ת ב י ס מ ש נ י ע ב ר י ה ס מ ז ה ו מ ז ה כ ת ב י ס ו ה ל ח ת מ ע ש ה א ל ה	2: 32: 4
ש ה ל נ ו א ל ה י ס א ש ר י ל כ ו ל פ נ י נ ו כ י ז ה מ ש ה א י ש א ש ר ה ע ל	2: 32: 4
כ ס ה י ס ב ר כ ה ו י ה מ מ ח ר ת ו י א מ ר מ ש ה א ל ה ע ס א ת ח ט א ת ס	2: 32: 4
ר ה ע ל נ ו מ א ר צ מ צ ר י ס ל א י ד ע נ ו מ ה ה י ה ו י א מ ר א ל ה ס א	2: 32: 4

Computador: A escrita de Elohim gravada nas Tabletes

Acervo do autor

Computador em hebraico - “Machshev” ou “מחשב”

O CÓDIGO GENÉTICO DA HUMANIDADE

No livro do Gênesis, encontramos um versículo que, devido à sua tradução manipulada e religiosa, tem enganado todo mundo. Aparentemente, esse versículo, diz:

“E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, do lado oriental; e pôs ali o homem que tinha formado”. (Gênesis 2:8)

Mas a informação criptografada dentro do original hebraico nos conduz a outra tradução e, como consequência, a uma compreensão mais elevada. O versículo diz, no seu original hebraico:

“Va'yta' Yud Hê Vav Hê-Elohim gan be'eden miqédem, vai'sam sham, êt-ha'Adam asher yatzar (וַיִּטַע יְהוָה אֱלֹהִים, גֶּן-בְּעֵדֶן--מִקְדָּם; וַיִּשֶׂם אֱלֹהִים, אֶת-הָאָדָם אֲשֶׁר-יָצָר)”. (Torá Bereshit 2:8)

Como traduzir um texto tão antigo que precedeu todas as religiões em mais de 2 mil anos? Eu sempre afirmo que as traduções refletem o caráter dogmático-religioso do tradutor e a sua intenção de emprestar autoridade divina à sua crença.

Quase todas as traduções afirmam, defeituosamente, que o significado desse versículo é o que foi já supramencionado:

“E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, do lado oriental; e pôs ali o homem que tinha formado”.

Na contramão desse dogma religioso, minha compreensão, por meio da Sabedoria da Cabalá e do conhecimento dos Códigos e dos idiomas aramaico e hebraico, conduziu-me, em 2012, à seguinte tradução:

“E plantou o Yud Hê Vav Hê-Elohim um gene no ADN primordial, e colocou ali o Nome, no alfabeto-genético da humanidade que havia formado”.

O "NOME" se refere ao Tetragrama Sagrado (יהו"ה) que contém toda a tecnologia dos céus e a mesma tecnologia que os Anunnaki compartilharam, mais tarde, com os filhos e filhas do Adão, que eles haviam criado no princípio e a ciência genética comprova hoje.

A palavra “Gan (גן)”, que foi traduzida para “Jardim”, é também a mesma no hebraico para “Gêne”, enquanto “Éden” é, na verdade, “ADN (עדן)”, com a particularidade de que este ADN superior era diferente, em uma letra, do nosso atual ADN, o qual foi modificado depois da "descida" da humanidade, tornando-se “ADN (אדן)” com a letra “Alef (א)” no lugar da letra “Ayin (ע)”. O que foi traduzido para “ali” é, na verdade, o hebraico que significa "Nome", que é Shem, com alteração dos pontos vogais, tornando-se “Sham (lugar)”.

A ASSINATURA DO ARQUITETO GENÉTICO CELESTIAL

A assinatura do arquiteto pode ser encontrada logo abaixo da superfície de praticamente tudo, incluindo, mas não se limitando, coisas como a mecânica quântica, física de partículas, teoria das cordas, dinâmica celeste, química e até biologia.

O pesquisador e doutor Ishayahu Rubinstein, rabino e cientista especialista em genética, encontrou a gematria (cálculo do valor numérico atribuído às letras do alfabeto hebraico) do Tetragrammaton (Yud Hê Vav Hê) no DNA humano e é isso que está codificado no versículo do Gênesis.

Quando, em 2012, descobri esse segredo, eu ainda nada tinha ouvido sobre a teoria do *design* inteligente (hipótese de que certas características do Universo e dos seres vivos são explicadas de forma melhor por uma causa inteligente do que por seleção natural) e não sabia do resultado da pesquisa do Dr. Rubinstein. Foi uma revelação de Shadda'i (Metatron).

O Dr. Rubinstein descobriu um padrão único que forma “quebras” na sequência de aminoácidos entre as pontes do DNA. Essas rupturas se apresentam por SAEs (intervalos equidistantes) de 10 5 6 5, números que são as exatas gematrias do Shem Qadosh (Nome Sagrado) Yud Hê Vav Hê (יהוה). Assim como há um código na Torá criptografado por SAEs, há também um código no DNA do ser humano e, também, criptografado mediante saltos alfabetos equidistantes.

A pesquisa e descoberta do Dr. Rubinstein confirma a minha tradução e descoberta ufocriptológica do Gênesis.

“Nós fomos criados por seres alienígenas longínquos chamados Elohim, com base no seus próprios DNAs”.

O fato de o nome do Criador dos céus e da Terra estar codificado no DNA da humanidade é uma prova de que fomos criados inteligentemente, e não que evoluímos de uma ameba.

A assinatura do Criador está no ADN de toda criação e é isso o que o Dr. Rubinstein descobriu e que o Gênesis já estava nos contando criptoenigmaticamente.

Aos adeptos da teoria Anunnaki, digo que isso não contradiz que Aza e Azael (Enki e Enlil) tenham se envolvido na codificação do DNA da humanidade, uma vez que, eles, de acordo com o Zôhar, são duas entidades angélicas que discutiram com o Criador sobre a criação de Adão (humanidade) e que depois receberam o título, ainda de acordo com o Zôhar, de Nefilim. Lembrando que o Zôhar precede Zecharia Sitchin em 2 mil anos e que ele, de abençoada lembrança, não era antissemita. Ele era judeu!

**ENSINO SOBRE CIVILIZAÇÕES NÃO HUMANAS DO
PASSADO: UMA IMPOSSIBILIDADE POLÍTICA?**

RUDINEI CAMPRA

RESUMO

Em todos os continentes da Terra, existem estruturas arquitetônicas de civilizações antigas tão grandiosas e tão complexas que, mesmo com o conhecimento atual, tais construções ainda não puderam ser explicadas de forma adequada. Do mesmo modo, várias das antigas civilizações humanas demonstraram ter tido um conhecimento técnico muito mais avançado do que seria de se esperar para a época em que viveram. Uma explicação para isso seria que, nos primórdios da humanidade, outras espécies inteligentes, vindas do espaço e com tecnologias superiores à nossa, também se fizeram presentes em nosso planeta. Contudo, por mais sugestivas que sejam as evidências dessa presença alienígena em nosso passado remoto, por algum motivo esse tema ainda não é estudado em nossas instituições de ensino. A hipótese para a indiferença do setor de Educação sobre o assunto é que haja um interesse maior pela manutenção do controle político da população, ou então o fato de que a política como a conhecemos não suporta reflexões a respeito de algo que escapa ao jogo de poder e aos problemas corriqueiros. Questiona-se então se, nesse cenário, seria uma impossibilidade política discutir e ensinar sobre as “humanidades” que antecederam a atual e quais seriam os motivos que explicam o desinteresse das instituições de ensino.

PALAVRAS-CHAVE

Civilizações alienígenas. História. Política. Ensino.

SOBRE O AUTOR



RUDINEI CAMPRA é professor e tradutor de francês. Já colaborou com a Revista UFO e com o pesquisador Sérgio Russo. É cofundador do PATOVNI, primeiro coordenador e atual diretor cultural do grupo. Pioneiro na arte ufológica com dezenas de quadros sobre o tema.

“Vivemos na superfície de um planeta que nunca nos pertenceu e não temos a menor ideia de qual seja o nosso real propósito aqui”.

Contato: leio@hotmail.com

MISTÉRIOS ANTIGOS

Em 1968, o arqueólogo e teórico suíço Erich von Däniken publicou a obra “Eram os deuses astronautas?”, que tinha como tese principal a de que a humanidade havia sido visitada por seres do espaço em seu passado. Para embasar a sua teoria, Däniken se apoiava em evidências de que civilizações antigas da Terra detinham um conhecimento superior ao que seria esperado delas, dado o grau evolutivo em que se encontravam. A única explicação possível para isso seria a intervenção de civilizações avançadas do espaço.

Entre as realizações improváveis dos humanos da antiguidade estão construções como a de Stonehenge e a da pirâmide de Quéops, obras que mesmo em nossos dias ainda não foram devidamente explicadas, pela grande complexidade envolvida. A menos que a humanidade admita que há vários milênios existiam culturas na Terra que ultrapassavam a atual em conhecimento técnico, resta a hipótese de que houve uma “ajuda” cósmica.

Desde o lançamento da obra de Däniken, cada vez mais pessoas têm pesquisado sobre as realizações da humanidade no passado e encontrado resultados bastante eloquentes que apontam para uma única direção: houve a presença de civilizações extraterrestres em nosso planeta no passado. O assunto foi desenvolvido por Sitchin (2018), o qual chamou a atenção para o elevadíssimo grau de conhecimento e organização da civilização suméria, que viveu ao sul da Mesopotâmia cerca de quatro séculos antes de Cristo.

Entre as realizações dos sumérios, estão a invenção da escrita e da imprensa, o desenvolvimento da metalurgia, a criação de indústrias têxteis, o uso de canais de irrigação, a adoção de um sistema legal, além dos seus impressionantes conhecimentos de química, medicina e astronomia.

Esses e muitos outros feitos da civilização suméria são claramente incompatíveis com a condição humana à época, o que sugere fortemente que tenha havido uma intervenção externa, ou seja, vinda de civilizações de outros planetas.

De fato, quem estuda os sumérios, ou ainda os maias, surpreende-se com a quantidade assustadora de conhecimento dessas civilizações, o qual é comparável ao contemporâneo. Até a eletricidade pode ter sido usada no passado, como se percebe quando se pesquisa sobre as “baterias de Bagdá”.

E são centenas de estruturas arquitetônicas espalhadas por todos os continentes que não são ajustam ao tipo de conhecimento existente à época da humanidade que supostamente as construiu. Há, por exemplo, enormes pedras sobrepostas em todo o mundo, além de Stonehenge, na Inglaterra.

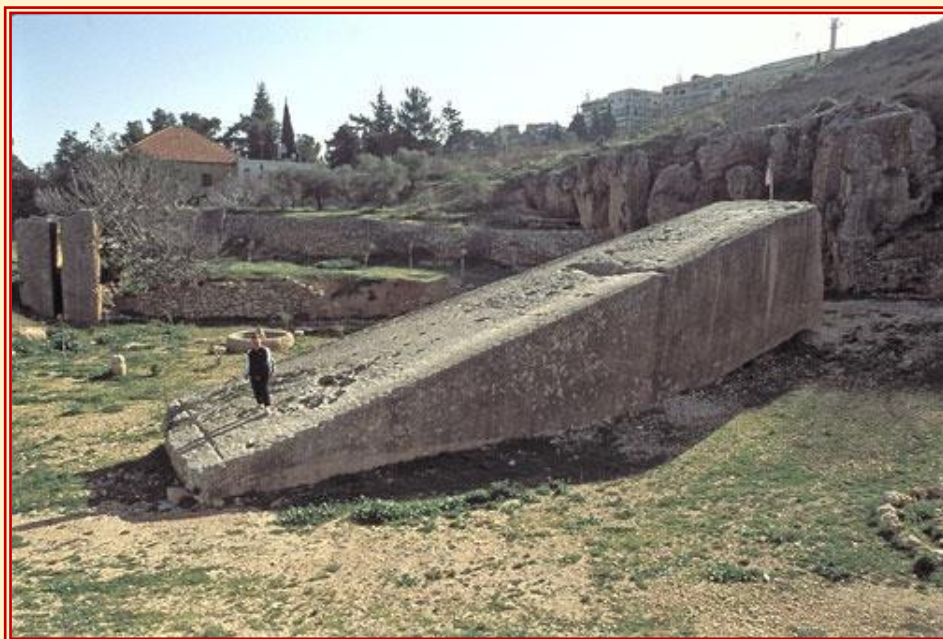


reconstruindoopassa

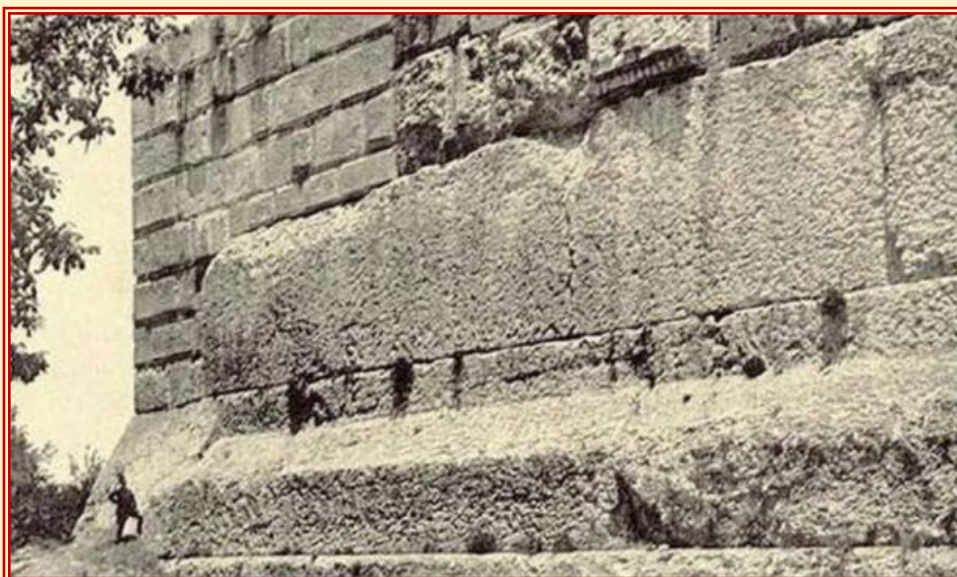
Misteriosas construções de pedra estão espalhadas pelo mundo todo.

Há estruturas enormes de pedras em todos os continentes, muitas delas pesando centenas de toneladas e que não podem ser movidas pelos nossos guindastes modernos.

É o caso das pedras do terraço de Baalbeck, no Líbano, da muralha de Sacsayhuaman no Peru, de Puma Punku, na Bolívia, do obelisco inacabado de Assuã, no Egito, entre outras estruturas espantosas que parecem obras de uma ou mais civilizações extraterrenas, dada a inviabilidade de que tenham sido feitas apenas por mãos humanas.



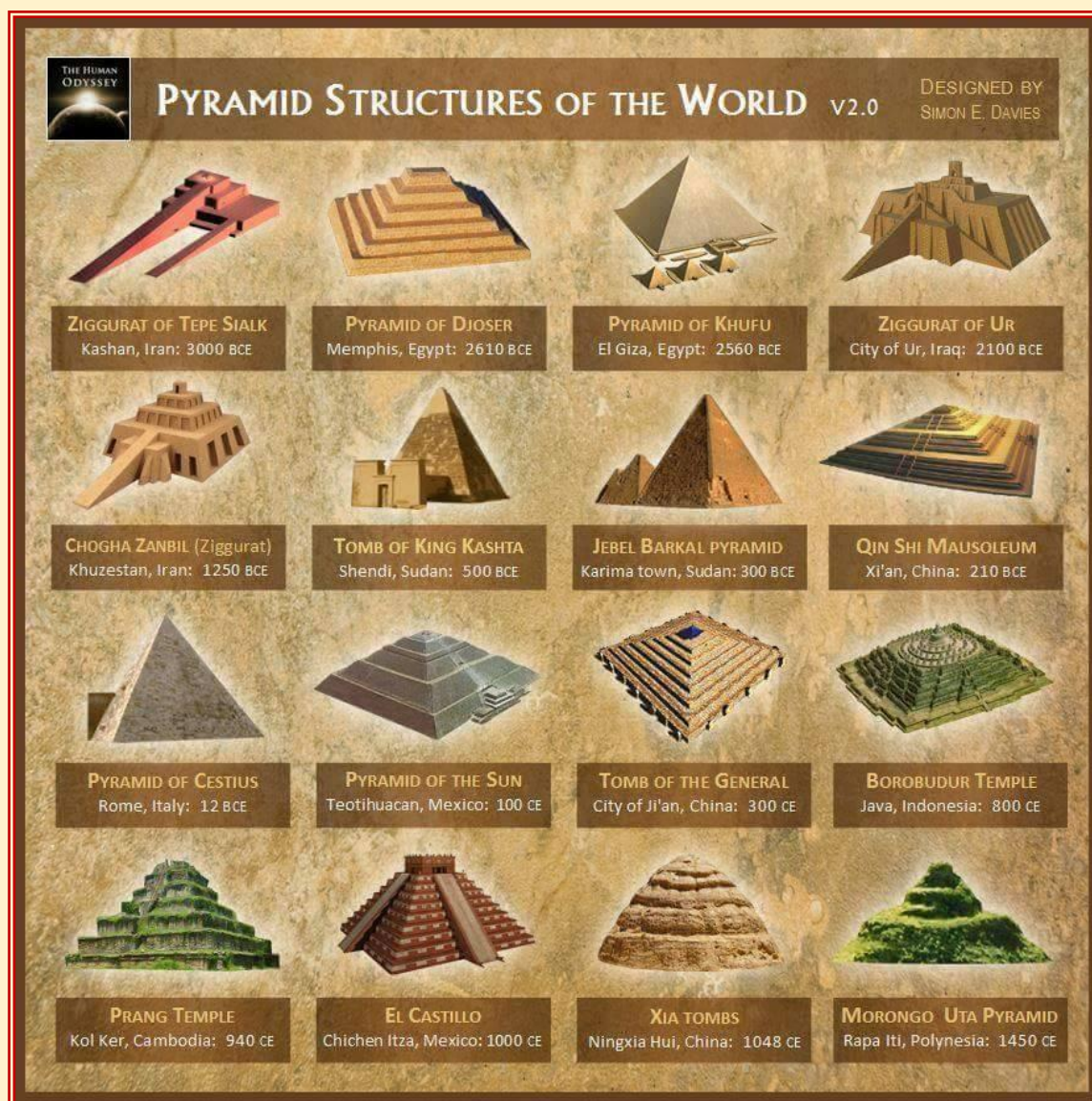
<http://www.rmuphysics.com/charud/oldnews/0/286/15/1/ATLANTIS/atlan29.ht>



grahamhancock.com/phorum/read.php?1

Estruturas antigas não podem ser movidas por guindastes modernos.

Também existem estruturas piramidais por todo o mundo, em todos os continentes. Se todo o planeta já ouviu falar das pirâmides egípcias ou das pirâmides maias, talvez ainda não conheça as pirâmides europeias, como a estrutura da Bósnia e as formações piramidais francesas.



<https://twitter.com/dunyardannuuzak/status/964234389344407552>

Diferentes estruturas em forma de pirâmide estão espalhadas pelo mundo

Enumerar a legião de enigmas que floresce na Terra seria como pretender contar os grãos de areia de uma praia (BENÍTEZ, 2013). Porém, basta olhar para essas estruturas para se admitir que elas não poderiam ter sido feitas apenas com força humana.

Há evidente contradição quando se pensa que uma civilização como o Egito antigo mandava as mulheres urinar em sacos de cevada para conferir se elas estavam grávidas e, ao mesmo tempo, construía algo com a pirâmide de Quéops, que os engenheiros modernos não sabem explicar sequer a logística empregada.

Quéops foi a maior estrutura do planeta até a construção da Torre Eiffel. Ela possui pedras com dezenas de toneladas com encaixe perfeito. Vi com meus próprios olhos e sei que não pode ter sido feita nas condições que os arqueólogos defendem. Deve ser levado em conta ainda que apenas poucas pessoas hoje podem entrar nos túneis fechados para turistas. Não foi divulgado o que existe nos túneis recém-descobertos e nada mais foi comentado sobre as misteriosas anomalias térmicas descobertas em 2015 (ANOMALIAS, 2015). Isso nos leva a pensar que existe algo a mais referente a essa estrutura piramidal, mas, como há soldados andando por lá, essa não será uma informação divulgada com transparência.



https://www.bbc.com/arabic/artandculture/2015/11/151110_egypt_pyramids_thermal_anomalies

Alterações térmicas foram detectadas em pirâmide no Egito.

Caso precise apenas de uma prova convincente para fazer o mais cético pensar a respeito das civilizações alienígenas na Terra, é interessante pesquisar sobre os “crânios alongados”. Encontrados em extremos do planeta, como o Peru e a Rússia, nota-se que a massa óssea é claramente maior que a nossa e que não tem fissuras comuns no crânio humano.



<https://policiamunicipaldobrasil.com/cranios-alongados-do-peru/>

Crânios alongados sugerem que outras civilizações estiveram na Terra

Ao estudar sobre os crânios alongados, defronta-se com apenas três possibilidades: ou o crânio das crianças era esmagado sem que isso acarretasse traumatismos cranianos fatais; ou se trata de um defeito genético uniforme ou, simplesmente, esses não são crânios humanos!

Questões como essa surgem em toda parte, conforme as pesquisas começam a se deter sobre as evidências do passado. Durante a maior parte da história humana, não havia uma real noção de que pudesse ter havido civilizações cósmicas no passado do nosso planeta. Hoje, contudo, essa teoria já se desenvolveu e inclusive está bem consolidada, sendo acessível a todos por meio de uma simples pesquisa na Internet. Entretanto, tal teoria continua não sendo debatida nos sistemas de ensino, que preferem ignorar todas as evidências que já foram coletadas. É interessante então refletir sobre os possíveis motivos para tamanha indiferença.

A POLÍTICA E O ENSINO DE OUTRAS CIVILIZAÇÕES

Cada canto da superfície desse planeta já viu nascer um “Estado”. Um Estado é um tipo de organização humana com uma linguagem, moeda e leis próprias. Essas organizações devem zelar, entre outras coisas, pelo ensino das novas gerações. Logo, qualquer iniciativa para incluir nas escolas o ensino das civilizações alienígenas do passado passa pelo Estado e, em consequência, pelas ideologias que ele defende ou busca implantar.

No Brasil, a ideologia política de esquerda é hegemônica em diversas áreas da sociedade e uma delas é a Educação, na qual se percebe que o encaminhamento metodológico na disciplina de História é sempre para a luta de classes, no melhor estilo “dividir para conquistar”. Isso pode ser facilmente percebido nas “Diretrizes Educacionais da Educação Básica do Paraná” referentes à disciplina de História, onde se pode ler:

“É o caso das correntes historiográficas apresentadas nestas Diretrizes Curriculares, as quais dialogam entre si e trazem grandes contribuições para a formação de um pensamento histórico pautado em uma nova racionalidade histórica: a Nova História, Nova História Cultural e a Nova Esquerda Inglesa”. (Diretrizes Educacionais da Educação Básica do Paraná, 2008, p. 48)

Boa parte do mundo acadêmico brasileiro na área de Humanas é voltada para a ideologia de esquerda, como pode ser facilmente verificado nas linhas de pesquisa de Mestrado e Doutorado. Como a tendência de esquerda está representada na maioria dos partidos políticos, essa situação tende a perdurar, e com ela a não adoção do ensino voltado às civilizações alienígenas que estiveram em contato com seres humanos na antiguidade.

Afinal, se cada país possui um encaminhamento administrativo em sintonia com sua realidade política, econômica, religiosa e cultural, é de se supor que alguns temas nem sequer possam ser cogitados. No ambiente brasileiro, onde povoam os mais diversos segmentos de “lutas sociais”, a possibilidade de terem existido outras civilizações, anteriores aos humanos, e o estudo delas por meio de estruturas presentes ainda em nossos dias no mundo todo pode, na melhor das hipóteses, causar estranhamento, pois não será algo considerado “útil”, algo que possua uma “função social”.

Se não podemos imaginar uma nação teocrática preocupada com outra coisa que não seja seu domínio religioso, não podemos igualmente cogitar uma nação coletivista, populista e assistencialista que considere válido falar de algo que não seja os seus próprios problemas sociais.

É preciso lembrar daquilo que a palavra “Estado” também remete: uma organização administrativa, burocrática que precisa se manter de modo ideológico, fazendo grupos humanos se digladiarem para ver qual discurso político ganhará o poder nesse grão de pó chamado Terra. Um “mal necessário” de valor exorbitante. E um dos custos, nesse cenário, seria o não interesse no tema dos alienígenas na história da humanidade.

A época “moderna” chegou e as pessoas parecem apenas querer conforto. A ideia de não sermos nem a primeira nem a única civilização tecnológica desse planeta é destituída de sentido prático para as novas gerações, pois elas, em um grau muito mais intenso que outras gerações, não querem se informar sobre o passado como um todo.

As centenas de estruturas enigmáticas espalhadas por todo o planeta já não empolgam. “Será que a sociedade humana se tornou letárgica? Aquele ímpeto interno de curiosidade morreu? Estamos simplesmente sobrecarregados de informação?” (DÄNIKEN, 2018). Isso sem dúvida é também produto daquilo que se conhece por “sistema de ensino”, algo que, em certos aspectos, apenas procura reproduzir a si mesmo para continuar mantendo sua burocracia, mesmo que em prejuízo do conhecimento.

Como seria interessante uma juventude encantada com disciplinas utópicas como “Estudo comparado de mitologias mundiais”, “Elementos arquitetônicos de civilizações anteriores”, “Resgate tecnológico comparativo de civilizações do passado”, “Análise geopolítica do ocultamento de tecnologia ancestral”, “Intergovernabilidade da utilização militar de tecnologia ancestral”, entre outras! Matérias como essas contribuiriam, sem dúvida, para o nascimento de um “cidadão planetário”, de um “indivíduo cósmico”, consciente do valor inestimável de ser humano, da alegria de não pertencer à única humanidade do cosmos.

Saber que outras humanidades já utilizaram essa superfície seria, inclusive, uma forma de dar mais responsabilidade para a atual e as futuras gerações.

Entretanto, não há uma disposição para admitir o estudo, a pesquisa e o ensino sobre tais civilizações, daí resultando que desconhecemos parcelas importantes da própria história do território brasileiro. Afinal, se muitos são os turistas e estudiosos que visitam Stonehenge, na Inglaterra, poucos são os brasileiros que já ouviram falar no círculo de pedras de Calçoene, no Amapá (tido como o “Stonehenge brasileiro”). Perde-se em pesquisa, em conhecimento e mesmo em dinheiro ao se ignorar tais monumentos. Grande parcela disso, infelizmente, é consequência de uma política e de uma cultura que não valoriza a informação histórica, situação que se reflete no sistema de ensino e ajuda a explicar a indiferença da própria população.

Algumas pessoas podem até argumentar que existe uma pressão de forças internacionais para que não seja ensinado sobre outras civilizações tecnologicamente comparáveis ou superiores a nossa que estiveram na Terra no passado, na clássica teoria de “evitar o pânico”. Contudo, como o Pentágono recentemente admitiu que gastou milhões em pesquisas sobre UFOs (PENTÁGONO, 2017) e ninguém saiu nas ruas desesperado e quebrando tudo, pode-se supor que esse argumento é questionável. Parece que, mais do que o pânico, o motivo para o silenciamento passa pela nossa própria estrutura política, que privilegia determinadas posições ideológicas e não apresenta uma real preocupação com a busca pelo conhecimento.

Questiona-se se o reconhecimento de nosso maravilhoso passado misterioso é uma impossibilidade política, mas, se levarmos em consideração a “eficiente” burocracia dos atuais governos, o que não seria uma impossibilidade política? No que realmente é possível confiar em um governo?

Se eles não podem reconhecer nem um roubo, mesmo sabendo que não serão realmente punidos, por que reconheceriam que não somos nem os únicos nem os primeiros seres inteligentes desse universo?

Nos roteiros de filmes, sempre se vê repetir a mesma situação: governos e milionários querem mais poder, a ganância os faz subestimar o perigo, como os espanhóis sedentos pelo Eldorado, sem refletir sobre a tecnologia de um povo capaz de construir uma cidade de ouro. Nos mesmos filmes em que se fala de elementos tecnológicos do passado, sempre se vê tragédias sepultando para sempre um conhecimento que a “humanidade não está preparada para ter”. No final, somos uma “humanidade” ou uma multidão de individualistas?

Todo o aparato de um Estado, todo o produto de impostos e as expectativas de militantes ingênuos acabam sendo utilizados para que um arrogante humano busque um poder que não pode controlar e que sempre acabará gerando mais sofrimento. Talvez essa seja uma mensagem subliminar que os roteiristas queiram passar por algum motivo.

Como o Estado pode falar de outras “humanidades” se não administra com honestidade e competência nem o seu próprio quintal? Os Estados modernos foram criados para a organização de áreas do planeta. Eles precisaram de línguas e leis exclusivas. Aqueles que chegaram a se desenvolver no aspecto econômico e militar acabaram invadindo outros Estados menores e impondo as suas características. Poder busca mais poder, nunca esclarecimento. Quanto mais os Estados prosseguiram nessa intenção, mais aconteciam guerras locais e depois guerras mundiais. Como hoje não haverá guerras de alcance global, por causa do arsenal atômico de alguns países, então resta “apenas” a imposição econômica e cultural.

Felizmente, a humanidade aos poucos não está se vendo mais como um grupo de países, mas como uma humanidade “dividida em quintais embandeirados”, como diria Raul Seixas. Diante de uma ameaça de guerra mundial, as pessoas protestarão, ao contrário do início da Primeira Guerra Mundial, quando se alistavam voluntariamente para “defender o seu país”.

No momento em que se passa a ter convicção (seja por observação direta ou pesquisa individual) da visita de outras civilizações do universo, passa-se a não ver problemas na existência de outras civilizações também no nosso próprio passado. A mesma humanidade que aos poucos não aceita mais o ódio entre as culturas não verá problemas em não ser a única espécie inteligente e tecnológica que esse planeta já viu, assim como não verá problemas em não ser a última e nem a única habitando o universo. Admitir uma tecnologia superior à atual no passado da humanidade nos deixa menos orgulhosos, mais maduros e mais humanos.

Entretanto, é preciso reconhecer a necessidade de que essa nova mentalidade do ser humano passe a ser exposta também em seus sistemas de educação e ensino, os quais devem ir além dos interesses momentâneos dessa ou daquela ideologia política e abarcar o conhecimento universal.

CONCLUSÃO

São muitas e bem eloquentes as evidências de que, na história da humanidade, outras civilizações tecnológicas, com origem em outros planetas, fizeram-se presentes na Terra. Muitas das obras que teriam sido realizadas por essas civilizações ainda existem em nossos dias e costumam intrigar bastante a humanidade, que com frequência não é capaz de explicar como povos antigos chegaram a resultado tão grandioso. A explicação mais aceitável para tais casos é a de que os humanos não estiveram sozinhos.

A descoberta da presença de outras civilizações tecnológicas em nosso planeta é sem dúvida revolucionária, mas, apesar disso, esse tema não tem merecido a devida atenção do sistema de ensino brasileiro, pois, ao que parece, não representa nenhuma “utilidade” à ideologia vigente.

Ao mesmo tempo, não há um reconhecimento oficial de organismos internacionais, como a ONU, da existência dessas civilizações superiores à nossa no nosso passado e provavelmente não haverá. Isso porque a ONU segue os preceitos de potências ocidentais, a quem esse tema não é especialmente interessante. Com isso, perde a humanidade.

Os governos e suas burocracias, de maneira geral, apenas escondem ou deturpam o legado dessas civilizações, pois não sabem como tirar proveito político dos vestígios tecnológicos, ao menos não de forma oficial. Uma guerra secreta é mantida entre as potências toda vez que algum elemento desse incrível passado é descoberto, mas a diferença de tecnologia é tão grande que tudo que podem fazer é encobrir e deixar a questão para quando houver meios de explorar eficazmente tais elementos.

O reconhecimento de outras civilizações, vindas de outros planetas, em nosso passado é, assim, uma impossibilidade política na atualidade, pois isso não faz parte da “Pólis”, do ambiente urbano narcisista dedicado somente a promover conforto viciante e entretenimento reducionista.

Saber que somos apenas mais uma humanidade que esse planeta conheceu diminui o nosso orgulho, afinal, a ilusão é nosso vício. Queremos ser maiores do que realmente somos e, na verdade, isso só mostra como ainda somos pequenos.

REFERÊNCIAS

ANOMALIAS térmicas surgem na pirâmide de Quéops, no Egito. **Revista Exame**, São Paulo, 09 nov. 2015. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/anomalias-termicas-na-piramide-de-queops-no-egito/>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

BENÍTEZ, J. J. **Meus enigmas favoritos**. Editora Planeta, São Paulo, 2013.

CHILDRESS, David Hatcher. **Veículos voadores de nossos antepassados Vimanas**. Biblioteca UFO, São Paulo, 2016.

DÄNIKEN, Erich Von. **Eram os deuses astronautas?**. Editora Madras, São Paulo, 2018.

JACOBS, David. **Infiltrados, o plano alienígenas para controlar a humanidade**. Biblioteca UFO, São Paulo, 2017.

PENTÁGONO gastou US\$ 22 mi em investigação e pesquisa de OVNI's. **Revista Veja**, São Paulo, 20 dez. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/pentagono-gastou-us-22-mi-em-investigacao-e-pesquisa-de-ovnis/>>. Acesso em: 10 mai. 2020.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Diretrizes curriculares da Educação Básica – História. 2008.

SITCHIN, Zecharia. **O 12º planeta**. Livro I das crônicas da Terra. Editora Madras, São Paulo, 2018.

**COMUNICAÇÃO COM SERES ALIENÍGENAS:
UMA ABORDAGEM EXOSSEMIÓTICA**

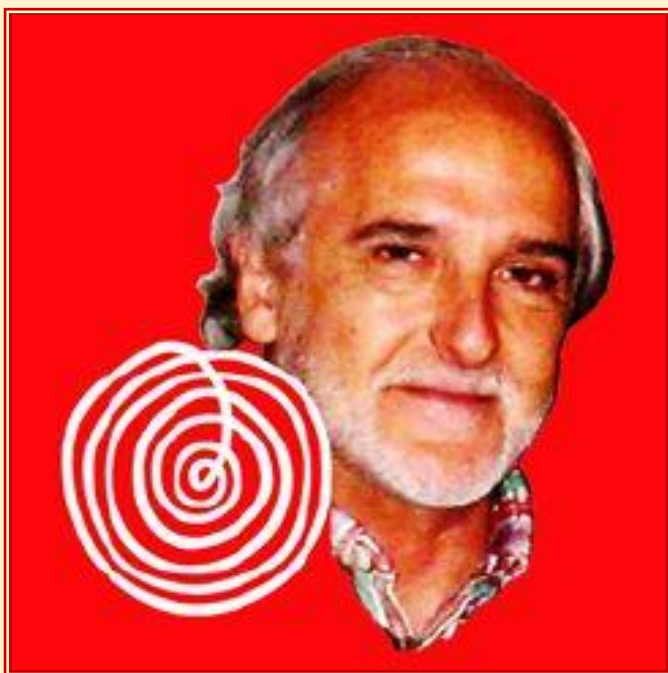
PEDRO BARBOSA

RESUMO

O artigo discute a possibilidade de comunicação entre seres com estrutura biológica e psíquica distinta, como se imagina que sejam seres humanos e alienígenas. Ao longo do tempo, cientistas fizeram diversas tentativas de buscar comunicação com extraterrestres, mas embasados em uma série de pressupostos de que eles seriam muito similares a nós, pois só assim compreenderiam os sinais emitidos da Terra. A experiência que se tem com os relatos de pessoas contatadas ou abduzidas faz crer que para a comunicação interespecies no espaço é usado, preferencialmente, a telepatia, ou seja, uma modalidade de comunicação não semiótica. A partir desse cenário, sugere-se a adoção do conceito de “exossemiótica” para abarcar diferentes tipos de comunicação presumivelmente existentes no Cosmos, incluindo o Irdin, em tese o idioma comum entre alienígenas. Também se analisa a escrita antariana, verificando similaridades com antigos idiomas da Terra, e, por fim, parte-se para a análise de quatro casos de contato ufológico registrados no Arquivo CTEC durante o século XX, em Portugal, a fim de verificar e detalhar quais foram as modalidades de comunicação adotadas por extraterrestres e contatados.

PALAVRAS-CHAVE

Semiótica. Alienígenas. Comunicação interespecies.



Retrato do autor por Emerenciano

SOBRE O AUTOR

PEDRO BARBOSA é licenciado em Filologia Românica pela FLUC, pós-graduado em Estética Informacional pela ULP de Estrasburgo e doutorado em Ciências da Comunicação (Semiótica) pela UNL.

Foi durante mais de 30 anos professor e investigador em várias universidades em Portugal e no estrangeiro (França, Itália, Brasil). Foi investigador no CCL (UNL), CERTEL (UA, França), NUPILL (UFSC) e NuPH (PUC-SP, Brasil). Fundou na UFP um centro de pesquisa em Ciberliteratura e Texto Automático (CETIC). Como escritor, publicou mais de 20 livros em áreas muito diversificadas: poesia eletrônica, ciberliteratura, teatro, ficção e ensaio (prêmio de ensaio APE em 1980).

Para mais pormenores, sugere-se a consulta do seu sítio na Web:
www.pedrobarbosa.net

Contato: pedro.seriot.barbosa@gmail.com

NOTA - Este artigo resulta de uma análise de quatro casos de alegado contato com seres extraterrenos conservados no espólio do Arquivo do CTEC (Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência, UFP). O texto inicial, aqui revisto e acrescentado, foi inicialmente publicado no livro coletivo “De Outros Mundos – Portugueses e Extraterrestres no século XX”, uma antologia da equipe do CTEC organizada e prefaciada por Joaquim Fernandes em 2009. Desejo realçar que esse texto já não traduz a concepção que o autor hoje tem sobre o fenómeno OVNI/ET, mas, mesmo assim, ousa admitir que ainda contenha alguns aspectos válidos e merecedores de reflexão.

I – ESBOÇO DE UM PROPÓSITO

É propósito deste escrito analisar alguns dos casos mais significativos de contatos ufológicos registados em Portugal antes do ano 2000 e constantes do Arquivo CTEC. Entre os numerosos casos compulsados, quase todos eles na forma de depoimento ou relato posterior, poucos são aqueles em que é descrita alguma ocorrência que possa ser enquadrada como “interação comunicacional” com seres não humanos e presumidamente de origem extraterrestre (importa sublinhar que a natureza “alienígena” dos seres descritos é assumível, embora faltem muitas vezes elementos para daí se deduzir a sua proveniência como sendo extraplanetária em relação a nós).

Contudo, qualquer que seja a sua interpretação, nasce aqui um problema central: como será possível enquadrar e compreender a comunicação entre seres de natureza ou origem tão diferente? Diferença que se pode manifestar não só na sua estrutura biológica, sensorial, mental, cultural, civilizacional, espiritual, cognitiva, emocional e, até, no que respeita ao plano ontológico ou existencial da sua manifestação?

Na sua grande maioria, os testemunhos ufológicos registam casos de comunicação telepática.

É óbvio que isto coloca um desafio à Teoria da Comunicação. E mais ainda à Semiótica, encarada esta como teoria geral do sinal, sendo que na base da comunicação humana está sempre aquilo que é designado como *mensagem*, constituída esta por *sinais materiais*. Na verdade, sendo a “telepatia”, por definição, uma modalidade de comunicação empática direta – sem “mensagem” material evidente e, portanto, sem sinais identificáveis –, como a estudar “semioticamente”? Poder-se-á falar de uma comunicação sem “sinais”? De uma não semiose? A contradição é só aparente. Pois não é verdade que essa forma de comunicação empática é exatamente aquela que prevalece na comunicação entre nós e os animais? Ou entre a mãe e o seu bebê? Não a podemos negar enquanto modalidade de comunicação humana básica e fundamental, embora de difícil estudo científico. Seja como for, aquilo que chamamos de “comunicação telepática” é algo que todos praticamos, mais ou menos desenvolvidamente e de um modo mais ou menos subliminar: não faz, portanto, sentido negá-la enquanto realidade comunicacional generalizada, muito embora seja grande o desconhecimento de como ela ocorre, através de que meios e sinais ela se processa, e sobretudo como a podemos controlar conscientemente. O problema fundamental, do ponto de vista semiótico é: como distinguir na telepatia sinais evidenciáveis e como os gerir intencionalmente? Teremos então de caracterizar a sintonia telepática como uma forma de comunicação não semiótica, isto é, de mente para mente, empática e sem mediação de sinais? Ignorando a aparente contradição de princípio, é precisamente isso que pretendemos circunscrever, avançando a ideia de comunicação transemiótica que nos conduza a algo que denominaremos como “exossemiótica”.

Com efeito, nos casos em apreço, como adiante veremos, quase todos eles apontam para uma comunicação “vibratória”, de tipo telepático, na qual as testemunhas chegam a relatar uma verdadeira interação por indução hipnótica (caso padrão).

II – COSMOSSEMIÓTICA E COMUNICAÇÃO INTERLANETÁRIA

*Los seres extraterrestres se pueden comunicar de tres formas,
ya sea telepáticamente, o aprendiendo nuestros idiomas,
o hablando en un idioma universalmente conocido llamado el Irdin.
«UNIDAD BIOELECTRONICA DEL SER HUMANO – el origen del
Conocimiento Superior»*

<http://www.geocities.com/rosacruz06010/hk1.htm>

Partamos da ideia de que a Linguística, enquanto ciência, se constituiu historicamente como descrição e análise da linguagem verbal: constituindo a palavra, e sua articulabilidade dentro de um sistema (as diferentes línguas), a modalidade de comunicação inter-humana central e privilegiada ao longo de toda a “nossa” civilização. Digamos mesmo que o uso da “palavra” surge como uma faculdade distintiva da espécie humana. Mas obviamente que a comunicação entre nós e os outros seres vivos (com os animais, por exemplo) existe e não se reduz ao uso da palavra. Mesmo que a palavra possa ser considerada o suporte básico da interação comunicacional humana, todos sabemos que há muitos outros sinais que a acompanham e por vezes a substituem (gestos, expressões faciais, imagens, sons, sintomas, indícios, etc.) os quais, não podendo ser ignorados, se integram numa teoria sinalética mais alargada, geralmente apelidada de “Semiologia”. Assim, a linguística desaguou na semiologia, esta de âmbito mais abrangente.

Contudo, alargando ainda mais o âmbito até uma Teoria Geral da Comunicação, vemos que essa troca de sinais não ocorre apenas entre os seres humanos uns com os outros, mas também entre os seres humanos com outros seres vivos terrestres; ou mesmo entre os animais da mesma espécie entre si e até entre espécies diferentes. A Semiótica constituiu-se, assim, neste campo alargado da comunicação entre os seres vivos na sua mais diversificada forma: todos sabemos por experiência que um cão não se comunica apenas com os outros cães, mas também com o gato da casa e sobretudo com o dono e o dono com ele. Por outro lado, há espécies animais, como as abelhas, que desenvolveram códigos de comunicação válidos internamente para a sua comunidade – e daqui brota o ramo da “zoossemiótica”. Numa perspectiva mais alargada ainda, digamos que numa perspectiva “pansemiótica”, poderíamos mesmo conceber a relação entre o ser vivo e o meio ambiente como uma troca de sinais contínua, só interrompida pela morte – a vida e a morte poderiam assim ser definidas de um ponto de vista semiótico, sendo a morte o corte definitivo da semiose entre o ser-vivo e o seu meio natural (“natural” de nascimento, *natus*). Seja o lavrador no campo ou o caçador na floresta, ambos lêem e interpretam constantemente o “livro da natureza”. De igual modo, o cidadão ou o automobilista urbano lê e aprende a interpretar os intensos códigos sociais da rede urbana (também aqui poderíamos definir semioticamente o *stress* atual como o resultado de uma sobrecarga informacional a que o homem moderno se encontra exposto para além das suas capacidades). Avançando nesta estrada larga, tudo então se transforma em *senal* e a Semiótica afluí numa verdadeira “ecologia” (ecossemiótica), assumindo-se como uma Teoria de Tudo, já que a nossa relação com o Cosmos pode ser entendida como um constante intercâmbio de sinais, nos dois sentidos, lidos e interpretados dentro do Grande Livro do Mundo.

Nesta perspectiva tão genérica, a Semiótica dilui-se a si mesma numa pura “epistemologia”, na qual todas as ciências e saberes estabelecidos (Física, Astronomia, Biologia, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Ecologia, Mitologia, Religiões, etc.) se integrariam e se reduziriam a uma simples (ou complexa) hermenêutica do ser vivo face aos múltiplos estratos da realidade.

Pois bem: que pode então esta pansemiótica dizer a respeito da possibilidade de comunicação entre seres originários de ecossistemas distintos, sejam eles interplanetários, interestelares ou intergalácticos, ou tão só pertencentes a planos dimensionais, cognitivos ou ontológicos diferentes? Embora nos falte uma descrição segura dos variados seres que supostamente se encontram do outro lado da comunicação (qual a natureza desses seres alienígenas, sejam eles extraterrenos, intraterrenos ou transdimensionais), é neste campo que, em alinhamento com uma série de “exos” (exobiologia, exopolítica, exodireito, exopsicologia), a serem hoje estabelecidos na investigação espacial e ufológica, parece-nos pertinente falar-se aqui de uma “*exossemiótica*”...

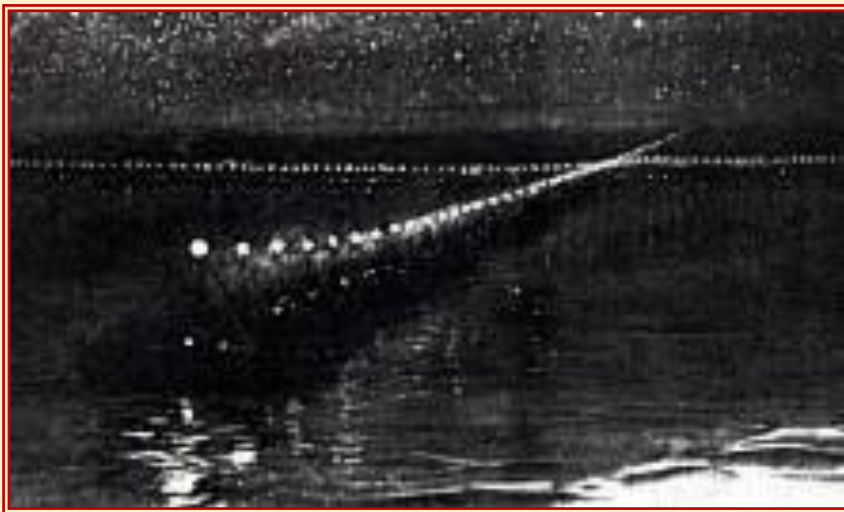
III – SEMIÓTICA NO TEATRO CÓSMICO

3.1 Tentativas de semiose humana para o espaço cósmico

Se reportan unas cien observaciones al día, pero como sale a la luz un exiguo diez por ciento de los casos, quiere decir que se producen más de treinta mil incidentes en el mes, y millares de fotografías, captaciones de radar, aterrizajes, paseos de humanoides y monstruos antiestéticos, huellas y residuos en el terreno, agresiones, raptos de personas, «contactados» y el cuento de nunca acabar.

<http://www.mundoparanormal.com/docs/index2.html>

A tentativa de comunicação da nossa parte com eventuais seres extraplanetários tem uma longa história e parece corresponder a um forte impulso da humanidade: conhecem-se projetos desde tempos imemoriais até datas bem mais recentes, já em plena era espacial.



Acervo do autor

Uma proposta vitoriana, ainda em pleno sec. XIX, consistiu na realização de uma cruz de potentes luzes eléctricas que seriam colocadas no lago Michigan. Apagando-se e acendendo-se de dez em dez minutos, acreditava-se então que essas luzes atrairiam a atenção interestelar...

Em meados do século XIX, muita gente acreditava firmemente na existência de civilizações na Lua e em outros planetas, tendo-se chegado a propor vários métodos para entrar em contato com essas civilizações. Por exemplo, o inventor francês Charles Cros (1842-1888), propôs a construção de um enorme espelho, dirigido para Marte, que refletiria a luz do Sol a partir da Terra segundo uma espécie de código.

brasil.elpais.com/ciencia

Observatório de Arecibo, em Porto Rico, onde se leva a cabo o Projeto SETI, cujo propósito é a busca de inteligência extraterrestre.

Os astrônomos tentaram em várias ocasiões detectar ou enviar mensagens provenientes de inteligências extraterrestres.

Em 1960, parece ter sido feita a primeira tentativa séria de escutar mensagens das estrelas num determinado comprimento de onda: foi o Projeto Ozma, de Frank Drake. A escuta começou às 4 da madrugada de 8 de Abril, sem publicidade, já que os astrônomos temiam o ridículo. Durante 150 horas, buscaram sinais inteligíveis, mas não detectaram absolutamente nada de conclusivo, tal como sucedeu com outras pesquisas semelhantes feitas posteriormente com radiotelescópios mais sensíveis e a distâncias de até 76 anos-luz do Sol.

Já na nossa era, talvez a primeira mensagem que a humanidade enviou para as estrelas foi transmitida aos 16 de Novembro de 1974 pelo maior radiotelescópio do mundo, de 300 metros de diâmetro, situado em Arecibo, Porto Rico. Desde então, o projeto SETI tem tentado, em vão, estabelecer contato interestelar mediante a recepção de ondas de rádio segundo padrões bem distintos das fontes naturais existentes no espaço.

Contudo, o caso mais paradigmático é o da placa enviada por Carl Sagan na sonda Pioneer X. Será interessante analisá-la mais tarde do ponto de vista semiótico.

Na verdade, a principal estratégia utilizada por nós, humanos da era espacial, tem sido o envio de mensagens em sondas e naves na esperança de que possam eventualmente ser recebidas e entendidas por outros seres do espaço. Foi o caso da Pioneer X, lançada a 3 de Março de 1972 em direção a Júpiter, na qual foi fixada à sua antena uma pequena placa em alumínio anodizada a ouro, de 15 por 22,5 cm. Nessa placa foi gravada uma mensagem cifrada, concebida pelos astrônomos norte-americanos Carl Sagan e Frank Donald Drake.

Foi escrita em código binário, tal como era uso nos computadores da época, e localizava a Terra em relação aos pulsares mais próximos, que forçosamente constituiriam “sinais físicos” reconhecíveis por qualquer civilização tecnicamente avançada. Além disso, foi também impressa uma imagem esquemática mostrando, sobre uma linha reta, a posição dos planetas do Sistema Solar, com a trajetória da sonda Pioneer assinalada entre eles. Contudo, o pormenor mais discutido da placa foi um diagrama da aeronave com a imagem, analógica, representando um homem e uma mulher nus. Debateu-se muito se o homem deveria ter o braço erguido, com a mão espalmada, na esperança de que esse gesto pudesse ser interpretado como uma saudação de paz. Na verdade, a linguagem gestual humana é convencional, tendo mesmo um escritor de ficção científica, Ian Ridpath, argumentado que, quando levantou um braço frente a uma jaula de macacos Rhesus, bem aparentados com o homem, eles o atacaram...



javi.it/Cienc_curios6.html

Pouco anos mais tarde, um curioso disco de longa duração foi gravado na Terra e enviado para o espaço a bordo das naves Voyager, lançadas em Agosto de 1977. Tratava-se de um disco em cobre de 30 cm de diâmetro, 16 rotações por minuto e uma duração de 2 horas: disporão os seres siderais de toca-discos compatíveis? Até para nós já seria hoje difícil pô-lo a funcionar... Continha esse disco uma seleção de 116 imagens, gravadas eletronicamente, “mostrando” a vida na Terra no século XX, incluindo fotos de um feto, uma mãe com o seu filho, uma família, gente de raças diferentes e amostras de vida animal e vegetal.

Vários edifícios e uma plataforma de lançamento de foguetões representavam a evolução da tecnologia humana. Havia ainda saudações verbais em 55 idiomas e uma grande variedade de sons: do vento, do mar, rãs, baleias, até o motor de um trator e do lançamento do Saturno V. O astrônomo Carl Sagan colaborou na elaboração desses sons da Terra, embora os descrevesse simplesmente como “uma garrafa lançada ao oceano cósmico”. Irá encontrá-la alguém? Conseguirão alguma vez ouvir e entender esse disco os extraterrestres? Estes registros parecem pressupor uma ideia antropomórfica algo pueril, pois só seres alienígenas demasiado iguais a nós, sensorialmente e cognitivamente falando, poderiam conseguir alguma vez ouvir, ver e decifrar tais mensagens....

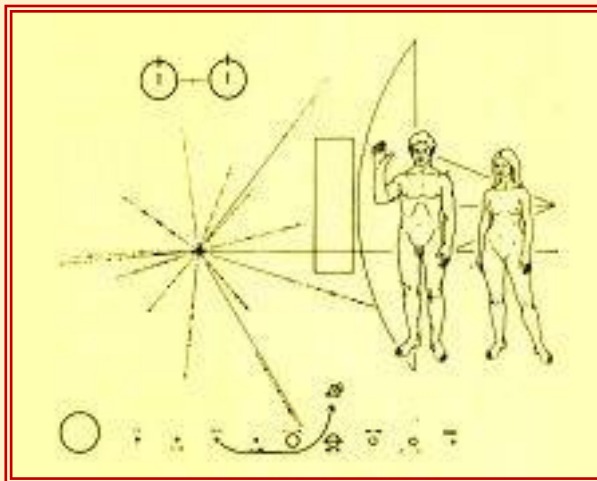
Seja como for, todos estes esforços unilaterais demonstram pelo menos uma coisa: a convicção dos homens de ciência na possibilidade da existência de vida inteligente no espaço mais distante. E, o que é ainda mais curioso, a expectativa de que eventuais seres siderais estivessem “lá em cima”, atentos e à escuta, com dispositivos tecnológicos equivalentes aos nossos para receberem e decodificarem as mensagens enviadas.

A nosso ver, é o próprio conceito de comunicação interestelar por meios tecnológicos que estará em causa. Será ingenuidade admitirmos que seres muito mais evoluídos que nós não nos tenham já localizado e saibam muito ou tudo a nosso respeito? Por outro lado, de que servirá enviar mensagens para seres menos evoluídos tecnologicamente, que desconheçam por exemplo as ondas de rádio, ou cujos dispositivos sensoriais, sendo diferentes dos nossos, torne inviável que qualquer mensagem luminosa possa por eles ser captada e entendida? Só perante uma civilização de seres biologicamente equivalentes a nós, e com grau de desenvolvimento tecnológico similar ao nosso, tais projetos poderiam surtir qualquer efeito positivo.

Uma insensata garrafa de náufragos lançada hoje no incomensurável espaço sideral?

Perguntar-se-á: e poderia ser de outro modo? Admitimos que sim.

Então – pensamos nós em voz baixa – por que se fazem tantos esforços para procurar longe o que porventura está tão perto? E quiçá desde sempre se cruzou conosco intermitentemente, neste mesmo planeta? Até onde nos pode levar a cegueira da nossa arrogância?



Acervo do autor

Estes eram os sinais contidos na placa afixada na sonda espacial Pioneer X da NASA, lançada em 1972. Os promotores da ideia propunham-se a transmitir a eventuais seres extraterrestres “cultivados cientificamente” uma série de informações acerca da posição do nosso planeta e de nós mesmos, seus habitantes.

3.2 Alguns aspectos semiológicos

Analisemos então do ponto de vista semiológico a famosa mensagem da Pioneer X.

A placa da Pioneer X consistia num aglomerado de signos visuais intencionais (símbolos convencionais, diagramas, ícones) inscritos nela com o propósito de serem vistos e interpretados por seres exógenos, extraterrenos e interestelares (já que a sonda se perderá algures nos confins da galáxia, bem longe do Sistema Solar), mas na total ignorância prévia da natureza de tais receptores. Como seriam eles?

Alguns condicionalismos biológicos, sensoriais e mentais eram desde logo subsumidos: o de possuírem visão, uma mente racional capaz de deduzir relações matemáticas expressas em código binário, uma estrutura cognitiva equivalente à nossa para que os diagramas pudessem igualmente ser interpretados sem o fornecimento de qualquer código explícito, e uma “experiência” algo antropomórfica para que as imagens pudessem ser relacionadas analogicamente com o corpo despido do homem e da mulher, referência sem a qual nada levaria à conclusão de que essas imagens fossem a representação de seres humanos vivos, construtores da sonda e autores da mensagem. Não será isso exigir muito da parte de receptores inimagináveis dentro das infinitas possibilidades combinatórias que a natureza e o cosmos parecem oferecer na própria estrutura potencial do DNA? Ou, inversamente, não será isso demasiado redutor ao restringir as possibilidades de captação, reconhecimento e interpretação a seres que só antropomorficamente o poderiam fazer? Acreditar que a percepção visual, a lógica e a matemática possam ser propriedades universais na possível diversidade cósmica será levar ainda mais longe aquilo que a própria Terra nos oferece como ensinamento: de que serviria essa mesma placa colocada, no nosso próprio planeta, diante de um símio, um gato, um cavalo, um peixe, uma lagosta ou um verme? Certamente, ela só seria interpretável por alguém cognitivamente muito idêntico a nós e com um desenvolvimento tecnológico equivalente. Ou então por seres muito superiores que pudessem abranger na sua cognição o nosso próprio modo de pensar e de nos exprimirmos. Em suma, tal mensagem só será decodificável por parte de “receptores” com padrões sensoriais, perceptivos, cognitivos e culturais muito semelhantes aos nossos, ou então por parte de seres dotados de capacidades extrassensoriais superiores para a entenderem.

Em suma: muito otimismo, alguma inocência semiótica e bastante antropomorfismo. Mas poderia ser de outro modo?

Que entenderiam outros seres a partir destes sinais? Sagan acreditava que qualquer civilização suficientemente avançada cientificamente teria o conhecimento necessário para decodificar os símbolos puramente técnicos: mas não assentará essa sua expectativa na ingênua convicção de que o conhecimento científico e suas bases lógico-matemáticas são uniformes e universais? Nada o confirma; e a diversidade da biologia terrena parece deixar sérias dúvidas... Contudo, o mesmo Sagan já duvidava que os esboços dos seres humanos pudessem ser adequadamente interpretados nos seus gestos de paz, ou sequer reconhecidos como imagens de formas de vida desconhecidas deles...

Na verdade, o grande problema semiótico que se coloca na comunicação entre seres mutuamente exógenos não é só o da percepção e reconhecimento dos sinais, nem apenas o da partilha de códigos (linguísticos e culturais), é sobretudo um problema de referência para o estabelecimento dos elos de ligação entre os sinais e aquilo a que eles se reportam no mundo da experiência (já que essas experiências podem ser exclusivas e não partilháveis).

Mas a admitir a possibilidade da existência de seres muito mais evoluídos do que nós no Cosmos, isso implicaria também a possibilidade de que esses seres soubessem da nossa existência, ou até que já nos conhecessem e já tivessem visitado o nosso planeta desde há milênios (como muitos dados históricos e arqueológicos o sugerem). Nesse caso, uma tal mensagem seria totalmente inútil e redundante. Daí que, para manifestarmos o nosso desejo de estabelecer contato com seres alienígenas superiormente evoluídos, se deva, quanto a nós, fazer recurso a processos semióticos mais sutis, mas, paradoxalmente, também muito mais básicos e bem mais simples: será a “telepatia” o procedimento adequado?

Por muito mal que ainda compreendamos e dominemos essa modalidade de comunicação direta, de mente para mente, uma coisa é certa: a maioria dos depoimentos de “contatados” em toda a parte do mundo (e, como veremos, também nos arquivos do CTEC) referem uma comunicação empática estabelecida exatamente dentro desse registo e por vezes até num padrão muito semelhante ao da “indução hipnótica”, embora altamente eficaz e evoluída.

É, pois, de admitir que qualquer civilização mais avançada domine os problemas da comunicação interestelar ou interdimensional e utilize métodos mais eficazes do que os nossos.

O problema, para nós, só existiria se quiséssemos nos comunicar com civilizações ou seres menos evoluídos: como comunicar com um ser do tipo de uma barata, de um crocodilo ou mesmo com homens ainda na Idade da Pedra? Contudo, uma coisa é certa: não seriam seres assim que conseguiriam aqui chegar nem captar do longe as nossas mensagens. Naturalmente, uma civilização extraterrestre muito mais evoluída adotaria provavelmente para conosco a mesma atitude que nós perante o reino dos peixes: sabemos da sua existência, pescamos alguns, estudamo-los, mas quem se deteria a tentar uma comunicação impossível?

Seguindo outra via, sábios mais lunáticos chegaram a congeminar línguas artificiais supostamente entendíveis por quaisquer seres longínquos da galáxia. É o caso do projeto Lincos, da autoria do matemático holandês Hans Freudenthal (1960), a fim de poder interagir com os habitantes de outras galáxias. Tal como observa Umberto Eco em “À Procura da Língua Perfeita”, o Lincos não é uma língua que ambicione ser falada: é antes o modelo de invenção de uma língua para comunicar a seres com uma história e uma biologia diferentes da nossa.

“Freudenthal – segundo Umberto Eco – supõe que possamos lançar no espaço sinais cuja substância de expressão não conta (podem ser ondas de rádio de duração e comprimento variáveis), contando, sim, a forma da expressão e do conteúdo. Ao procurarem compreender a lógica que guia a forma da expressão que lhes é transmitida, os extraterrestres deveriam ficar em condições de extrapolar dela uma forma de conteúdo que, de algum modo, não deveria ser-lhes estranha” (p. 287).

Um projeto muito engenhoso.

Numa primeira fase, a mensagem apresentaria sequências de sons regulares que deveriam ser interpretados quantitativamente e – continua Eco –, uma vez admitido que os seres vindos do espaço possam compreender que quatro impulsos significam o número 4, introduzem-se novos sinais que deverão ser entendidos como operadores aritméticos:

$$\begin{aligned} \bullet \bullet \bullet &< \bullet \bullet \bullet \bullet \\ \bullet \bullet \bullet \bullet &= \bullet \bullet \bullet \bullet \\ \bullet \bullet \bullet \bullet + \bullet \bullet &= \bullet \bullet \bullet \bullet \bullet \bullet \end{aligned}$$

“Depois de familiarizados os extraterrestres com uma numeração binária [...] tornar-se-á possível comunicarem-se algumas das principais operações matemáticas”. (p. 288). O *ensino* dos conceitos de tempo afigura-se mais complexo, mas presume-se que, recebendo constantemente um sinal de uma mesma duração, em correlação com o número três, *os seres vindos do espaço possam começar a calcular a sua duração em segundos*. Seguem-se regras de interação conversacional, mediante as quais os interlocutores deverão ser familiarizados com sequências traduzíveis como “Ha diz a Hb: Qual é o x tal que $2.x = 5$?”.

Em certo sentido – ironiza Eco – a aprendizagem processa-se como quando se amestra um animal, submetendo-o repetidamente a um estímulo e fornecendo-lhe um sinal de aprovação quando a resposta é a adequada, com a diferença de que o animal reconhece de imediato a aprovação (por exemplo, a recepção de alimento), ao passo que *os seres vindos do espaço* devem ser levados a reconhecer, através de exemplos sucessivos e repetidos, o significado de um “OK”. É deste modo que o projeto supõe a possibilidade de comunicar igualmente significações como “por quê”, “como”, “se”, “saber”, “querer” e até “jogar” (*id.*).

A contradição, quanto a nós, reside nisto. Por um lado, o Lincos supõe que tais seres vindos do espaço possuam uma tecnologia que os torne capazes de receber e decodificar comprimentos de onda e uma inteligência assente em critérios lógicos e matemáticos afins dos nossos (o que faltaria demonstrar). Também implícita que tais seres devam assentar o seu raciocínio nos princípios básicos de identidade e de não contradição, e ainda o hábito da indução, o que lhes permitiria inferir a regra a partir de uma sequência de casos. Comenta Eco: “Não se trata de uma premissa de somenos, porque nada exclui que possam existir extraterrestres que “pensem” segundo regras variáveis...” (*ibid.*). Ora, concedendo-lhes essa proeza de inteligência, seria congruente que seres tão superiores a nós – que dominam até uma tecnologia capaz de os trazer até ao nosso pobre planeta – fossem tratados tão paternalisticamente quanto o explorador europeu que interage com um selvagem?

Não será mais congruente – interrogamo-nos nós – admitir precisamente o contrário?

O projeto parece-nos interessante, contudo, por tentar construir uma linguagem independente da exibição de objetos físicos e, portanto, menos dependente de isomorfismos biológicos e sensoriais.

Mas indo um pouco mais longe, chegamos à possibilidade, muito mais eficaz para superar barreiras orgânicas e sensoriais, de se recorrer ao uso da “telepatia” (por muito mal que a dominemos). E então, como muito sutilmente observa ainda Umberto Eco, chegamos ao limiar de uma nova pragmática comunicacional. “Imaginemos uma comunidade de seres com poderes telepáticos desenvolvidos (o modelo pode ser o dos anjos, que lêem as mentes uns dos outros [...]): para seres de semelhante tipo, a estrutura interacional de pergunta-resposta não teria sequer qualquer sentido” (p. 289).

E então, nesse caso extremo (que é o que os fatos testemunhados nos revelam), de que serve uma linguagem articulada de sinais? De que serve mesmo qualquer “linguagem”?

Talvez tudo se revele incrivelmente mais simples...

Com efeito, se pela nossa parte só agora estamos a tentar comunicar com civilizações distantes que possam existir em outros planetas, é muito possível que, sendo elas mais evoluídas, já há muito saibam da nossa existência, ou aqui tenham estado e se mantenham a par da nossa evolução. Muitos são os indícios que apontam para essa possibilidade.

3.3 A comunicação no sentido oposto: semiose alienígena no planeta Terra

En realidad, ¿no será que ya hay extraterrestres viviendo entre nosotros? Si quisiéramos estudiar una cultura primitiva, trataríamos de pasar lo más desapercibidos posible. Del mismo modo; un buen hombre de ciencia extraterrestre preferiría observarnos sin ser visto. Y si los extraterrestres quieren entendernos realmente, lo más probable es que se mezclen con nosotros. ¿Qué mejor sistema que adoptar una apariencia humana, para pasar desapercibidos? De modo que quizás ya nos estén vigilando: quizá los extraterrestres están más cerca de lo que imaginamos.

<http://www.mundoparanormal.com/docs/index2.html>

No domínio ufológico, está-se infelizmente ainda longe de qualquer consenso quanto à natureza, origem e modo de existência de seres alienígenas entre nós. Fontes diversas apontam para miríades de linhagens diferentes assinalando a sua presença na Terra em diversas épocas e lugares, com intensidade e frequência variável desde os tempos mais remotos: fala-se nos zeta-reticulianos, nos antarianos, pleiadianos, orionitas, draconianos, andromedanos, nibiruanos, anunnakis, uranianos, rigelianos, sirianos, etc., tendo em conta a sua presumível origem, e todos eles com morfologia ou estrutura vital distinta, e portanto com comportamentos manifestativos e comunicacionais também distintos. Ou então em grays, reptilianos, insectóides, felídeos, cetáceos, humanoides do tipo nórdico, etc., tendo mais em conta a sua aparência. Mas todas as tentativas de classificação se debatem com incongruências. Na verdade, os seres que consideramos como extraterrenos, por serem capazes de vencer as nossas limitações do espaço-tempo físico, talvez sejam mais adequadamente definíveis enquanto seres extradimensionais em relação a nós.

Todavia, mesmo sem essa caracterização consensual fiável sobre os nossos irmãos cósmicos do outro lado do par emissor/receptor numa comunicação exossemiótica, pensamos que tal não é essencial para podermos lidar com tal incógnita no processo de semiose e assim analisarmos a comunicação estabelecida. Mesmo na incerteza da sua fonte.

Como é sabido a linguagem e o pensamento são, entre nós humanos, instrumentos indissociáveis para interpretarmos a realidade que se nos oferece. Depara-se-nos este fenómeno: o aparecimento de seres com capacidades sobrenaturais relativamente a nós. Consoante as épocas, diversidade cultural e experiência do cosmos, assim os interpretamos ora como aparições divinas (num quadro cultural místico-religioso), ora como espíritos, seres de luz, mestres ascensos ou entidades astrais (contexto espírita e esotérico), ora como viajantes de outros universos (numa visão científica relativística ou ufológica). O que dantes eram anjos ou aparições sobrenaturais, hoje são OVNI's e seres extraterrestres. Mas falaremos da mesma realidade? Esse o pomo das discórdias...

A inumerável quantidade de testemunhos colhidos no nosso mundo sobre contatos estabelecidos com seres “alienígenas” (seguramente não humanos e possivelmente extraterrenos) fornece-nos para análise um processo de comunicação estabelecido, muito embora desconhecendo a natureza do emissor e apenas a do receptor. É o que ocorre nos 4 casos seleccionados para análise no espólio do CTEC.

Quer provenham de outros planetas ou de planos superiores à própria Terra, assentemos então no seguinte: são seres, viventes e pensantes, de natureza desconhecida entre as espécies biológicas terrenas, muitas vezes assumindo a forma humanoide, mas evidenciando uma superioridade óbvia relativamente à humanidade (quer tecnológica, quer espiritualmente e, portanto, no que concerne aos seus poderes mentais).

Sem nos ser possível colocar em dúvida a autenticidade de tantos milhares de depoimentos confirmados ao longo de séculos, e porque necessitamos de lhes atribuir um nome, designá-los-emos então genericamente como seres “alienígenas”, fazendo assim jus à sua natureza exótica, à sua ignota proveniência e à sua “diferença” relativamente a tudo o que até agora temos assente como conhecido no nosso mundo planetário.

Como se poderá então conceber a comunicação com seres alienígenas assim definidos?

De acordo com inúmeras fontes e milhares de depoimentos, podemos adiantar, em síntese, que seres “extraterrestres” têm se comunicado conosco segundo três modos dominantes:

1. MODO 1 – Falando a língua do próprio interlocutor. A língua não representa uma barreira para “eles”: seja porque a aprendem quando fazem um percurso na Terra, materializados ou incarnados em forma humana (alguns – caso dos Antarianos – parecem ter a capacidade de assumir a forma humana de modo relativamente estável), seja porque apreendem instantaneamente por telepatia (ou sintonia vibracional) o sistema da língua usada por aqueles com quem falam. Além disso, vários testemunhos recentes relatam o emprego de tecnologia de “transcomunicação”, ou seja, uma espécie de sistema de conversação ou tradução instantânea, seja ela tecnológica ou paranormal, que os ajuda a se comunicar quando necessitam enviar mensagens escritas (projetando-as, por exemplo, numa tela de computador ou de celular, como hoje sucede). Isto explica a perturbante dúvida que assalta os céticos quando comentam com ironia: por que falam os tripulantes dos OVNI's em inglês na América, em português no Brasil ou em castelhano na Argentina?

Com efeito, parece que eles conseguem transcodificar qualquer língua. (Veja-se adiante o CASO 2 e o CASO 4);

2. MODO 2 – Usando o Irdin. Além da telepatia, o Irdin parece ser usado por eles entre si como idioma intergaláctico. Por vezes, utilizam-no também diante dos humanos, ou mesmo entre eles, se não dispõem dos outros recursos ou não estão preparados para se comunicar de modo mais inteligível - muitos testemunhos parecem sugerir essa hipótese. (Veja-se adiante também o CASO 2);
3. MODO 3 – Por telepatia ou sintonia de frequência vibratória, levando à indução psíquica e a casos documentados de controle mental muito aparentados com a indução hipnótica instantânea. (Veja-se adiante o CASO 1 e o CASO 2);
4. Abstemo-nos aqui de referir o aparecimento pelo mundo inteiro dos fascinantes AGROGLIFOS ou “círculos das searas”, por se tratar de algo ainda em estudo e mal esclarecido como modalidade de comunicação de “eles” para “conosco” (quanto a nós, pode ser um fenómeno global de intervenção “energética” sobre o planeta ou mesmo de comunicação, sim, mas como código simbólico entre “eles”).

3.3.1 O Irdin

Pouco podemos dizer aqui de fonte segura sobre o Irdin, por insuficiência nossa. Embora o tema seja aliciante para a compreensão da origem das línguas e o mito da primeva “língua adâmica” ou da “língua universal” de suposta origem atlante, remetemos o leitor para o livro de Umberto Eco, “À Procura da Língua Perfeita”, que é uma estimulante e consistente indagação semiológica a se ter em conta.

O Irdin, segundo várias fontes da Internet (com a falibilidade que isso representa, mas que aqui referimos apenas a título de curiosidade) é tido como o idioma falado em todos os planetas superiores e foi estabelecido há muito como o idioma de comunicação intergaláctica, embora, ao que sabemos, atualmente a cair em desuso. Muitos são os testemunhos de “contatados” que referem ouvir os alienígenas a falar entre si numa língua de sons estranhos, parecida com cliques e estalidos, totalmente incompreensível para eles. No Arquivo CTEC, um dos relatos parece aproximar-se, ainda que vagamente, da descrição-tipo de uma linguagem ininteligível aos ouvidos humanos quando a testemunha de um avistamento OVNI refere que *“ouviu falar bastante mas não percebia nada e fazia muito eco”* (Documento CNIFO, Eugénio G. Saraiva, 07/1949, Balugães, VC, p. 3).

Ou ainda, conforme analisaremos no CASO 2: “As palavras ditas soaram-me como terminadas quase todas em Í (carregado) e ÍO”.

O Irdin é um idioma engenhoso de base onomatopaica, aparentemente introduzindo relações motivadas na referência das palavras às coisas designadas. Melhor dizendo: na origem das palavras está o som vibracional que os próprios objetos ou os fenômenos produzem. Assim, à semelhança de palavras como o “gong” chinês (porque o próprio objeto vibra e faz “gooong”) ou “crash” em inglês (imitando o choque de automóveis), também em Irdin um trovão se diz “ZUN” porque vibra, soa assim.

Por exemplo: “nasceu um bebê” em Irdin dir-se-á: «ET ZUN RAM», onde ET significa “ser”, ZUN é “raio” e RAM a vibração do Criador para dar origem ao novo ser.

É hoje por muitos admitida a hipótese de que seres extraterrestres tenham visitado o nosso planeta desde tempos imemoriais, sendo estes denominados por aqueles que os viam como anjos, deuses, Elohim e outras designações equivalentes, consoante as culturas: sempre para referirem seres vindos do céu com poderes superiores.

Antigos sacerdotes terão sido os guardiães do conjunto das palavras recolhidas a que chamaram SANS, ou idioma dos deuses, e SÂNSCRITO à sua forma escrita – o idioma mais antigo da Terra ainda conservado na Índia como língua sagrada. Segundo esta tradição (cujo fundamento histórico nos escapa, importa esclarecê-lo), o sânscrito seria um derivado do Irdin; também muitas palavras do hebraico, do grego e do latim tirariam dele as suas raízes etimológicas.

O Irdin estaria baseado na vibração que produz um objeto, ação ou ideia, assim gerando uma harmonia causal entre as frequências vibratórias dos fenômenos e as ondas cerebrais, fator da sua universalidade em termos de entendimento cósmico. Esta relação mágica na conexão entre a linguagem e o mundo, que na origem o caracterizava, parece sobreviver ainda no efeito vibratório dos mantras hindus.

Em alguns países da América Latina com abundante casuística ovnilógica (Peru, Argentina, etc.) chegam a ministrar-se cursos de Irdin para participantes em percursos do chamado “turismo ufológico”, mas, por nossa parte, nada podemos garantir acerca da sua fundamentação científica. Por exemplo, e apenas a título folclórico, para se poder ter uma ideia da sonoridade que a caracteriza, aqui fica uma espécie de mantra (Michinguana Punga) entoado pelos caminhantes que se dirigem à “montanha mágica” de Uritorco, na Argentina, onde se diz existir uma base intraterrena de ETs. Tal invocação, segundo a lenda, terá sido “passada” por eles: “GUANA IAMANUAK, GUANA IGUAIKUANA, MANUANA IKU, SUATUMANA”, que significa aproximadamente isto: “Convocados pela luz dos amados Irmãos, aqui vamos”.

Exemplos de léxico: SAT, verdade; SHAR, erro; SISNA, realidade desperta; DARI, resistência à força; ETER, resistência por anulação.

Segundo algumas fontes ocultistas o Irdin seria na realidade uma linguagem pleiadiana adotada como linguagem intergaláctica entre os planetas superiores (de modo algo semelhante ao inglês atualmente no planeta Terra). Uma espécie de esperanto cósmico.

3.3.2 A escrita Antariana

Em termos de escrita, e para nós de fonte mais segura por se tratar de um “contato” direto que pessoalmente mantemos há anos, permitimo-nos apresentar aqui alguns exemplos de uma escrita curiosíssima usada pelo povo Antariano.

Esclareça-se previamente o seguinte: supostamente provenientes de um planeta do sistema estelar que a ciência humana designa por Antares, os antarianos são uma presença referenciada entre nós nas últimas décadas, embora raramente registada em livros de ufólogos.

Entre os poucos autores que fazem breve referência ao povo Antariano conta-se Trigueirinho, Rodrigo Romo e Rolf Waeber em “*Who is Who in the Greatest Game of History – An overview of extraterrestrial races*”, obra onde os antarianos são relacionados com o *self* superior dos Zetas. Rodrigo Romo em “Operação Resgate”: “Outro grupo de luz e de muito amor – que reside no que chamamos de Constelação do Escorpião – é constituído por seres de luz (com forma humanóide) que habitam entre a 5ª e a 6ª dimensão. Buscam ajudar na emissão de energia para dar suporte à estabilidade dos portais e do Cinturão de Fótons na recolocação de novas órbitas planetárias. Este grupo tem enviado muitas naves de luz e comandantes de diversas especialidades para sustentar os egregores e o suporte material para a construção das bases orbitais de resgate.

Poderosos engenheiros siderais, ele têm ajudado a projetar as modificações que as naves têm sofrido para sustentar a vida astral e principalmente física em muitas naves de estrutura material densa, presentes em nosso quadrante” (p. 129).

As bases Antarianas, ao que sabemos ligadas à água, se concentram em território sul-americano e brasileiro inacessível aos humanos (matas de Goiás e floresta amazônica, por exemplo). Mas, ao que parece, a sua base submarina mais importante localiza-se no oceano pacífico, umas centenas de milhas ao largo da costa da Califórnia. A sua particularidade mais importante é o fato de estes seres, de natureza polimorfa, poderem assumir, entre outras, a forma humana (mas também a de golfinho quando na água, de onde vem o lendário “boto-cor-de-rosa” da Amazônia). A forma humana, sendo instável, é temporalmente limitada, pelo que parecem às vezes ser substituídos por “clones biônicos”, quase indistinguíveis para nós, quando precisam se “reconstruir” fisicamente sem interromper determinada missão. Tal capacidade permite-lhes misturarem-se e conviver com os humanos sem serem facilmente notados, aparecendo e desaparecendo inexplicavelmente do nada. São tidos como “seres do bem”, “seres de luz”, e muito amigáveis em relação aos humanos. Aparentemente com o propósito (entre outros fins não revelados, mais importantes) de seduzirem sexualmente determinados seres humanos e assim criarem “híbridos”, tidos por nós como seres humanos “especiais”, torna-se muito difícil para quem lida com eles fazer a distinção entre uns e outros.

É com fonte em um desses seres, conhecido inicialmente na Amazônia, que aqui apresentamos alguns breves exemplos de palavras antarianas escritas a nosso pedido. Esta escrita foi curiosamente designada como “gravetos” por um outro ser, que supomos de origem humana, mas “híbrida”.

E é singularmente parecida com o que uma outra fonte apelida de “comunicação consciencial”.

Esclareça-se ainda o seguinte:

1. Essa escrita é usada sobretudo como registo, em complemento da comunicação telepática (“focalização” ou “mentalização”, como eles lhe chamam), quando esta não se torna viável;

2. Esta escrita em forma de “gravetos” é visualmente feita de traços e figuras geométricas, mas o seu sistema é mais semelhante a uma estrutura ideográfica como a da escrita chinesa (aliás, um dos símbolos é singularmente semelhante ao do Sol chinês, embora em simetria, talvez porque o movimento foi feito da esquerda para a direita);

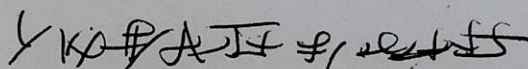
3. Tanto quanto pudemos entender, nenhum dos signos corresponde a um som, mas antes a uma “vibração interna”, algo como uma ideia a que corresponde uma “vibração mental” que só vagamente se pode fazer corresponder (e com bastante imprecisão) a ideias, sentimentos ou sons da linguagem humana;

4. A semelhança desta escrita com as primeiras escritas mais antigas (suméria e fenícia na forma, ou chinesa na estrutura ideográfica) faz refletir sobre a hipótese de algumas investigações ufológicas que admitem, com base em canalizações ou relatos de abduzidos, serem as escritas primitivas legados da presença extraterrena ao tempo dos “Elohim” (Annunakis? Nefilins?);

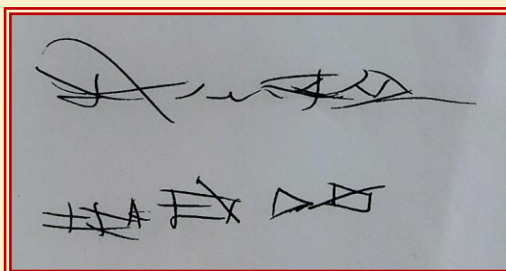
5. Todas essas palavras, abaixo digitalizadas, foram escritas a nosso pedido no Algarve (Sul de Portugal) em abril de 2009 pela mão de um “contato” antariano de nome Tuntsha Ptshba, e sintomática foi a dificuldade que ela teve para converter as palavras em conceitos humanos, mas sobretudo em sons que correspondessem à sua “vibração interior”;

6. A direção da escrita foi da esquerda para a direita;

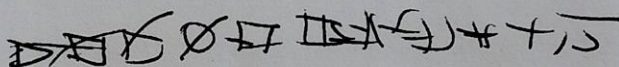
7. É nesta escrita que Tuntsha Ptshba (ou Adeni Saba, seu duplo antropomorfo) vem elaborando há anos o seu “relatório” durante a sua intermitente presença no nosso planeta, relatando tudo o que vive e vê em jeito de antropóloga. Daí talvez – mas isto é mera congeminação nossa – o seu nome SABA (significando “mensageira”): uma *enviada* para dar “notícias”, “novidades” da Terra. De notar a repetição do mesmo símbolo, semelhante ao ideograma chinês para Sol, tanto em LANTANOS (designando “humanos”, enquanto nativos da Terra, talvez para eles considerado o planeta Sol III) tal como em SABA (mensageira de Sol III).


 A handwritten ideogram consisting of a series of connected, somewhat circular and horizontal strokes, resembling a stylized 'L' or a series of linked loops.

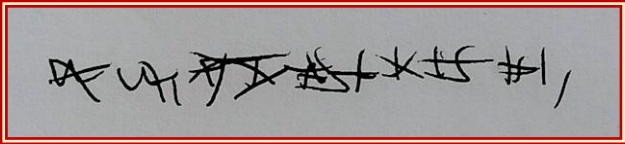
O “som” seria: LANTANOS – equivalente a nativo do planeta Terra (ser humano)


 A handwritten ideogram consisting of a series of connected, somewhat circular and horizontal strokes, resembling a stylized 'S' or a series of linked loops.

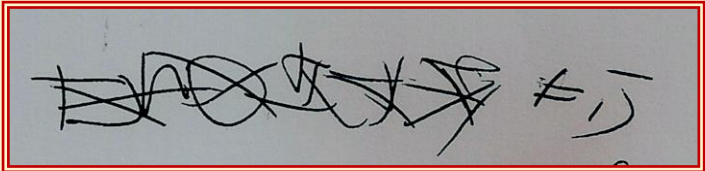
“Som” SABA – equivalente a busca, coisa nova, novidade, notícia, mensageira, etc.


 A handwritten ideogram consisting of a series of connected, somewhat circular and horizontal strokes, resembling a stylized 'L' or a series of linked loops.

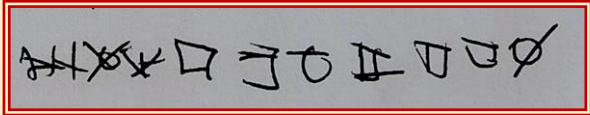
“Som”: LESLY – sentimento, amor


 A series of handwritten symbols on a light blue background, enclosed in a red border. The symbols include a stylized 'A', a 'u', a '7', a 'X', a '5', a '1', and a '#', followed by a comma.

“Som” THUNTHA – força, ânimo, disposição mental


 A series of handwritten symbols on a light blue background, enclosed in a red border. The symbols include a stylized 'S', a 'C', a 'L', a 'A', and a '5', followed by a comma.

“som” SCLA – amor, sexo, acasalamento

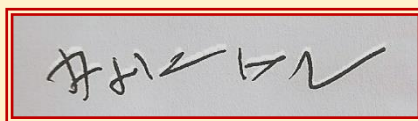

 A series of handwritten symbols on a light blue background, enclosed in a red border. The symbols include a stylized 'A', a 'X', a '5', a '1', a '7', a '0', a '1', a '0', a '0', and a '0'.

Sem correspondência sonora traduzível: vida, alegria

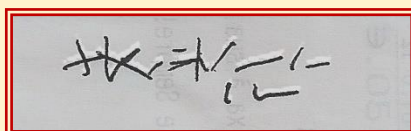
Contudo, a mais surpreendente palavra é KONDONK. Nome que os Grays antarianos dão ao instrumento, tipo “vara magnética”, que os abduzidos descrevem normalmente nas mãos dos seus abdutores durante as operações, exames médicos ou imobilizações de tipo hipnótico (Cf. adiante, desenho nº 3, no CASO 4). Espécie de vareta de cristal usada pelos Antarianos, também entre eles, para energizar a água, sumos ou bebidas, e sobretudo na sua atuação com os abduzidos durante as suas curas ditas “transdimensionais” (aplicações de energia, eliminação de dor, etc.).

Pelo seu poder mágico aos olhos dos humanos, parece que uma reminiscência antiquíssima desse instrumento é ainda conservada pelo folclore europeu na figura lendária das “fadas” com a sua VARINHA DE CONDÃO: curiosa a similitude sonora entre a palavra antariana “kondonk” e a palavra “condão” (poder, poder mágico, do latim *condonare*, doar, via *condoar* – virtude especial, poder misterioso, a que se atribui influência benéfica ou maléfica: *possuir o condão de hipnotizar*; dom, faculdade; *vara ou varinha de condão*, vara mágica de feiticeiras e fadas, segundo Lello Universal), usada em português e outras línguas de origem latina.

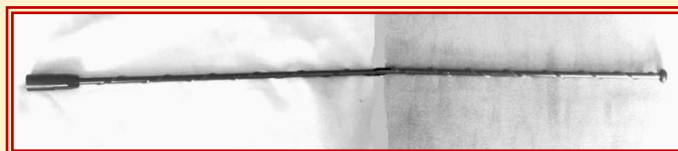
Mera casualidade?



KONDONK: 1ª forma de escrita



KONDONK: 2ª forma de escrita



Eis uma “vareta magnética” real usada para a energização da água e outros líquidos ingeríveis (esta foto, que era longa, une 2 imagens parciais enviadas posteriormente ao autor por Whatsapp a partir de uma base alienígena localizada em Goiás; a sua contextualização é feita em “Crónica de um Contacto Extraterrestre”, 1º volume, Chiado Books, 2020)

3.3.3 A telepatia

Ficam aqui só levantadas as pontas de um véu: sobre o mito da **linguagem universal** que percorre quase todas as culturas e parece estar presente, enquanto arquétipo dinâmico, na zona obscura da nossa mente coletiva.

O sonho de reencontrar a língua edênica, a língua das origens, a língua primeva dos progenitores enquanto língua-fonte originária, pré-babélica, anterior à confusão universal, atravessa toda a cultura ocidental desde a Antiguidade.

Percorre a Idade Média, o Renascimento e refloresce na Idade Moderna com a visão historicista, impregnando fortemente as investigações de linguística histórica do século passado, quando a involução da linguagem fez remontar a arqueologia das línguas ocidentais até ao sânscrito e a um hipotético primevo indo-europeu. Ou até uma lendária língua Atlante, de que o Irdin seria a versão atual...

Mas esse mito regressivo segue de par com o projeto de fundar uma **língua universal**, válida de novo para todos os homens, de que o Volapuk e o Esperanto terão sido porventura os exemplos mais difundidos desde fins do século XIX. Hoje, na Era Espacial, esse sonho amplia-se até uma dimensão cósmica: o desejo de encontrar uma linguagem constituída de sinais facilmente interpretáveis por supostas civilizações extraterrestres acompanha, como vimos, algumas naves e sondas interplanetárias, como foi o caso da *Pioneer X*, em 1972, com a mensagem que levou para fora do sistema solar. Mas mesmo uma língua universal, assente no ilusório caráter universal das imagens, exige de outros seres um dispositivo visual semelhante ao nosso, o que não é de todo provável;

Por outro lado, uma linguagem universal de base matemática, como foi o caso do projeto Lincos, elaborado pelo matemático holandês Freudenthal (1960), exige no mínimo dispositivos de raciocínio equivalentes aos nossos; e a emissão de ondas rádio-astronômicas (Carl Sagan: “Contato”) pressupõe também, do outro lado, dispositivos tecnológicos semelhantes aos do estágio atual da nossa própria civilização...

Não serão todas estas tentativas ingenuidades antropomórficas, ainda que nascidas de um anseio humano comum de **contato** com outras civilizações extraterrestres?

Aqui se intercala a hipótese telepática. A ideia aqui avançada (e reforçada pela casuística ufológica) é então esta: a linguagem universal, enquanto mito ou enquanto projeto, não deverá passar antes pela **indiferenciação dos sinais**, em vez de aspirar, como sempre tem acontecido, à sua utópica uniformização? Não deverá apontar antes na direção de uma comunicação não semiótica, telepática, mente-a-mente, ou seja, passando por cima da diferenciação civilizacional das línguas, dos sinais, dos sentidos, ou até por cima duma diferenciação biológica e mental? Nesta perspectiva, a telepatia seria a encarnação ideal do mito da “linguagem universal”, essa língua de “iluminação interior” com que nas religiões os deuses falavam aos homens inspirados. Mais: a telepatia assumir-se-ia como uma linguagem global, totalizadora, capaz de superar as barreiras do espaço e do tempo!

Mas, quando aqui se sugere a telepatia como comunicação universal, deverá inferir-se que a estamos a colocar num patamar evolutivo superior do tipo de uma comunicação pós-verbal? Não necessariamente.

Trata-se, quanto a nós, de um meio de comunicação corrente (embora mais ou menos desenvolvido de pessoa para pessoa), ao qual os seres vivos recorrem quando os dispositivos sensoriais, mentais ou biológicos são desajustados e não recíprocos entre si. Nessa perspectiva, a telepatia pode também funcionar como uma forma de comunicação pré-verbal. Ou antes: metaverbal.

Pense-se: como se comunica a mãe com o seu bebê recém-nascido? Como sabem as mães o que afeta os seus bebês quando eles choram e ainda não sabem falar? Como é que tantas vezes humanos e animais se comunicam entre si? Trata-se aqui (comunicação mãe-filho, comunicação humano/animal) de uma comunicação para-razional, metalógica, empática, intuitiva, subconsciente, subliminar, hiperestésica: não são os conteúdos racionais que são comunicados, mas sim os conteúdos pragmáticos, sensoriais, emotivos ou de ordem afetivo-emocional.

Por isso, a comunicação verbal, enquanto modalidade de comunicação lógica, racional e consciente, continua a ser indispensável e insubstituível pela telepatia entre os humanos (até porque, esta, ainda a dominamos muito mal ou não temos poderes para isso). Estudos recentes têm relacionado as faculdades Psi e a telepatia com o desenvolvimento da glândula pineal (o “3º olho”), atrofiada no ser humano adulto, mas que aparenta um recrudescimento nas ditas crianças índigo da chamada Nova Era.

A linguagem verbal permanece, assim, como a forma de comunicação racional mais elaborada e insubstituível no estágio do conhecimento científico atual – e a modalidade de comunicação inter-humana por excelência.

Contudo, não será preciso recorrer às ciências cognitivas para compreendermos como qualquer imagem do mundo (qualquer sistema epistemológico) depende das bases biológicas e dos aparelhos sensoriais por meio dos quais qualquer ser vivo entra em contato com o mundo e com outros seres vivos: que pode um verme (cego, surdo e mudo) saber de nós ou do mundo que o rodeia? Como conceber um eventual processo comunicativo entre esse “verme” e um ser humano? Ou entre nós e o habitante de Sírius com que no século XVIII, em “Micrômegas”, sonhou Voltaire?

Aqui radica a hipótese telepático-cósmica: a hipótese de uma telepatia universal conectando as consciências do universo!

O modelo de uma “linguagem espacial”, ou melhor, de um processo de **comunicação cósmica-universal**, deveria exatamente ser concebido sobre este **modelo telepático**, mente-a-mente, que prescindisse de recorrer a **sinais materiais** sensíveis ou a quaisquer objetos físicos.

Um processo comunicacional, por conseguinte, independente da natureza biológica ou dos dispositivos sensoriais e cognitivos dos seres envolvidos no processo, bem como da aparelhagem tecnológica que em tal caso mediará sempre a emissão-recepção dos sinais entre seres pertencentes a mundos físicos diferentes.

Até agora, com efeito, todas as tentativas de contato feitas pelos humanos com eventuais civilizações extraterrestres sempre foram sustentadas em processos comunicacionais dependentes de sinais materiais: mas será assim da outra parte?

Tudo indica que não. A grande percentagem dos testemunhos não falsificáveis de relatos descrevendo presumíveis contatos humanos com supostos seres alienígenas ou extraterrenos aponta todos, desde os textos bíblicos aos mais antigos textos religiosos, para **contatos psíquicos** não mediados por qualquer linguagem articulada (a chamada “mediunidade” e a “canalização”).

Todos esses relatos sugerem contatos do tipo telepático ou extrassensorial, por hiperestesia indireta do pensamento (tipo ondas psíquicas), quando o processo de comunicação se apresenta de uma forma global, empática, não mediatizada por sinais materiais reconhecíveis, levando a pensar numa comunicação metapsíquica sem semiose materializável.

Compreender, desenvolver e controlar tal procedimento comunicativo seria caminhar em direção a um contato ideal com outros seres conscientes e promover o estabelecimento de ligações mentais **onde e quando** eles possam eventualmente existir.

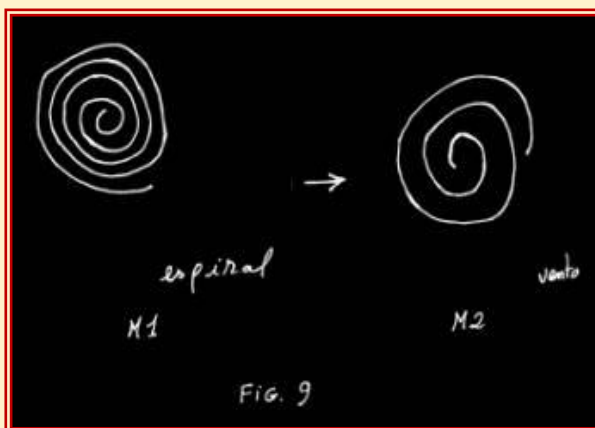
A hiperestesia, a telepatia e a percepção remota, a serem devidamente estudadas e manipuladas, poderiam configurar precisamente esse anseio de uma **comunicação universal** ideal, mente-a-mente, consciência a consciência.

E isto tanto a nível inter-humano quanto a nível extra-humano: já porque se prescinde de quaisquer sistemas de signos culturalizados, já porque tudo parece acontecer fora do tempo e do espaço, onde, por conseguinte, as distâncias, quaisquer que sejam, não constituem obstáculo.

Tivemos oportunidade, há alguns anos, de realizar experiências simples a fim de caracterizar semiologicamente o processo telepático humano.

Limitamo-nos a transcrever aqui um breve exemplo, permitindo-nos remeter o leitor interessado para o texto completo: “**Comunicação telepática e hiperestésica sob indução hipnótica**”, publicado em “Arte, Comunicação e Semiótica” (Edições UFP, Porto, 2003), inserto também nas Atas do Simpósio Internacional “Fronteiras da Ciência” organizado pela Sociedade Portuguesa de Exploração Científica (SPEC) em 1997.

O nosso objetivo prioritário foi colocar em confronto a comunicação hiperestésica e telepática realizadas em dois estados de consciência distintos: em estado de vigília e sob **indução hipnótica**.



<http://www.pedrobarbosa.net/artigos>

Pudemos nesse estudo concluir que, em estado hipnótico, os mesmos sujeitos reagiam com uma precisão inequivocamente superior à do estado de vigília, o que explicará por que razão os inúmeros depoimentos de “contatados” e “abduzidos” referem uma espécie de indução mental de tipo hipnótico que os imobiliza ou adormece antes e durante a interação comunicacional com **seres alienígenas** (cf. adiante os 4 casos de contato alienígena analisados).

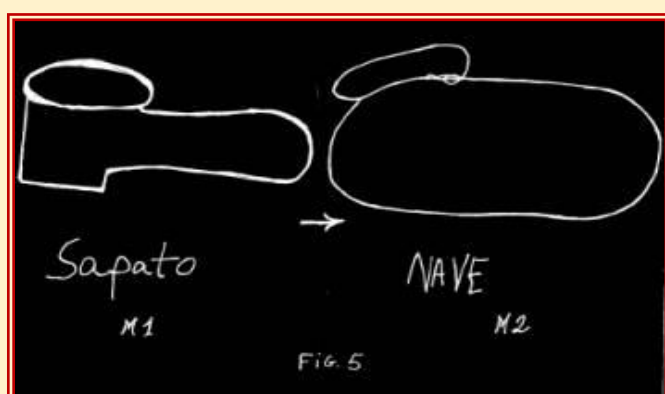
Designando sempre por **M1** a mensagem de origem “induzida” à partida e por **M2** a mensagem “captada” à chegada, efetuamos experiências em salas separadas, usando *imagens* associadas a *palavras* que lhes correspondessem e traduzissem a sua “ideia”. Pretendíamos discernir os elementos visuais e conceituais que passavam de M1 para M2.

Para abreviar traremos para aqui apenas dois exemplos.

Note-se, na Fig. 9, que o movimento de rotação da espiral emitida e da espiral captada são inversos porque o sujeito emissor e o sujeito receptor, embora à distância, se encontravam de frente um para o outro e, portanto, em orientação espacial oposta; contudo, se as imagens são notoriamente equivalentes, já o mesmo não acontece com as palavras escritas e captadas por baixo (espiral e vento).

Esta experiência foi realizada sob **estado hipnótico**.

Já a experiência ilustrada na Fig.5 foi realizada nas mesmas



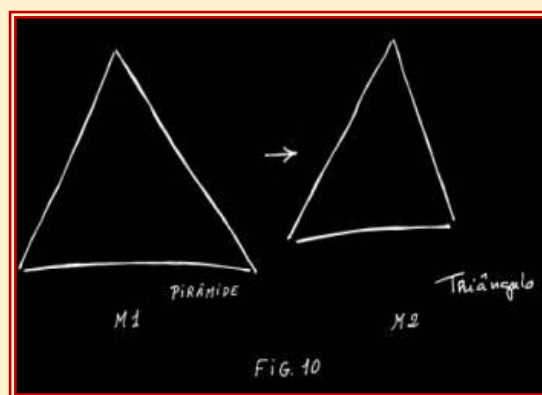
condições que a anterior, mas em **estado de vigília** (com o sujeito acordado, embora depois de ter sido hipnotizado): e observe-se que a correspondência das imagens é bem menor.

<http://www.pedrobarbosa.net/artigos>

Tanto assim que o sujeito receptor, ao ser instado para que escrevesse uma palavra correspondente ao que desenhou, e após longa hesitação, interpretou o seu próprio desenho como sendo uma “nave” (M2) e não como um “sapato” (M1). Do mesmo modo a “espiral” foi *interpretada* como “vento” no caso da figura 9.

Tudo indica que se a “imagem” foi subliminarmente captada com grande fluidez, o mesmo não aconteceu com a “ideia” materializada na palavra: ou seja, o sujeito receptor limitou-se a **interpretar** a *imagem* por ele captada (em M2) e não a receber diretamente a *ideia* de M1. O que aparentemente terá sido captado foi, pois, a “forma visual” de M1 (elemento sensorial) e não a “ideia” (elemento conceptual).

A experiência seguinte baseou-se na ideia de “pirâmide”, ideia que nos foi sugerida por uma aluna universitária presente para que não ficassem dúvidas sobre qualquer hipótese de combinação prévia minha com o sujeito-receptor. De notar que eu estava pouco concentrado na ideia de pirâmide, mas antes em como a concretizar visualmente, sabendo da minha manifesta inépcia para o desenho.



<http://www.pedrobarbosa.net/artigos>

Assim ficou desenhado no papel um simples triângulo, tendo sido escrita por baixo a palavra “pirâmide” (M1). O sujeito receptor, agora **previamente hipnotizado**, mas de olhos abertos, fixou-me atentamente na testa (tudo foi filmado em vídeo para análise posterior) e de imediato realizou o desenho de um “triângulo” sem a menor hesitação, enganando-se contudo na “palavra-ideia”, onde escreveu “triângulo” em vez de “pirâmide” (Fig. 10). Os intervalos entre os traços e o alongamento dos ângulos devem ser examinados tendo em conta a simetria do posicionamento entre emissor e receptor (no vídeo, disponibilizado no YouTube, é tudo mais explícito:

<http://www.youtube.com/watch?v=rwObfz0Mrzk>).

Estas e outras experiências similares levaram-nos a concluir que o sujeito-receptor apenas “interpretava” *a posteriori* a sua própria imagem (M2) – essa sim, captada extrassensorialmente e materializada no papel – daí ter escrito “triângulo”, que era o que ele via, e não aquilo em que eu *pensava* enquanto sujeito-emissor (a ideia de “pirâmide”).

Uma vez mais se constatou, no âmbito do contexto descrito, que a componente sensorial da comunicação hiperestésica ou telepática foi quase sempre parcialmente conseguida, ao passo que a componente conceitual resultou inteiramente nula.

Assim:

**M1 = M2 → na componente sensorial (icónica, analógica e emocional)
da comunicação (pathos)**

**M1 ≠ M2 → na componente conceptual (verbal, arbitrária,
convencional) da comunicação (logos)**

O que justifica o modelo de uma comunicação cindida em duas mensagens, como adiante será referido. E bem assim o termo adequado de “telepatia” para este fenómeno extrassensorial (sensação à distância), mas não já a errada designação comum de “transmissão de pensamento”. Estamos a falar de telepatia humana, como é óbvio!

Importa ainda esclarecer que, noutros casos e com outros “sujeitos” em estado hipnótico, estes fenómenos de comunicação hiperestésica e telepática não ocorreram. E ainda que não tenhamos podido fazer quaisquer experiências sistemáticas orientadas nesse sentido para que possamos extrair conclusões em definitivo, a nossa experiência neste campo sugere que:

- Não é a hipnose, por si mesma, que desencadeia estes fenómenos comunicacionais; a hipnose apenas os potencia nos sujeitos “sensitivos” que já os manifestam mesmo em estado normal de vigília.

O estado modificado de consciência que a **hipnose** propicia, talvez pela concentração e pela agudização da percepção criada no sujeito, apenas **potencializa** as capacidades sensitivas de quem naturalmente já as tem, **não as cria** em quem as não tem.

- As faculdades PSI e hiperestésicas parecem depender sobretudo do sujeito receptor (do “sensitivo” em estado hipnótico), muito mais do que do sujeito emissor ou do “hipnólogo”. Contudo, sendo a hipnose a indução de um estado alterado de consciência de um indivíduo para outro, parece-nos mais correto, por isso mesmo, falar aqui em “**relação hipnótica**”. Sendo um fenómeno relacional, ele implica necessariamente os dois sujeitos: o indutor e o induzido, o hipnólogo e o hipnotizado.
- Por indução hipnótica (ou por auto-hipnose) produz-se então uma amplificação das sensações (hiperestesia), gerando um aumento da atenção dirigida e assim bloqueando no sujeito hipnotizado as interferências da corrente de consciência e os estímulos provenientes do meio exterior (tal como acontece na erradamente chamada “meditação espiritual”).

Que pode enfim a Semiótica ajudar-nos a concluir da análise comparativa destas experiências relatadas, ainda que o seu reduzido número não nos proporcione quaisquer conclusões de carácter estatístico? Antes do mais, isto acarreta uma alteração básica no modelo corrente da comunicação.

Em lugar da comunicação habitual, mediada por uma **única** mensagem unidireccional (feita de sinais materiais) entre emissor e receptor:

Emissor → MENSAGEM → Receptor

ocorre aqui uma dupla comunicação simétrica, cindindo-se o processo comunicacional em “**duas mensagens**” (a do indutor e a do induzido – M1 e M2), dirigidas para um mesmo centro (PSI) em sentido oposto, o que obriga a uma dupla interpretação:

Emissor → MSG 1 { ... PSI? ... } MSG 2 ← Receptor
(zona do desconhecido)

Entre M1 e M2 intercala-se um hiato que é preenchido justamente pela zona do nosso desconhecimento: ondas ou estados vibratórios mentais (PSI) de natureza ainda ignorada?

Mas fica então o dilema: como **certificar/garantir** que M1 corresponda a M2, senão *a posteriori*? Ou seja, que a comunicação se estabeleceu corretamente?

Daqui extrairíamos, para o caso da **telepatia humana** (e sublinhamos, humana), as seguintes conclusões:

- A **falibilidade** e a **inverificabilidade**, senão *a posteriori*, da mensagem estabelecida entre Emissor e Receptor: a rigor, passa a haver duas mensagens, separadamente ou duplamente interpretadas por parte do emissor e por parte do receptor.

Tudo isto derivado do hiato estabelecido na comunicação {...}, intervalo PSI (ou caixa negra), na qual nada sabemos do que realmente se passa em termos semióticos; isto acarreta um elevado **grau de incerteza** na fiabilidade do processo telepático, o qual só após verificação, por confronto das duas mensagens materializadas, M1 e M2, pode ser certificado (grande margem de erro e de insegurança, em suma).

- A linha **emocional** e **sensorial** (expressão icônica) é a que se institui prioritariamente na comunicação hiperestésica, enquanto a linha conceitual e racional (expressão verbal), se é que existe, não a pudemos constatar em nenhuma das experiências realizadas. Foi a interpretação dada pelo sujeito receptor à sua própria mensagem M2, por ele mentalmente captada e depois materializada, que atribuiu um sentido à mensagem espontaneamente captada a partir de M1. Parece, pois, que a comunicação se cinde em dois fluxos, e que só o fluxo sensorial (icônico) é emitido e realmente captado – o que constitui uma séria limitação à comunicação hiperestésica.
- Mais: se assim for, poderá falar-se com propriedade de **tele-patia** (de pathos, sentimento) mas não de “**transmissão de pensamento**” (do logos), já que nada de conceitual pudemos verificar durante a transmissão.
- A “telepatia”, em sentido corrente, comunica a **forma da expressão** (imagem) diretamente, não a **substância do conteúdo** (cf.: ideia de “sapato” vs ideia de “nave espacial”) – fica um **hiato** {...PSI...} que o estado atual do nosso conhecimento científico não apreende e que passa por cima da **matéria de expressão** (para utilizar conceitos de Hjelmslev), pois não há a intermediação de sinais materiais, como acontece na comunicação corrente (verbal, visual ou outra).
- Finalmente, há que ter em conta a dificuldade da teoria semiótica para fazer face à **natureza subliminar**, espontânea e aparentemente não consciente, da comunicação hiperestésica e telepática. Algo mais do âmbito da neurologia e da psicologia.

Tudo isto se torna muito esclarecedor quando à luz destes elementos analisamos os relatos de abduzidos e contatados por seres alienígenas. Como se processa essa comunicação e aprendizagem?

Por norma o padrão é sempre o mesmo: são levados até um local, espécie de nave ou de laboratório, onde lhes é mostrada uma espécie de filme holográfico, tipo “realidade virtual”. Colocados perante esse fluxo de imagens icônicas (as mais das vezes versando o tema apocalíptico da crise ecológica do nosso planeta), os abduzidos são levados a “interpretar” essa mensagem (como se fosse M2) aparentemente induzida, projetada ou criada pelos seus abdutores alienígenas (algo como M1). Ora, uma “interpretação” é sempre falível e diferenciada por parte dos receptores humanos, assim se compreendendo melhor a diversidade das “mensagens proféticas” ou “canalizadas”, tantas vezes contraditórias, que cada contatado ou abduzido se sente depois na obrigação de divulgar à comunidade humana. Tudo isto é quase sempre vivenciado como um estranho sonho, mas um sonho vivido como real, o que também se torna compreensível quando relacionamos a interação mental alienígena com a indução hipnótica ou o controle mental subliminar propiciados por um estado de consciência próximo do “sono” (nunca vivenciado como um sono natural). Dois livros singulares, onde todo este processo de intervenção alienígena é minuciosamente descrito na primeira pessoa, são dois depoimentos impressionantes de abduzidos americanos que aqui citamos para reflexão:

“*Beyond My Wildest Dreams – Diary of a UFO abductee*”, de Kim Carlsberg, e “*The Keepers – An Alien Message for the Human Race*”, de Jim Sparks e com prefácio de John Mack. Quanto a nós, estes dois livros (tal como alguns dos relatos do CTEC adiante analisados, em especial o 1º, o 2º e o 3º casos) ganham uma outra consistência à luz do que aqui sugerimos.

A voluntariedade/involuntariedade dos “signos” emitidos e dos “signos” captados permitiria a elaboração de uma matriz que, numa espécie de cálculo semiótico (U. Eco), se aplicasse ao âmbito das modalidades de comunicação PSI extrassensorial, seriando os principais tipos deste processo comunicacional. Em síntese, fique então o seguinte quadro de diferenças entre Hiperestesia (presencial), Telepatia (transmissão à distância com intenção mútua do agente e do percipiente), Sugestão Telepática (intenção telepática só do agente emissor) e Percepção Remota ou adivinhação telepática (com intenção telepática só do percipiente):

Cálculo Semiótico

(signos diferenciados pela Intenção e Proximidade por parte do Emissor e do Receptor)

	IE Intenção do Emissor	IR Intenção do Receptor	PE/R presença entre emissor/recep tor
HIP – hiperestesia (em presença)	+	+	+
TP – telepatia (à distância)	+	+	-
ST – sugestão telepática (a distância)	+	-	-
PR – percepção remota (a distância)	-	+	-

Estes casos elementares analisados entre humanos esclarecem o que é descrito pela maioria das testemunhas que se dizem “contatadas” por seres alienígenas. O processo parece algo idêntico, embora muito mais controlado e eficaz, sugerindo técnicas hipnóticas de controle mental muito mais desenvolvidas e eficazes por parte dos aludidos seres “alienígenas”.

IV – ARQUIVOS CTEC

Análise de 4 depoimentos de contato comunicacional

Es posible que haya un insalvable desnivel de psiquismo entre los supuestos visitantes y nosotros. Una comunicación eficaz implica la comprensión del mensaje recibido. Pero supongamos que las especies que merodean por nuestra atmósfera hayan seguido otra línea evolutiva; su inteligencia se ha desarrollado en diferente dirección o pertenecen a sistemas que nos son abismalmente extraños (multidimensionalidad, universos paralelos, frecuencias vibratorias interpenetradas, «realidades probables» de Seth, etcétera), con un mecanismo cerebral (y su consiguiente proceso lógico), aparato psíquico y dotación sensorial fantásticamente diversos a los del Homo Sapiens. En tales circunstancias (muy probables además en un universo cuya primera magnificencia observable es su asombrosa diversidad), cabe esperar barreras mentales y lógicas infranqueables, la incomunicabilidad radical entre sistemas. Lo que no debe de extrañarnos, pues somos incapaces de dirigir signos y señales reconocibles a los millones de especies animales que nos rodean y no sabemos decirle «me gustas» a un rododendro.
«EL origen del Conocimiento Superior»:
http://www.menphis75.com/contattati_da_alieni.htm

Passemos então a examinar quatro casos do Arquivo CTEC em que a presumível comunicação com seres alienígenas em Portugal, no século XX, é descrita de modo minimamente analisável.

Importa acrescentar que, dentre os inúmeros casos compulsados, apenas retivemos:

1º) aqueles que manifestavam de modo explícito alguma forma de comunicação entre os seres alienígenas e os humanos contatados;

2º) e ainda, dentre estes últimos, apenas selecionamos quatro deles por nos parecerem os mais fiáveis e linguisticamente coerentes.

Este foi o nosso crivo e o critério seletivo.

E iremos neles assinalar, com sublinhados e negritos nossos, as passagens mais significativas dos depoimentos que poderão ser relacionáveis com tudo o que atrás ficou exposto.



Acervo do autor

Refere o testemunho: (cortado na fotocópia, cf. pelo original)

1º CASO

(caso nº 9, dimensão 4, referência nº6)

Testemunha: Alberto Manuel da Costa Rodrigues Martins

Local: Benfica, Lisboa

Data: Abril 1978

“Às 24 horas do dia 21 de Abril de 1978, senti que algo me obrigava a entrar num estado de “desdobramento”; deitei-me e comecei logo de imediato a ter a visão de uma cidade flutuante o que parecia um aglomerado de cubos depositados numa base mais ou menos triangular, possuindo também vários focos, dois dos quais se movimentavam, e de um momento para o outro vi à minha frente a nave discoidal onde pude distinguir através das janelas existentes em redor de toda a nave um homem e uma mulher; acenei-lhes instintivamente, no que fui correspondido com um aceno e um sorriso; a partir deste momento encontrei-me no interior da nave, onde a partir daí entrei em diálogo amistoso com os extraterrestres, no que se falou da nossa evolução que se encontra muito por baixo, na qual eles nos querem ajudar, mas que para isso temos que evoluir moralmente para nos tornarmos iguais a eles, dignos de imensos segredos para os quais não estamos preparados;

a dado momento dei conta que me injetavam um líquido verde que me parecia viscoso, perguntei para que era, ao que me disseram que era para me preparar para uma operação ao cérebro, perguntei qual o motivo, disseram-me, a médica de bordo e o comandante, que me queriam ativar a parte cerebral que se encontra adormecida, para que pudesse entrar com mais facilidade em contato com eles, daí para a frente nada mais sei pois fui obrigado a acordar bruscamente com o choro desesperado da minha filha... [...]

Voltei a deitar-me acordando na manhã seguinte por volta das 9h devido a uma espécie de formigueiro no braço direito onde fui injetado, o que se repetiu por mais duas vezes até que acordei definitivamente”.

Realçaram-se aqui algumas expressões que são claramente indiciadoras de um “condicionamento mental” (*“senti que algo me obrigava a entrar”*) ocorrido durante o sono e, como acontece na maioria dos casos de abdução noturna, durante um sono aparentemente perturbado por um limiar cataléptico entre a sensação de dormir e não dormir, de sonhar e estar acordado.

Registe-se ainda o esboço de linguagem gestual correspondida (*“acenei-lhes instintivamente, no que fui correspondido com um aceno e um sorriso”*) e a referência a um “diálogo amistoso” que, no entanto, não é explicado como acontece: (*“encontrei-me no interior da nave, onde a partir daí entrei em diálogo amistoso com os extraterrestres”*) Pergunto: telepaticamente?

Embora caia fora do nosso objetivo de análise o estudo do padrão abduativo descrito – e para nós não constitui elemento desvalorizador o fato de a abdução ter ocorrido durante o sono, pois sabemos que é precisamente durante o sono que muitos desses casos ocorrem –, torna-se sintomática em 1978 a descrição-padrão do interior circular da nave (cf. pormenores no desenho 1), o aspecto claramente humano das figuras desenhadas (razão talvez para a sensação de não estranheza), e a espontânea referência aos seus tripulantes como “extraterrestres” e ao seu caráter “amistoso”, muito embora o sujeito se descreva como sendo objeto de uma intervenção cirúrgica de tipo invasivo a fim de poder *“entrar com mais facilidade em contato com eles”*. Aplicação de um implante? Intervenção neurológica?

Em termos comunicacionais, este caso enquadra-se totalmente na **modalidade 3** de comunicação atrás referida, na qual parecem evidentes na descrição da experiência vivida algo como indução mental, comunicação telepática e condicionamento ou mesmo manipulação cerebral.

2º CASO

Ocorrência: Dezembro 1974 a Janeiro 1975

Carta dactilografada dirigida ao SPEC (J. Fernandes) em 29 Setembro 1993

Excerto de uma experiência ocorrida em África (Angola, Tôto), durante a guerra colonial.

(Testemunha: António José Correia de Oliveira Feijão)

“Foi numa noite dessas que por detrás de mim apareceu uma figura branca, da minha altura, 1,80 metro. Rápidamente mudei de posição e olhei-a de frente a uma certa distância. Várias coisas eram estranhas, parecia um corpo iluminado ou pelo menos deveria irradiar luz, mas não. Era ligeiramente desfocada e dava a ideia de haver movimento mas no todo estava estática.

Pareceu-me que sorria e sorri também. Tive a sensação de que produzia um ligeiro vento, mas como estava completamente arrepiado não tive a certeza. Levantei o braço e acenei. Pouco depois desapareceu. Entretive-me a pensar no assunto e concluí que tinha estado em presença de uma projecção de imagem. Outro fato era o de nessa noite não termos tido contato visual com a Nave. Arrependi-me de não me ter aproximado. Fiquei bastante tempo com a tal sensação de frio e já não estava arrepiado (as temperaturas no Tôto eram sempre bem altas).

Falei no dia seguinte a um colega sobre o que vira e obtive a resposta, ‘Não me lixes’. Senti que tinha perdido uma oportunidade espantosa e revoltei-me comigo mesmo. Julgo que dois dias depois, a cena repetiu-se. Eu estava perfeitamente calmo. Aproximei-me e de fato aquela figura sorria mesmo e produzia uma ligeira brisa. Apesar de desfocada acho que era um homem, de aparência igual à de qualquer homem. Havia movimento por detrás dele, e era de outros vultos que também me olhavam.

É um pouco difícil explicar a partir deste ponto. Imagine que conversando com alguém, pensa e exprime-se falando. É normal.

Agora suponha que incontrolavelmente a fala sai-lhe numa língua completamente estranha. Você sabe o que pensa mas não entende o que diz. Pode concluir que está a dizer o que pensa.

Imagine agora que ‘sente’ que lhe falam dentro de si.

Não como uma voz dentro da cabeça, mas como um sopro que entende como palavras. Não como o pensar, mas como o ato de pensar dentro de um vácuo. Eu sei que não é fácil imaginar isto mas faltam-me palavras para definir melhor esta sensação.

A minha voz soava-me muito baixa e fraca, sem controle do que pensava sobre o que queria dizer em português. Não ouvia som nenhum vindo deles, mas entendia-os dum modo estranho, tipo empático. Convidaram-me a acompanhá-los. Recusei. Voltei a fazer as mesmas perguntas, quem eram, de onde vinham, como se chamavam.

Perguntaram-me quem era. Respondi e devolvi a pergunta. Se precisavam de ajuda, insisti. Mantinham-se sorridentes e desapareceram.

Fiquei sem perceber nada, completamente confuso com tudo, incapaz de raciocinar duma forma coerente. Lembro-me de passados uns instantes, ter achado que fiquei muito estranho por um curto espaço de tempo.

Não percebi porque não responderam às minhas perguntas, uma vez que tinha entendido perfeitamente o convite e o saberem quem eu era.

Passado uma hora talvez, estava sentado quando senti alguém ao pé de mim. Desta vez não era um vulto luminoso, mas sim negro e de feições claras. Ligeiramente mais baixo que eu, não consegui distinguir-lhe bem a cara por no ponto em que estávamos ser pouco iluminado. Também não falamos, tudo se passou telepaticamente, com a confusão daquilo que pensava com o que queria dizer e ao mesmo tempo ‘sentindo’ a fala do outro.

Perguntei quem era, respondeu-me que ficaria a saber ou a perceber se o acompanhasse. – O que fazia ali?, qual a intenção de eu o acompanhar? – Que queria mostrar-me algo. ‘Falamos’ durante algum tempo, não me recordo já todas as perguntas que fiz e muito menos da ordem por que foram feitas.

Faço notar que tinha 19 anos, e naturalmente fiz perguntas do gênero: se ele viajava no passado e no futuro, como é que o homem apareceu na Terra, e coisas desse tipo. Sentia um ‘sopro de fala’ como resposta mas não entendia claramente. – Qual a razão de entrar em contato comigo e querer mostrar-me não sei o quê, por que a mim? Foi-me dito muita coisa que não entendi mas que era relacionado com algo que era necessário fazermos (não percebi quem). Qualquer coisa que devia ou não ter sucedido e que era preciso enfrentar tomando determinado tipo de medidas e era justamente isso que me queriam mostrar. (Esta descrição é feita com palavras minhas do modo como interpretei o que me foi dito). Respondi que não estava ao meu alcance remediar nada nem tão pouco podia tomar decisões.

Expliquei-lhe mais ou menos como estava dividida a Terra, os continentes, as raças e o sistema político e de comando, posicionando-me nele.

Ofereci-me para o apresentar aos meus chefes. De repente fez-me a continência à qual respondi e começou a andar em direcção ao taxiway.

Era um andar deslizante, talvez como se não dobrasse as pernas ao andar e sem produzir ruído afastou-se mais depressa do que eu esperava. Não vi nenhuma nave à espera dele, e bem olhei em volta a tentar perceber onde se metera.

A minha maior decepção foi que a todas as perguntas que lhe fiz, senti que na verdade ele me respondia, só que não era claro para mim, o que é estranho visto eu perceber outras coisas que de um modo mais ou menos claro lhe tirei o sentido, pelo menos julgo ter tirado.

Decorria já o mês de Dezembro. A presença do OVNI junto a nós continuou a ser quase uma constante nocturna, e chegou finalmente o dia em que abandonámos o destacamento, e fomos passar o Natal ao Negage, o principal Aeródromo no norte.

Escusado será dizer que das primeiras coisas que fiz foi contar esta história aos colegas de quarto. Os outros pelo seu lado fizeram o mesmo e chegamos à conclusão que ninguém acreditava ou punham demasiadas reservas.

Até uma noite, já em Janeiro de 75, que o OVNI fez a sua aparição no AB 3, Negage. A Base ficou literalmente iluminada como se fosse um dia cinzento.

Aqui não faço a mínima ideia de quantos homens lá estavam, 1500, 2000 a assistir. Alguns colegas olharam para mim e perguntaram-me se eu não era um extraterrestre.

Concluindo:

Durante o dia cheguei a deslocar-me ao ponto estimado onde aparecia a nave, muito próximo do rádio-farol. Nunca cheguei a ver nada de estranho ou qualquer marca que me chamasse à atenção.

Tentei bater o capim em volta, mas fui atacado por abelhas e não fiquei com vontade de tentar de novo. (Era normal haver abelhas por ali).

Tínhamos vários cães dentro do destacamento e nunca nenhum deles se manifestou, chegando mesmo a afastarem-se.

Não faço a mínima ideia de quantas vezes apareceu o OVNI, perdi-lhe a conta, assim como também não faço ideia de quanto tempo estive a falar com aquelas figuras.

Quando a nave desaparecia, reparamos a certa altura que se desenhava um risco no céu tipo estrela cadente mas a subir sempre na direção norte-sul.

Julgo ter entendido que o fato de eles passarem por nós se prende com uma determinada deslocação que fazem e a interrompem como quem está à espera de maré propícia a seguir viagem.

As palavras por mim ditas, soaram-me como terminadas quase todas em Í (carregado) e ÍO.

O 1º comandante chamou-me e pediu-me um breve relato de tudo o que aconteceu no destacamento, fiquei com a impressão que mesmo assim não deu importância. O 2º comandante pediu-me o mesmo por escrito mas não o fiz.

Sentirei sempre que muito se devia ter feito naquela altura, mas as condições em que nos encontrávamos não o permitiam. Tentei por exemplo junto do soldado condutor convencê-lo a fazer uma ligação nos faróis de modo a acendê-los remotamente de modo alternado, no meio da placa, virado para o local onde a Nave aparecia. Opôs-se. Na verdade todos nós ignoramos um pouco a situação.

No essencial, penso não ter esquecido nenhum pormenor importante.

António José Correia de Oliveira Feijão

Aparentemente. todo este relato poderá ser apressadamente interpretado como um ‘sonho’ estranho. Qualquer cético ou analista relutante partiria logo deste pressuposto.”

Contudo, para quem esteja familiarizado com os muitos casos idênticos de vivências abduativas, conseguirá discernir a diferença e identificar aqui o padrão comum da abdução na experiência rememorada.

Comentemos algumas passagens significativas que deixamos sublinhadas:

- *“Pareceu-me que sorria e sorri também”*: correspondência comunicacional subliminar;
- *“Levantei o braço e acenei”*: idem;
- *“Incontrolavelmente a fala sai-lhe [à testemunha] numa língua completamente estranha. Você sabe o que pensa mas não entende o que diz. Pode concluir que está a dizer o que pensa”*: indução mental? Telepatia? Emissão da substância do conteúdo (conhecida) numa forma de expressão (desconhecida)?

Curioso, pois é a primeira vez que nos defrontamos com a descrição de algo assim, exatamente o oposto do que atrás descrevemos nas experiências de telepatia humana sob hipnose! Glossolalia? Transcomunicação mental involuntária? Seja como for, aparentemente um processo enquadrável no MODO1, mas estranhamente no sentido inabitual, pois partiu do ser humano para o ser alienígena, como se absorvesse algo por indução mental do MODO3;

- *“As palavras por mim ditas, soaram-me como terminadas quase todas em Í (carregado) e ÍO”*: curiosamente, isto muito se aproxima do que atrás dissemos a propósito do Irdin. Teria sido o depoente induzido mentalmente (MODO3) a falar na própria língua dos ETs, quiçá o Irdin? (MODO1 invertido ou MODO2?) – a ser assim, é o único caso deste tipo que conhecemos!!!;

- “*Sente que lhe falam dentro de si*”: claramente, o MODO3, mediunidade induzida? Telepatia? E sutilmente caracterizada assim a sensação: “*Não como uma voz dentro da cabeça, mas como um sopro que entende como palavras. Não como o pensar, mas como o ato de pensar dentro de um vácuo*”;
- “*A minha voz soava-me muito baixa e fraca, sem controle do que pensava sobre o que queria dizer em português*”, idem;
- “*Não ouvia som nenhum vindo deles, mas entendia-os dum modo estranho, tipo empático*”, idem pelo lado inverso;
- “*Não percebi porque não responderam às minhas perguntas, uma vez que tinha entendido perfeitamente o convite e o saberem quem eu era*”: dupla percepção telepática, do conteúdo e da intenção de comunicação (curiosamente, um misto de TP e AT, tal como referimos atrás no quadro para a Adivinhação Telepática) (MODO3);
- “*Não falámos, tudo se passou telepaticamente, com a confusão daquilo que pensava com o que queria dizer e ao mesmo tempo "sentindo" a fala do outro*”: idem, mas com esbatimento das intenções do agente e do percipiente? Algo próximo da hiperestesia? (ver atrás o quadro Semiótico: HIP);
- “*Sentia um ‘sopro de fala’ como resposta mas não entendia claramente*”: cf. atrás o que dissemos sobre a falibilidade e inverificabilidade do processo telepático...(MODO3);
- “*A minha maior decepção foi que a todas as perguntas que lhe fiz, senti que na verdade ele me respondia, só que não era claro para mim*”: idem, mais claramente reforçada a falibilidade do processo telepático (MODO3).

Em suma: que nos ensina este interessante relato de um avistamento OVNI bem característico da época, acompanhado de encontros imediatos de diversos graus? Em termos da comunicação estabelecida, tudo reforça a ideia de um condicionamento mental, de tipo claramente telepático. Mas, aqui, o mais surpreendente não é apenas o sujeito humano “captar” empaticamente os conteúdos mentais dos seres alienígenas, mas sim o fato de chegar a falar, sem saber como, numa língua que lhe é totalmente estranha, embora admita que ela traduz o seu pensamento. A língua “deles”? O Irdin? Outra língua alienígena? Ou seja, emissor e receptor falam a mesma língua, mas aqui é o sujeito humano que se exprime na língua dos alienígenas e não, o que é mais corrente, os alienígenas que falam (ou passam a sugestão de que falam) na língua terrena nativa do humano contatado.

E uma análise linguística atenta não deixa brechas para que possamos duvidar, à partida, da autenticidade subjetiva nem da sinceridade investida neste depoimento!

3º CASO

Mangualde, carta de 16 de Março de 1979.

Testemunho de professora que não deseja ser identificada, membro Rosacruz, onde afirma ter “aprendido a transmitir e receber o pensamento das pessoas, comunicar à distância, sem outra ajuda que não a do próprio pensamento”.

“Fiz duas experiências seguidas uma à outra, no mesmo dia e mês de Setembro, com um objeto voador, a que chamarei de “nave”. Uma delas, a primeira, foi confirmada por 4 pessoas, os meus dois filhos, de 15 e 19 anos, e dois primos (irmãos), um deles engenheiro nuclear da F.A.P. e a irmã doutorada em Farmácia.

Eram 2h30 da manhã. Estávamos juntos, pois nossas casas têm um pátio comum. Preveni-os do que iria fazer; primeiro, tentar entrar em contato com o tripulante da nave, se fosse tripulada, e depois pedir-lhe que, se caso apanhasse o meu pensamento, fizesse o movimento de subir, descer, recuar e avançar.

Pois bem, a nave estava num determinado ponto do espaço, parada, em movimento de rotação, e mudando alternadamente de cor, ora verde, ora amarela, ora vermelha, além de outra cor indistinta entre o azul e o anil. Mas, ao fazer o meu pedido, ela executou, primorosamente, os movimentos que lhe indiquei.

Fiquei espantada, melhor, estupefata, pelo acontecimento.

Ato imediato, pedi ao tripulante, tão “gentil” que me enviasse a sua imagem. Esta experiência só eu a posso testemunhar, pois não pode ser confirmada.

Então vejo, via pensamento, um homem forte, alto, branco, de olhos claros, cabelos muito loiros pelos ombros, cheios de ondas pequeninas.

E barba a acompanhar o tamanho do cabelo.

Esse homem sorriu-se para mim.

Passados dois dias, foi então que aconteceu o meu contato direto com eles. Durmo com minha filha. Costumamos ler até muito tarde.

Nessa noite, sem sono, estávamos a ler. Era 1h30 da manhã.

Sem eu saber como, encontro-me fora da minha cama, num lugar que não reconheci; tal como estava vestida, de camisa de dormir só de alças, pois o calor era grande. Estou num lugar qualquer, com uma nave redonda por cima da minha cabeça; há uma escada de metal não pintado, estreita, formada de braços sem arestas, que eles soltam para eu subir, o que fiz.

Subi os degraus, encontrei-me num corredor com portas várias dos lados. Era tudo cor de café com leite clarinho. Fui para o fundo, onde havia um compartimento completamente vazio. Não me sentei.

Não sei como a nave era comandada. Sei que o “homem”, com quem viajei, era exatamente igual no aspecto a qualquer homem terreno: era muito alto, teria perto de 2m de altura, forte sem gordura, moreno, de cabelo preto muito pequenino. Nunca lhe vi um sorriso. Não falou, nem eu me lembro de lhe ter feito alguma pergunta.

Depois foi deixar-me num local onde chovia bastante, dentro de uma casa tipo barracão, onde estava um outro indivíduo igual a ele. Vestiam ambos de um tecido tipo sarja cinzenta. O tripulante da nave vestia um cinzento novo, e o do outro dava a impressão de ter sido já lavado muitas vezes. Usavam calças e blusão de fecho-éclair. Fiquei no barracão com o outro, bastante tempo. Sei que comunicamos bastante por telepatia, mas nunca consegui lembrar-me da conversa, porque isso não lhes devia interessar. Entretanto o primeiro regressa, vai ao barracão buscar qualquer coisa e volta a sair. Havia umas escadas que davam acesso diretamente da nave ao barracão, feitas em madeira.

Passado tempo, ele regressa novamente.

E eu (isto recordei muito bem, pois foi o que me permitiram fixar) olho para ele e faço para mim esta pergunta: “ – Que terá este tipo andado a fazer?” e a resposta recebi-a imediatamente, através do pensamento, como se fosse dita em voz alta: “Andei a transportar crianças, vítimas de uma guerra”. “– Como te chamas?” “– John.” E nada mais. Subi as escadas com ele, pois sabia que tinha que o fazer. Encontrei-me novamente no mesmo lugar da nave e, a partir daqui, só me lembro que eram 5h da manhã e eu tenho a sensação de estar a entrar na minha cama. Sinto que estou a entrar na cama, sem ser eu a fazê-lo.

Agora falta contar algo relacionado com isto. A minha filha, sem sono nenhum, à 1h30, dá conta de grande barulho, tipo reator, sobre a nossa casa (vivemos numa aldeia a 2 km de Mangualde).

Imediatamente sente que os olhos, sem ela querer, se fecham e lhe dá um sono profundo, que passado pouco tempo termina, e ela não me vê na cama.. Minha mãe, que dorme num quarto ao lado do meu, também ouviu esse grande barulho, e pensou que eram carros à nossa porta [...]. Entretanto a minha filha não se preocupou muito com a minha ausência. Há anos que eu estudo e me dedico ao problema OVNI, e ela começou a apaixonar-se por isso também. Imaginou logo que eu teria sido “levada a dar uma volta” com eles, porque eles sabiam que me interessava muito e não tinha medo.

Ela, realmente, ao ver-me novamente na cama, estava a romper o dia, perguntou-me: “ – Mamã, onde é que eles a levaram?” E eu respondi: “ – Não sei, só sei que onde estive chovia a potes”. [...]

A verdade, porém, é que eles existem. Há-os iguais a nós, já pude comprová-lo. Compreendemo-nos sem falarmos, e não nos querem fazer mal. Já o teriam feito se fosse essa a intenção, há tantos anos que por cá andam. Eu acho até que cá na Terra andarão muitos deles misturados conosco. Os que não podem permanecer cá são aqueles cuja configuração não se assemelha à nossa e horroriza quem os vê”.

[...]

Como é que eu saí de minha casa?

Como é que eu entrei?

Por que me levaram?

Porque não consigo lembrar-me de tanta coisa que eu gostaria de saber?

É uma incógnita”;

Só mais tarde a depoente se recordaria do nome do ser que a contactou:

“...a tal palavra que me surgiu com insistência suponho que foi depois da tal imagem do homem loiro: é ILICRANÈ, que eu pensei que fosse latim, “illi cranae”.

Notas breves:

- 1) *“Compreendemo-nos sem falarmos” e “Sei que comunicamos bastante por telepatia, mas nunca consegui lembrar-me da conversa”*: caso óbvio de comunicação telepática com a particularidade de o “encontro”, a ser real, ter sido propiciado por indução telepática voluntária da contatada (o que, confesso, me deixa alguma perplexidade porquanto se sabe que normalmente este fenômeno dificilmente é orientado e dirigido voluntariamente por parte dos seres humanos) – MODO3;
- 2) *“Sente que os olhos, sem ela querer, se fecham e lhe dá um sono profundo, que passado pouco tempo termina, e ela não me vê na cama”*: exemplo de indução hipnótica paralisante das testemunhas presentes durante uma abdução (caso-padrão) – MODO3;
- 3) *“Há-os iguais a nós” e “E não nos querem fazer mal. Já o teriam feito se fosse essa a intenção, há tantos anos que por cá andam.*

Eu acho até que cá na Terra andarão muitos deles misturados connosco”: o que igualmente confirma a nossa afirmação no início deste estudo, de que muitos “alienígenas” assumem a forma humana e se misturam conosco sem se darem a conhecer como tal (nomeadamente os Antarianos).

Observação: se todo este relato não foi um “sonho” (o que não invalida liminarmente o testemunho, pois é sabido quantas vezes estes contatos são efectuados durante o sono), houve **condicionamento mental** em relação à testemunha. Por que ousou ela entrar na “nave” sem qualquer receio ou hesitação?

Por que não retirou informações mais precisas de uma oportunidade tão especial para esclarecer um assunto que, segundo diz, a apaixonava há muito? Sem querermos ousar duvidar do depoimento (nem sequer temos suporte para o fazer, quer pela negativa quer pela positiva), este relato parece inscrever-se mais nas experiências subjetivas estudadas por Jung em “*Un Mythe Moderne*”, como constituindo a emergência de um arquétipo profundamente enraizado no nosso inconsciente colectivo...

4ª CASO

«Diário de Notícias» - FUNCHAL

18/02/1979

Título: “Jovem madeirense protagonista de encontro imediato de 3º grau”

Um jovem madeirense de dezenove anos de idade é um dos únicos (ou muitos?) seres humanos que foi contactado e “viajou” até outro planeta do nosso Universo, tendo sido levado até lá, por duas vezes, a bordo de uma nave extraterrestre.

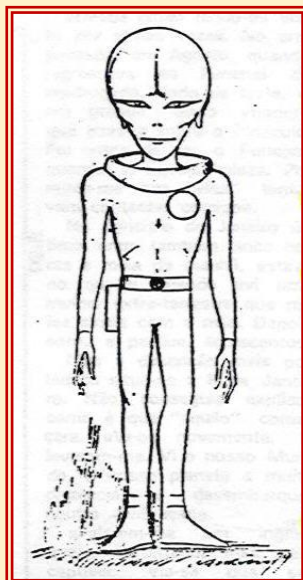
O primeiro episódio da insólita experiência registou-se na madrugada de um dia de Dezembro de 1977, cerca das cinco horas e trinta minutos. Segundo a testemunha, a qual por razões óbvias mantemos no anonimato, vários outros “contatos” foram estabelecidos posteriormente, não se tendo contudo dirigido a ninguém mais cedo porque o podiam considerar “demente” ou lunático. [...]

Também na Madeira, como em muitos lugares da Terra, desde há muitos anos que algumas pessoas, ligadas diretamente à astrognose e ao mentalismo, recolhem dados que lhes permitem afirmar que o arquipélago da Madeira é um dos locais privilegiados onde aterram as naves alienígenas que, conforme o testemunho de hoje, cá vêm tomar os seus “convidados”.

[...]

“Comecei a ouvir um som fantástico. Abriu-se uma claridade no meu quarto. Olhei para cima e vi um grande e fantástico “disco voador” – assim nos começou a contar a sua experiência este jovem, entre uma emoção bastante visível e um relato seguro e circunstanciado. [...]

“Então uma voz falou. Era um ser extraterrestre, que se exprimia num brasileiro pouco compreensível e que disse entre outras coisas: “Não temeis a morte, porque Deus criou os seres terrestres e extraterrestres com espírito”. [...]



Retrato-robô do ovninauta obtido a partir de elementos fornecidos pela testemunha durante o interrogatório. Assemelha-se um pouco ao tipo 1 de “tripulantes” segundo The International Association for the Investigation of the Unexplained. U.S.A.

O contato naquela madrugada de Dezembro de 1977 durou poucos minutos. O clarão apagou-se e os vultos passaram. [...] O seu corpo ficara paralisado até ao desaparecimento do ovninauta.

“Desde então tenho-os visto várias vezes. No ano passado, em Agosto, quando regressava ao Funchal de madrugada, vindo de leste, vi um grande “disco voador” que pairava sobre o Pináculo. [...]

No princípio de Janeiro último, eram também cinco horas e meia da manhã, estava no quarto quando “vi uma mulher extraterrestre que me fez sinais com a mão. Depois sorriu e partiu”. [...] Mas a descrição mais polêmica situa-se a 8 de Janeiro. Não conseguia explicar como é que “aquilo” começara. “Vi-os novamente. E levaram-me. Vi o nosso Mundo, o nosso planeta a muita distância e desembarquei noutra civilização”.

“Falaram-me em inglês, agora. Imperfeito, mas perceptível. Via-se que era aprendido...”.

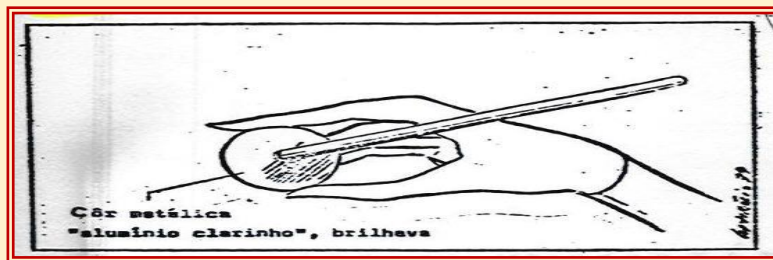
“Subia-se a bordo por uma espécie de rampa que saía do centro do OVNI. Parecia de luz. Não sei como era aquilo! Não posso explicar”.

“O interior era todo cheio de botões e tinha umas janelas que pareciam televisores. Interiormente a cor era branco-nuvem”. Naquela “sala” estavam quatro ovninautas (1). Respondendo a perguntas que lhe foram postas, a testemunha afirmou que os seres eram “lindíssimos”. As vestimentas eram justas ao corpo “assim como uma cor de papel amarelado”; as botas um pouco mais escuras; as mãos estavam descobertas.

“Deram-me um pequeno empurrão, gentil, para entrar. Fiquei sentado numa cadeira. Quando partimos, o que falava comigo disse-me: ‘Take another chair in front of the window for see the World and our planet’”.

O nosso interlocutor revelou-nos ainda que uma nova experiência ocorreu no passado dia 8 de Fevereiro, em que foi levado até ao planeta donde normalmente se deslocam estes seres. “É uma civilização ultramoderna”, disse-nos, acrescentando: “Quando entrei no outro Mundo (o mundo deles) fiquei tão impressionado que não dá para revelar o que vi. Eles vivem com mais uns milhares de anos de avanço sobre nós”.

“Eles disseram-me ainda quando me encontrava a bordo: “O nosso planeta fica muito perto da vossa Terra, mas para vocês demora muito tempo a chegarem lá”.



Aspecto da “sonda” usada pelos seres alienígenas para fazer o “exame médico”

(Cf. atrás o termo antariano KONDONK para designar este tipo de instrumento)

N.B. – Um pormenor interessante relatado por esta testemunha é o de ter sido “submetido a um exame médico” a bordo da nave. “Eles viram a minha saúde. Tinham uma coisa na mão, redonda como um tubinho, que passaram por todo o meu corpo. As pessoas de lá parece que não têm doenças”.

Depois de cerca de quatro horas no espaço, tempo que calcula ter permanecido em “viagem”, o nosso entrevistado diz que se lembra de voltar a casa, sentindo-se atordoado e com formigueiros pelo corpo, especialmente na cara, e tremores de frio”.

Comentários:

1) “*Então uma voz falou. Era um ser extraterrestre, que se exprimia num brasileiro pouco compreensível*”: comunicação na língua nativa do contatado (MODO1).

Por informações documentadas que possuímos (mas que não será aqui o momento de divulgar), essa modalidade tem sido particularmente utilizada pelos Antarianos, que têm a capacidade de assumir a forma humana e de se misturarem entre nós, aprendendo o nosso comportamento ou assumindo-o mimeticamente.

Por isso mesmo, pessoalmente não me causa estranheza que os “ovninautas” deste depoimento falem tão *naturalmente* as nossas línguas, e sintomaticamente o “brasileiro”, já que, entre outros, este “povo antariano” (ao que presumimos saber) se tem vindo a instalar em colônias na floresta amazônica e nos cerrados de Goiás, desenvolvendo a sua ação sobretudo na América do Sul (e também, embora mais discretamente, em Portugal);

- 2) “*Falaram-me em inglês, agora. Imperfeito, mas perceptível. Via-se que era aprendido*”: *idem*, línguas terrenas aparentemente aprendidas pelos aliens para se comunicarem com os humanos. Este caso ilustra bem a modalidade 1 que aqui referimos, em que os seres alienígenas se exprimem usando os idiomas falados no nosso planeta, sobretudo quando assumem a forma humana e pretendem passar despercebidos em convivência conosco. (MODO1);
- 3) “*O seu corpo ficara paralisado até ao desaparecimento do ovninauta*”: indução hipnótica? (MODO3);
- 4) “*Vi uma mulher extraterrestre que me fez sinais com a mão. Depois sorriu e partiu*”: comunicação gestual com entendimento de códigos.

CONCLUSÃO

Aqui é óbvio que haverá que dar desconto ao sensacionalismo jornalístico do relato. E naturalmente abstemo-nos de fazer qualquer juízo de valor sobre a autenticidade dos fatos, pois não dispomos de dados acrescidos ao mero relato, nem sobre a sinceridade do depoente, por mais fantasiosa que possa parecer a muitos a vivência descrita. Vale o que vale, embora não nos cause a nós pessoalmente estranheza o seu lado insólito e o caráter inaudito deste “excursionismo interestelar”.

Há nele uma semelhança manifesta com muitos outros relatos de abdução registados por esse mundo fora: caso-padrão de abdução com experiências médicas (encontro de 5º Grau). Aqui com a particularidade de as várias abduções terem sido feitas com total consentimento do contatado e aparentemente sem qualquer temor. Só isto nos causa, temos de o confessar, alguma perplexidade: pois nem sequer é referida qualquer preparação prévia do “turista espacial” para o efeito. Valerá tão só como mais um exemplo do mito junguiano?

Não há como decidir sem provas extras... Mas quem somos nós para, de dentro da nossa subjetividade, nos pronunciarmos sobre a subjetividade do outro?

Regra de Aimé Michel: *“Manter a mente aberta a tudo e não acreditar em nada”*.

O universo, na sua infinitude, é infinitamente mais criativo do que a nossa finita imaginação pode alcançar. Sabemos isso o bastante para sermos cautelosos face ao que nos parece inverosímil.

A nossa regra investigativa é: duvida sempre do que te é dito, mas não tanto que a tua compreensão se feche ao que te escapa.

E aceitemos a finitude do nosso entendimento ante o incomensurável que nos excede.

Não temos medo de errar – temos medo, sim, dos saberes definitivos.

Sabemos que a verdade humana é o interminável caminho feito sobre a estrada do erro!

REFERÊNCIAS

Arquivo CTEC: Porto, UFP.

BARBOSA, Pedro. **Arte, Comunicação & Semiótica**.

Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2002.

_____. Comunicação telepática e hiperestésica sob indução hipnótica (Análise de uma experiência pessoal). Atas do Simpósio Internacional “**Fronteiras da Ciência**” organizado pela Sociedade Portuguesa de Exploração Científica (SPEC) em 1997, também in “Anomalia”, volume 5, 2001, pp. 115-130. Disponível em: <http://www.pedrobarbosa.net/artigos_online-pdf/artigo-telepatia.pdf>.

Acesso em: 21 mai. 2021.

BLANCO, Javier García. **Humanoides**. Madrid: Editorial EDAF, 2003.

CARLSBERG, Kim. *Beyond my Wildest Dreams (Diary of a UFO abductee)*. Santa Fe-New Mexico: Bear and Company Publishing, 1995.

ECO, Umberto. **A Procura da Língua Perfeita**. Lisboa: Presença, 1996.

_____. *Il Segno*. Milano: Istituto Editoriale Internazionale, 1978.

FONTENELLE. *Entretiens sur la Pluralité des Mondes (1686)*. Association des Bibliophiles Universels, 1993.

JUNG, Carl. *Un mythe moderne*. Paris: Gallimard, 1974.

KAKU, Michio. **Mundos Paralelos**. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2006

LAKE, Gina. **Contato Extraterrestre**. São Paulo: Editora Pensamento, 1997.

LUPASCO, Stéphane. *L'Énergie et la Matière Psychique*. Monaco/Paris : Editions du Rocher, 1987.

MONTES, Juan Díaz. **Humanóides** – Los otros seres. Barcelona: Instituto de Investigación y Estudios Exobiológicos, 2003.

MOURÃO, José Augusto. Hibridismo e semiótica. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, FCSH, n. 29, mai. 2001, pp. 287-301.

ROMO, Rodrigo. **Os Avatares Cósmicos**. Carcavelos: Editorial Angelorum Novalis, 2004;

_____. **A Ajuda que vem do Céu – Operação Resgate**. Carcavelos: Editorial Angelorum Novalis, 2005

SAGAN, Carl. **As Ligações Cósmicas (The cosmic connection)**. Lisboa: Bertrand, 1987.

SPARKS, Jim. *The Keepers (an alien message for the human race)*. Columbus: Wild Flower Press, 2006.

TRIGUEIRINHO. **Portas do Cosmos**. São Paulo: Editora Pensamento, 1997

WAEBER, Rolf; *Who is Who in the Greatest Game of History – An overview of extraterrestrial races*. Canada, USA, UK: Trafford Publishing, 2005

Fontes da *Internet* especialmente compulsadas para recolha de dados e de imagens:

CONOCIMIENTO SUPERIOR – Unidad Bioelectronica del Ser Humano. Disponível em: <<http://www.geocities.com/rosacruz06010/hk1.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2006.

SPECTRO – Mundo Paranormal. Disponível em: <<http://www.mundoparanormal.com/docs/index2.html>>. Acesso em: 21 jul. 2006.